

O Prêmio de Alessandro

Alessandro's Prize
Helen Bianchin



***Sofisticação e sensualidade
em cenários internacionais.***

Ele desejava tomá-la...

Passar férias em Milão parecia perfeito para Lily Parisi. Seu mundo desabara quando flagrou o noivo a traindo, e, depois disso, ela decidiu seguir sua vida por conta própria! Mas não por muito tempo... Ao encontrar Alessandro Del Marco, a quem ela conhecia muito bem, seus planos estariam seriamente comprometidos... Enigmático e com uma sensualidade contida, Alessandro desejava Lily havia tempos, mas nunca se arriscara a conquistá-la, sempre mantinha uma postura de tranquilidade. No entanto, agora que Lily, o prêmio que ele sempre quisera, estava ao seu alcance, seria quase impossível manter o controle...

Digitalização: Projeto Revisoras
Revisão: Simone Chagas





PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com
pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: ALESSANDRO'S PRIZE

Copyright © 2011 by Helen Bianchin
Originalmente publicado em 2011 por Mills & Boon Modern Romance
Arte-final de capa: Isabelle Paiva
Editoração eletrônica: ABREU'S SYSTEM
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A.

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Alessandro Del Marco parou seu carro esporte preto no estacionamento da baía, reservado para convidados da magnífica casa construída à beira do lago Como.

A casa pertencia originalmente a Giuseppe Dalla Silvestri e agora era ocupada por sua viúva, a elegante Sophia, lendária pela ajuda que dava a crianças carentes.

Foi Giuseppe, Alessandro refletiu, que o tirara, adolescente, do abandono das ruas de Milão. Um menino que, com a esperteza das ruas, conseguiu fugir do sistema do governo e rapidamente aprendeu a se defender sozinho.

Giuseppe conseguiu conquistar sua confiança relutante de adolescente e legalizou sua atividade com eletrônicos, além de garantir sua educação e um emprego, que aperfeiçoou suas habilidades nos negócios.

E então, quando viu que estava preparado, apoiou financeiramente a própria empresa de eletrônicos do rapaz. Um consórcio, agora conhecido como as Indústrias Del Marco. O império bem-sucedido que propiciava a Alessandro uma casa luxuosa na colina com vista para o lago Como, um apartamento em Milão e propriedades nas maiores capitais do mundo, além de um jatinho particular e uma pequena frota de carros caros.

Mas nada disso fez com que tivesse uma relação duradoura, foram meros casos temporários de semanas ou no máximo poucos meses, apesar das várias manobras das mulheres para conquistar sua atenção.

Será que estava ficando cansado? Talvez. Mas nunca entediado, somente um pouco fatigado do sexo feminino, que tentava, a todo custo, agradá-lo, agindo de uma forma que, achavam, ele apreciaria. Bonitas, envolventes, socialmente adequadas, inteligentes, visualmente perfeitas... e meramente jogadoras do palco da vida.

A juventude de Alessandro havia sido dura, criando nele uma cautela para que conseguisse lidar com a hostilidade de sobreviver nas ruas. Constantemente atento às demandas dos mal-intencionados, tentando reconhecer se a mão no bolso portava uma faca, um soco-inglês prestes a mutilar ou meramente moedas.

Lutar e ganhar a qualquer custo.

Foi Giuseppe quem praticamente o presenteou com seu tempo e sua perspicácia empresarial, mas foi Sophia que ensinou a Alessandro as proficiências sociais, guiando-o com uma afeição genuína.

Durante os anos iniciais, no fim de sua adolescência, dirimiu quaisquer dúvidas que pudesse ter em relação à dignidade de Alessandro, abrigando-o debaixo de sua asa e da do marido.

Você é um jovem entre homens, igual a eles em todos os aspectos, Giuseppe o aconselhou. *Nunca se esqueça de onde veio... então meça o*

sucesso que conquistou com seus próprios esforços.

Alessandro devia a eles, mesmo que negassem. Giuseppe se tornou o pai que nunca conheceu. E Sophia, bem... faria qualquer coisa que ela lhe pedisse.

Tal como aceitar o convite para o jantar de hoje, que organizou para alguns convidados, no intuito de recepcionar sua sobrinha e afilhada, Lily Parisi, de Sydney, Austrália. Uma moça jovem que conheceu anos atrás quando ela visitou Sophia e Giuseppe com os pais.

Uma garota solene com lindos olhos cor de chocolate e cabelos pretos presos em uma trança e que parecia desconhecer a qualidade de seu sorriso cativante e seu entusiasmo pela vida.

Ela mudara, claro, as fotos que viu comprovavam isso. Ouviu falar também do acidente que causou a morte dos pais de Lily, sobre o sucesso que ela obteve ao assumir o restaurante da família e sobre o noivado malogrado. Para a angústia de Sophia, Lily foi abandonada poucas semanas antes do casamento.

Sophia, em solidariedade à sobrinha, convidou-a para uma visita por tempo indeterminado... uma oferta que foi prontamente aceita.

Sophia insistia que a família era prioridade na vida, o que era compreensível, já que ela e Giuseppe não puderam ter filhos.

Alessandro saiu do volante e travou as portas, respirando fundo o ar noturno do fim de fevereiro. Uma época do ano que estava entre a imprevisibilidade de um inverno prolongado e a indescritível suavidade da primavera.

O céu escuro da noite, evidenciando ameaça de chuva, fez com que o colarinho do casaco de Alessandro virasse, enquanto atravessava a entrada bem iluminada com suas portas duplas de madeira esculpida.

Portas que se abriram segundos depois que Alessandro tocou a campainha. Ele foi recebido, com grande prazer, por Cario, o braço direito de Sophia.

— Alessandro! É bom vê-lo.

— *Grazie*, Cario.

Os dois homens altos, ambos com 30 e poucos anos, que compartilhavam histórias em comum, voltaram no tempo e deram-se um rápido, mas genuíno aperto de mão.

— Sophia?

— Ela está feliz por ter a presença da afilhada aqui.

Palavras que diziam muito. Os dois homens compartilhavam um tácito vínculo de proteger Sophia. Nos registros deles, ninguém poderia causar o que fosse a um fio de cabelo de Sophia sem que houvesse conseqüências.

Giuseppe foi um homem de negócios muito bem-sucedido, cuja casa era testemunha de sua riqueza discreta. Tinha pisos de mármore muito bem modelados, um vestíbulo amplo, com mobiliário requintado, um lustre de cristal cuja luz proporcionava um cenário espetacular com a escadaria dupla que levava ao andar superior.

Um lugar que Alessandro teve o privilégio de chamar de lar pelos últimos anos da escola e durante o período universitário. O santuário que, graças a Giuseppe e Sophia, lhe foi oferecido junto com a oportunidade de fazer algo de sua vida.

— Alessandro.

Ele se virou ao ouvir a voz de Sophia e foi cumprimentá-la, segurando em

seu ombro e dando-lhe um beijo na bochecha.

— Você está bem? — ele perguntou gentilmente.

— Claro, querido. É bom tê-lo conosco.

— Você achou que eu recusaria?

— Não — ela respondeu sorridente. — Venha conhecer alguns convidados.

Alessandro percebeu rostos familiares dentro de um grupo seletivo, mas sua atenção recaiu sobre uma mulher jovem e esbelta, com um nó clássico no cabelo, profundos olhos castanhos e a pele dourada como mel.

Atraente, em vez de classicamente bonita, possuía uma qualidade que a diferenciava. Era uma força tranquila, uma sensação de auto-preservação que ele reconhecia e admirava.

— Lily. — Alessandro a analisou, pensativo por alguns segundos, e então segurou-lhe a mão. Vislumbrou sua espontaneidade evidente e beijou-lhe as bochechas, sentindo uma tensão momentânea da parte dela.

— Alessandro. — O reconhecimento dela foi acompanhado por um sorriso polido, no momento em que ele soltou-lhe a mão.

Em controle, ele percebeu... mas imediatamente desfez seu pensamento. Lily era sobrinha de Sophia... afilhada, parte da família.

No entanto, alguma coisa a respeito dela ressoava nele e estava inclinado a descobrir o por que. A mistura da química sensual com a tentação de provar a boca de Lily realmente o intrigou.

— Está gostando de sua estada com Sophia? — Apesar da conversa educada, ele estava, de fato, interessado em saber a resposta.

Um perfume sutil provocou-lhe os sentidos, suave, mas ardente, meio floral, com um toque de almíscar e outras coisas que não conseguiu identificar. Diferente das fragrâncias exóticas da maioria das companhias femininas da qual desfrutava. Perguntou a si mesmo se ela estava ciente de que convidava a um exame mais detalhado. Sentiu uma inclinação espontânea para descobrir se o perfume era meramente colocado em lugares-chave, ou aplicado como loção por todo aquele corpo macio.

— Minha tia é muito generosa.

— A generosidade de Sophia é bem conhecida. Sua visita vai dar a ela muita satisfação.

A boca de Lily se curvou em um sorriso leve e Alessandro se viu fascinado pela pequena covinha no meio de sua face.

— Por favor, não se sinta obrigado a se engajar em conversas por pura educação — ela comentou.

— É o que acha que estou fazendo?

Lily levantou um pouco o queixo.

— Não é?

— Não.

— Pergunto-me porque acho difícil acreditar em você.

Alessandro levantou a sobrancelha e a analisou cuidadosamente.

— Falta confiança em seu charme pessoal?

Lily não queria se permitir essa indulgência. Três dias atrás, chegara a Milão, a cidade onde seus pais foram criados, educados e se casaram, antes de se mudarem para a Austrália com a filha de 6 meses, Liliana — ou Lily, como era afetivamente chamada — para começar em uma nova vida em Sydney.

Uma infância idílica, uma boa educação — Lily sobressaiu-se em todas as áreas de sua vida, qualificou-se como *chef* de cozinha e virou sócia do restaurante dos pais. Mas então a morte de ambos, há três anos, em um acidente de carro, deixou-a repentinamente responsável pelo restaurante, uma herança invejável, que manteve com o apoio dos amigos de longa data.

Um ano atrás, ela se apaixonou e aceitou o anel de noivado que James lhe ofereceu. Começou, então, a planejar o dia do casamento. Ao voltar para casa duas semanas antes da data marcada, flagrou James na cama com uma jovem, com a qual, depois de pressionado, admitiu que vinha tendo um caso por alguns meses.

Lily o expulsou imediatamente. Em seguida, despachou suas roupas e devolveu o anel por um portador. Prontamente ligou para Sophia, a irmã mais velha de sua mãe, para informar que o casamento tinha sido cancelado. Logo, a tia a convidou para uma visita e Lily levou apenas poucas semanas para preparar uma equipe de funcionários a fim de gerenciar o restaurante. Alugou a casa da família, colocou o carro em um depósito e embarcou para Milão, onde foi devidamente recepcionada e levada para a linda casa de Sophia no lago Como, um santuário delicioso, que oferecia tranquilidade e a atenção carinhosa de sua tia. Depois de três dias, Sophia organizou um jantar para alguns amigos próximos, alguns dos quais Lily se lembrava de uma visita prévia com os pais, incluindo Alessandro Del Marco.

Havia dez anos não o via pessoalmente... anos que haviam moldado os dois. Ela não era mais a adolescente vulnerável, deslumbrada pelo jovem alto de cabelos negros, cujos olhos pretos formavam uma malha flagrante de sensualidade e a crueldade evidente de ter sido obrigado a sobreviver nas ruas durante grande parte de sua juventude.

Ele tinha um endurecimento aparente que parecia aço temperado, uma afiada qualidade mascarada por uma capa de sofisticação — quase primitiva para aqueles que eram suficientemente perspicazes para detectá-la.

Um jovem de 20 e poucos anos que a fascinou e mexeu com sua imaginação ao fantasiar como seria ter sua boca explorando a dele. E mais...

Será que ele tinha conhecimento disso? Esperava que não.

Muitas águas rolaram desde então.

— Você tem planos a curto prazo?

Lily rapidamente reuniu seus pensamentos quando encontrou os olhos de Alessandro.

— Nada além do que desfrutar a hospitalidade de Sophia? — O sorriso dele indicava uma ponta de humor.

— Gostaria de alugar um pequeno apartamento e ficar aqui por um período. Talvez até trabalhar em um restaurante.

Alessandro a analisou cuidadosamente.

— Está falando sério sobre isso?

— Sim. — Lily tinha isso em mente. Alguns meses, ou um ano, trariam novas perspectivas.

Mudança.

Ela já tinha uma estabilidade financeira garantida na Austrália. Quem sabe o que a vida lhe reservava? Casamento, não.

Estava muito longe de confiar em um homem. Alessandro apontou para o copo vazio que ela segurava.

— O que está bebendo?

— Vou esperar para tomar um vinho no jantar.

— Um modesto respeito pelo álcool ou um desejo de manter o controle?

Ela abriu um sorriso e viu os olhos dele escurecerem.

— Ambos.

Ele se perguntava o que faria com que ela baixasse a guarda e risse um pouco, por diversão genuína.

Sophia queria ajudar a curar o coração partido de Lily. Por essa razão, Alessandro providenciaria o que fosse necessário para garantir que a estada de Lily em Milão fosse a mais agradável possível.

Cada prato do jantar impecável foi servido com o vinho apropriado. A configuração do jantar íntimo colocou Lily sentada de frente para Alessandro, fazendo com que, a todo momento, levantasse o olhar em direção ao dele.

Era uma distração da qual não precisava e, durante o prato principal, percebeu um brilho divertido no olhar de Alessandro... era como se ele soubesse que mexia com ela.

O que realmente acontecia.

Havia algo sobre Alessandro que tinha o efeito de elevar seus sentidos e despertar uma consciência que não desejava cobiçar. Não importava o esforço que fizesse para ignorar a questão.

— Você vai ser uma ótima companhia para Sophia na semana que vem.

Lily voltou a atenção para a mulher sentada ao lado de Alessandro.

— Obrigada — ela respondeu com um sorriso cortês. — Estou ansioso por isso — disse, perguntando-se o que exatamente ansiava fazer.

— Semana da moda — Alessandro revelou, como se soubesse o que se passava em seus pensamentos. — Sophia conseguiu lugares privilegiados.

Foi fácil mostrar uma satisfação verdadeira, pois ela adorava moda.

— É muito gentil da parte dela.

Era um evento muito prestigiado e freqüentado por estilistas do mundo inteiro. A nata dos *designers* contratava modelos famosas para desfilarem suas marcas e havia muita rivalidade por trás de todo o cenário. Sempre que alguém podia, relatava as fofocas.

— Você tem seu próprio restaurante, certo?

— Pertencia a meus pais e passei muito tempo, quando criança, na cozinha ajudando. Aprendi muito e desde cedo já sabia que me tornaria uma *chef*.

Foram anos maravilhosos, quando reconhecia a comida, as ervas, os temperos e podia recitar sem ajuda os ingredientes para os maiores especialistas da casa. Experimentar e ler as receitas virou um prazer.

— Você estudou no exterior?

— Inicialmente em Roma e depois em Paris.

Uma época em que a vida tinha transformado Lily na pessoa que era hoje. Uma conhecedora de comida e bem qualificada na arte de cozinhar. Igualmente fluente em francês, assim como em italiano, já que estudou nos dois países, aprendendo com os melhores profissionais as dicas de culinária e os truques de uma mulher com quem compartilhou receitas que passavam de geração para geração. Uma pitada disso, um pouquinho daquilo, acrescente uma determinada erva, tudo podia transformar um simples molho em uma requintada iguaria.

Um aroma evocativo convocava-a a uma prova e provocava-lhe o nariz com a promessa de ambrosia.

— No entanto, voltou para a Austrália — um outro convidado falou e Lily voltou para o presente.

— Minha família estava lá, havia o restaurante — ela simplesmente respondeu. — Amigos... era onde eu queria estar.

O restaurante era dela agora. Adicionara pratos ao menu, um toque extra na configuração das mesas e uma pequena mudança na decoração.

Tinha orgulho em manter o alto padrão de qualidade da comida, o excelente serviço e uma atmosfera relaxante e agradável, onde clientes regulares eram cumprimentados pelos nomes e todos os esforços eram feitos para garantir-lhes suas mesas preferidas.

Imaginou que, sua vida já estivesse delineada, um negócio brilhante em uma área que adorava, um homem que acreditou que a amava e um plano de casamento.

Até que James provou ser infiel e não confiável, não era o homem que ela pensava que fosse.

Houve momentos, nas últimas semanas, em que chegou a estremecer, ao pensar o quanto esteve perto de um casamento que era um presságio de dor e desastre.

Teve sorte por escapar a tempo, mas doía ter tido sua confiança traída. A maior parte de sua raiva era direcionada a ela mesma por falhar em reconhecer o James verdadeiro por detrás da fachada.

— E agora você está aqui — uma voz feminina suave concluiu. — Sophia vai adorar ter você com ela para fazer compras e desfrutar da história de Milão.

— Estou esperando ansiosamente por tudo. — Ela abriu um sorriso que abrangeu os convidados sentados a sua frente e sentiu um sobressalto de surpresa, quando percebeu Alessandro olhando fixamente para ela.

Era loucura, mas tinha a sensação de que ele percebera o que ela pensava, mexendo alguma coisa lá no fundo, o que se recusava a reconhecer.

Era inquietante ter a presença dele ali, o que a fazia se sentir desconfortável, quase vulnerável, evitando-o ao conversar com os outros convidados.

Depois do rompimento com James, tudo que queria era paz na vida. Um homem com o calibre de Alessandro Del Marco seria o contrário de paz.

Sophia tinha um enorme afeto por Alessandro, era o filho que ela e Giuseppe reconheceram como deles, exceto pelo nome.

Qualquer convite que Alessandro fizesse para Sophia seria extensivo a Lily, enquanto permanecesse como convidada na casa da família.

Qual seria o tamanho da dificuldade?

A resposta se revelou à medida que a noite foi terminando. Todos os convidados já tinham ido embora. Sobrou Alessandro.

— *Grazie*, Sophia. — Ele inclinou a cabeça para beijar as bochechas de Sophia, virou-se e despediu-se de Lily da mesma forma.

Só que ela mexeu a cabeça e, para seu constrangimento, os lábios de Alessandra tocaram os dela... rapidamente, mas o suficiente para acelerar seus batimentos.

Pior, sentiu o insano desejo de experimentar mais...

Por um instante a pele dela incendiou e deu um precipitado passo para trás, porém desequilibrou-se no salto, agarrando no braço de Alessandro na tentativa de manter-se de pé.

— Oh, inferno! Desculpe. — Será que tinha dito as palavras em voz alta?

Esperava que não.

— Minha querida — a voz de Sophia demonstrava preocupação. — Está tudo bem?

— Estou bem. — Lily assentiu, mas sabia que era mentira. Bem, não foi o suficiente para esconder, quando sua pulsação estava ainda mais acelerada e a sensação a fez estremecer.

O que tinha sido aquilo?

Não queria ter uma reação emocional em relação a nenhum homem, especialmente a Alessandro Del Marco.

Por quê? Ela nem gostava dele.

Errado, uma voz silenciosa ecoou numa intenção diabólica. *Você está com medo de como ele vai fazer você se sentir.*

Somente uma tola cruzaria essa fronteira.

Não vai acontecer, ela garantiu com convicção. *Não nesta vida.*

Então, por que esse inquietante sentimento, que não tinha relação com sua visita a Milão, seguiria qualquer plano preconcebido?

CAPÍTULO DOIS

O dia do Fashion Week amanheceu frio e Lily escolheu usar legging preta, botas de couro até o meio da panturrilha e um longo cachecol vermelho para garantir aquecimento extra.

Depois de alguns dias no lago Como, ainda sentia os efeitos da transição do outono do sudoeste da Austrália para o inverno frio do noroeste da Itália.

— Camadas de roupa — Sophia aconselhou. — E leve uma bolsa com roupa para vestir à noite, pois haverá uma festa. Alessandro insistiu em que passássemos a noite no apartamento dele, o que será cômodo para a expedição de compras que temos amanhã.

Por um instante, Lily rivalizou entre o prazer e uma leve apreensão.

A expedição das compras seria muito agradável, mas tinha reservas sobre ser hóspede no apartamento de Alessandro.

Reservas que ela determinadamente dissolveu, baseada no fato de que teria a companhia de Sophia e o único momento em que ficariam cara a cara seria no café da manhã.

E Alessandro, inevitavelmente, sairia cedo para começar seu dia de trabalho.

Era uma questão de conveniência, Alessandro era praticamente da família.

Supere isso.

Conseqüentemente, a bolsa ficou mais cheia. Escolheu uma elegante calça de noite vermelha, uma blusa preta e uma bolsinha também preta. Pegou

uma roupa para dormir, artigos de higiene pessoal, maquiagem e estava pronta para ir.

Com Cario ao volante, saíram do lago Como no grande Mercedes da família em direção a Milão. Na entrada da velha cidade, o tráfego estava intenso e parecia que todos os motoristas lutavam por espaço, numa combinação de alto risco e habilidade duvidosa.

— Estamos quase lá. — Sophia entusiasmou-se ao ver o carro virar em direção à entrada decorada com carpete que conduzia ao local escolhido.

Lily não sabia o que esperar, mas a visão dos *paparazzi* em volta dos carros que chegavam determinava quem eram os ocupantes dos veículos. Os *flashes* brilhantes eram inacreditáveis e exagerados.

— As bolsas de vocês vão estar no apartamento de Alessandro — Cario disse, enquanto Sophia e Lily saíam do veículo.

— *Grazie*, Cario. Entrarei em contato quando precisarmos ir embora.

Aquele dia era uma experiência para se recordar, Lily pensou, envolvendo-se com o glamour, os personagens famosos do mundo da moda e as modelos das coleções de primavera.

Havia de tudo, desde *avant-garde* até coisas bizarras: alguns *designers* eram maravilhosos e se misturavam em um emaranhado de cores e artigos, usados com excentricidade por modelos esguias com estilos de cabelo magníficos e maquiagem perfeita.

Requintadamente distante, Lily não pôde deixar de pensar que havia todo um pandemônio por trás da cena, com egos se confrontando.

No entanto, na passarela a apresentação foi perfeita. Houve acenos de inveja daqueles na audiência que eram contratados a fim de registrar o dia para inúmeras revistas de moda.

Era um privilégio estar ali. Lily olhou para Sophia e agradeceu-lhe do fundo do coração, dando-lhe um beijo carinhoso na bochecha.

— Você está gostando do dia?

— Muito.

Havia alguns personagens conhecidos presentes, mulheres que ocupavam alta posição nas prestigiadas revistas de moda de Nova York, Paris e Londres. Alguns membros da realeza eram facilmente identificáveis e três atrizes estavam sentadas na fila da frente.

Então, a música mudou e a atenção de Lily voltou para a passarela, onde um famoso estilista andava de forma inspiradora e arrancava murmúrios de apreciação.

Quando a última série de modelos desapareceu nos bastidores, Lily sentiu um leve formigamento na parte de trás do pescoço e olhou para Sophia a tempo de ver Alessandro sentar-se na cadeira ao lado de sua tia.

Ela o pegou sorrindo em um breve momento, o que fez com que balançasse a cabeça em resposta, numa tentativa de dissipar a imagem poderosa do homem, porém sem sucesso.

Ele era um defensor da moda?

Será que estava escolhendo um presente de um estilista famoso para uma atual namorada?

Como se isso fosse da conta dela...

Então, por que a repentina pontada de... o quê? Decepção.

Aquilo não era loucura? Nem gostava particularmente dele. Não, isto não era totalmente verdade. Ele lhe suscitava pensamentos, mas ela não queria se

entreter com um homem... especialmente com ele. Então, por que esta crescente sensação? Era como se seu corpo estivesse em desacordo com sua mente.

Pelo amor de Deus, volte as atenções para a programação, silenciosamente ordenou a si mesma.

Saltos altíssimos, plataformas, botas de todos os tipos, sandálias com tiras, tudo era fascinante e a maioria impraticável para se usar no dia a dia.

— Posso quase sentir meus pés estremecendo de entusiasmo — Sophia comentou baixinho e Lily abriu um sorriso.

— Sugiro sairmos em breve — Alessandro aconselhou. — Jantamos e depois voltamos para o apartamento para trocar de roupa a tempo para a festa no hotel.

— Ótima idéia — Sophia concordou, enquanto Lily escondia um certo grau de surpresa.

Sem mencionar um leve ataque de nervos. *Isso é loucura,* disse a si mesma. Não queria ter nenhum indício da sensação que a presença dele gerava ou que ele percebesse que ela estava desconfortável com a situação. Mas parecia que ele podia adivinhar o que se passava em sua mente, ciente da complexidade de seus pensamentos.

Nada disso caía bem, quando imaginava a noite na companhia dele. Mas que outra escolha teria?

Alessandro escolheu um elegante restaurante com todo o charme da *Belle Époque*, um local que oferecia um cardápio de alta qualidade. Lily escolheu um requintado prato de massa e frutas para a sobremesa.

Da forma como estavam dispostos à mesa, podia sentir a fragrância sutil do perfume que Alessandro usava, aquele cheiro refrescante, a masculinidade que exalava sem nenhum esforço, a eletricidade sensual e a alta sexualidade, intensamente viril.

Era perigoso para sua paz de espírito e para as partes mais íntimas de seu corpo.

Como podia se sentir dessa forma, quando duas semanas atrás estava planejando se casar com outra pessoa?

Não fazia sentido e nem era concebível que a atração que sentia por Alessandro, quando era adolescente, emergisse agora com essa clareza inquietante.

Supere isso, Lily ordenou a si mesma em silêncio.

Sua própria vulnerabilidade, uma combinação de raiva e dor, era a explicação que escolheu aceitar, alegando que qualquer outra coisa desafiava sua análise.

— Dia cheio, *caro*? — Sophia perguntou e Lily reparou um sorriso caloroso na generosa boca de Alessandro.

Sem dúvida, negociar aquisições multimilionárias fazia parte da vida cotidiana de Alessandro.

— Você foi bem-sucedido na aquisição da casa — Sophia comentou e fez uma pausa para dar um gole em seu vinho. — É charmosa, mas está em péssimo estado.

— Mas é estruturalmente sólida — Alessandro afirmou. — Tenho uma equipe experiente de arquitetos que vão começar a trabalhar assim que o projeto for aprovado.

— É um investimento valioso — Sophia concluiu.

— É um interessante desafio — Lily disse.

Os olhos negros de Alessandro capturaram os dela.

— Assim como uma mulher — ele falou suavemente, vislumbrando a incerteza momentânea antes que ela pudesse se manifestar com um toque de humor.

— Atingir o trabalho necessário para alcançar seu objetivo e então partir para o próximo desafio.

— Inevitavelmente com tijolos e argamassas. — Ele se demorou prendendo-a com seus olhos escuros. — Mas com uma mulher não é sempre assim.

Por que ela teve a repentina impressão de que estava entrando em águas perigosas?

— No entanto, você ainda não mergulhou em um casamento.

— Está preocupada com meu estado civil?

Imagens eróticas momentaneamente invadiram sua mente, antes que pudesse dissipá-las.

— É referente a herdeiros e às futuras gerações das Indústrias Del Marco.

Por um momento, achou que viu um brilho perverso naqueles olhos negros e colocou em ação sua imaginação fértil. Sophia balançou a cabeça.

— Esse é um fato que ocasionalmente lembro a ele.

Por que a idéia de Alessandro estar casado provocou um aperto em seu coração? Imaginá-lo com outra mulher e filhos... doía? Não fazia sentido.

— Devemos pedir um café? — Alessandro perguntou e Sophia deu-lhe um sorriso torto.

— Você sempre foge do assunto.

— E sempre garanto a você que vai ser a primeira a saber quando eu encontrar a mulher certa.

Quando saíram do restaurante, um pouco mais tarde, o céu estava escuro e o ar frio. Foi um alívio chegar até o carro de Alessandro e entrar em um local aquecido, enquanto iam em direção a Magenta.

O apartamento dele ficava na Piazza Santo Ambrogio, era duplex, com piso de mármore, elegantes tapetes orientais e mobília de jacarandá. Os quartos de hóspedes ficavam no andar de cima, incluindo a suíte master.

Não era a imagem que Lily tinha da residência de um homem solteiro, esperava algo menos refinado. Em vez disso, havia uma elegância tranquila, simpática, inclusive no próprio prédio, com o exterior em estuque, janelas ornamentadas e iluminadas pelas luzes das ruas.

Quem quer que tivesse gerenciado a reforma garantiu um ar de renovação combinado com um estilo luxuoso moderno, porém mantendo a sensação de uma era anterior.

Resumindo em uma só palavra: adorável. E Lily fez um elogio sincero.

— *Grazie* — Alessandro respondeu. — Fico satisfeito que tenha aprovado. Uma hora é o suficiente para tomarem um banho e se arrumarem?

— Tranqüilamente — Sophia garantiu. — Lily?

— Claro.

Ela levou somente alguns minutos para desfazer a bolsa que arrumara para passar a noite, então tirou as roupas do corpo e as deixou no chão de mármore da suíte. Por um momento, admirou o banheiro todo de mármore com acessórios elegantes e entrou no chuveiro.

Não havia motivo para pressa, então secou-se com calma, enrolou a

toalha na cabeça, colocou uma calcinha limpa e começou a se maquiar. Bastava realçar os olhos, passar um pouco de *blush* bronze e um *gloss* suave nos lábios.

Um vestido preto clássico era uma escolha segura. Decidiu prender o cabelo, colocou um perfume suave nos pontos-chave do corpo e depois as jóias: brincos de diamantes e rubi e um bracelete que combinava com eles.

Então, colocou o casaco vermelho nos ombros, pegou sua bolsa e juntou-se a Sophia no topo das escadas.

— Você está adorável, *cara* — Sophia a elogiou e Lily sorriu em resposta.

— Você também.

Sophia era dona de uma elegância inata, não importava o que escolhesse usar.

Alessandro estava finalizando uma chamada telefônica quando as duas chegaram à sala de estar. Lily assistiu-lhe, idilicamente, colocar o aparelho no bolso do paletó, antes de cumprimentá-las.

Estava atraente, intensamente masculino, com um terno de alta-costura impecável, camisa branca de algodão refinado e gravata de seda. Parecia um ser do outro mundo, Lily admitiu.

Havia uma profundidade que ele escondia sob a aparência exterior de riqueza. No entanto, existia uma coisa instintiva relacionada à auto-preservação, uma consciência que o avisava quando deveria jogar para ganhar. Em qualquer situação, tanto em negociações como em relação às mulheres.

Não era difícil imaginar o tipo de mulher que ele procuraria: alta, esguia, bonita, uma *socialite* que seria a anfitriã perfeita e, além disso, o satisfaria na cama, daria a ele um herdeiro e fecharia os olhos quando ele procurasse por uma amante.

— Que charme! — Alessandra conferiu com um sorriso que englobava as duas mulheres e Lily reparou em uma pontada de humor quando os olhos dele se fixaram nos dela.

Por um instante, teve a sensação estranha de que Alessandro conseguia ler sua mente. Algo que imediatamente dissipou, considerando a si mesma ridícula.

— Vamos?

O hotel ficava nas adjacências do Jardim Botânico e a entrada apresentava um lobby exclusivo com acessórios e mobiliários sofisticados.

Placas direcionando os convidados para um *lounge* exclusivo estavam expostas e os seguranças verificavam os convites na porta.

Já do lado de dentro, Lily deparou com um seleto grupo de pessoas bonitas, dentre elas, algumas atrizes famosas e modelos. Havia uma abundância de brilho e glamour.

Os *paparazzi* estavam todos lá disparando seus *flashes* em direção aos ricos e famosos e os jornalistas pouco discretos rapidamente gravavam os nomes de quem estava com quem.

As vozes preenchiam todo o ambiente e se misturavam à música de fundo, que mal se conseguia ouvir entre as conversas em italiano, francês e inglês.

As pessoas, a moda, o ambiente... era simplesmente incrível.

— Querida, você está estonteante — uma voz feminina comentou. — De quem é o modelo?

— De uma estilista britânica que já está fazendo nome no meio.

— Mesmo? Quem?

O nome foi perdido quando uma outra voz masculina apareceu.

— Alessandro. Sophia. — Olhos negros pairaram sobre Lily. — E esta é...?

— Francesco — Sophia pronunciou com charme e delicadeza. — Permita-me que apresente minha sobrinha, Lily. Francesco Alverro.

Era um homem alto, que não conseguia esconder o sorriso forçado. Lily deu-lhe um aperto de mão e ignorou o convite silencioso quando ele pressionou o dedo contra a palma de sua mão.

— Temos de nos encontrar.

Não vai acontecer, Lily declinou silenciosamente e soltou-lhe a mão.

— Nós temos muitos compromissos sociais marcados para as próximas semanas — Sophia respondeu com um pesar aparente.

— Mas em alguns deles temos chance de nos encontrar novamente.

Lily sentiu o leve toque da mão de Alessandro em sua cintura e fez um esforço para não congelar. O que ele estava fazendo?

— Talvez — Alessandro disse suavemente. — Pode nos dar licença?

Francesco inclinou a cabeça e se afastou.

— Sou relativamente capaz de julgar sozinha os homens. — Lily afirmou baixinho, minutos depois, quando um convidado parou Sophia para uma conversa.

— Claro que é — ele concordou com um leve tom de cinismo e ela quis bater nele por ter feito alusão ao desastroso relacionamento com James.

— Isso foi desnecessário.

— Você se passaria bem por um novilho. Francesco tem fama de gostar de caçar, capturar e depois virar as costas.

Lily o encarou desafiadoramente.

— Não é o que a maioria dos homens faz?

— Nem sempre.

— Você, claro, é uma exceção — ela disse com um tom engraçado. — E a explicação para que evite compromissos?

O sorriso de Alessandro invadiu-lhe as terminações nervosas.

— Talvez ainda não tenha encontrado a mulher com a qual queira dividir minha vida.

— Uma corajosa o suficiente para não agradar o seu ego?

— Que revigorante!

— Você acha? — Ela abriu um sorriso e depois piscou, devido a um *flash*.

— Uma nova conquista, *signor* Del Marco? — Uma voz feminina questionou, colocando um pequeno gravador em frente a ele.

— Uma amiga — ele respondeu com falsa gentileza, apenas para ganhar um sorriso.

— Vai divulgar o nome da senhorita?

— Interessante — Lily declarou com uma pontada de humor, quando a mulher saiu do alcance de sua voz. — É a sua fama ou a notoriedade que chama atenção?

Ele a submeteu a sua avaliação.

— Você é muito atrevida.

Por um tempo que pareceu eterno, sentiu a respiração engatada em sua garganta, mas então se recuperou.

— Acredito que seja um mecanismo de defesa contra homens como você.
— Você não tem a menor idéia do tipo de homem que sou.

Acredite. Não quero saber.

Então, por que essa inclinação para entrar em um emaranhado de palavras com ele, enquanto seus instintos avisavam para não fazê-lo?

— Posso ousar fazer uma avaliação psicológica? — Ela sentiu um tom de ironia nos olhos de Alessandro.

— Poderia tentar.

Lily fingiu contemplar o desafio.

— Vou tentar fazer uma comparação balanceada — ela disse solenemente. — Você tem Sophia a seu favor e faria quase qualquer coisa por ela. Até doar seu tempo para dar apoio à sobrinha dela, o que faz com que ganhe pontos. — Ela levantou a mão e, figurativamente, contou com um dedo. — Presumo que seja bonzinho com crianças pequenas e animais. — Fez outra pausa e contou com o segundo dedo. — Claro que é. Então, vamos em frente. Você é bem apessoado, veste-se bem e tem um trabalho ético e de credibilidade. No entanto você tem uma certa... — Lily titubeou deliberadamente — ... reputação, que pode ser em parte ficção. — Fingiu ponderar sobre o assunto. — Vamos por enquanto deixar o júri fora disso.

— Muito generoso da sua parte.

— Estou feliz que concorde.

Havia certa satisfação por estar no controle, mesmo que temporariamente. No entanto, Lily experimentava a estranha sensação de que era ele quem tinha as rédeas.

Sophia se juntou a eles novamente e foi interessante observar os convidados se juntarem em pequenos grupos no decorrer da noite.

De certa forma, era excitante fazer parte de tudo aquilo, simplesmente observar os convidados, cuja missão era serem vistos e impressionar aqueles que freqüentavam as semanas de moda em outras capitais européias. Para esses, festas depois de desfiles eram comuns.

Lily ouviu vozes se levantarem em opiniões conflitantes ' sobre um determinado estilista.

— *Cara*, moda é uma forma de arte, apresentada visualmente pelos estilistas com habilidades técnicas em roupa e tecido.

— Mas quem as usaria?

— Um *designer* original fala por si próprio.

— E essa é a atração.

— Exatamente.

Claro, Lily concordou silenciosamente e analisou o ambiente com interesse, porém fez uma pausa quando viu Sophia em uma intensa conversa com um homem muito atraente.

Á vida de sua tia era repleta de compromissos, pois estava envolvida em algumas ações de caridade, além de ter uma agitada agenda social. Uma vez ela confidenciou que decidiu não se casar novamente, pois seu marido havia sido sua alma gêmea e um amor verdadeiro raramente aparecia duas vezes.

Por um minuto, Lily ponderou o significado de alma gêmea... duas pessoas totalmente em sintonia entre si, em todos os aspectos. Nunca mais poderia haver ninguém assim para nenhum dos dois pelo resto da vida.

Ela se sentia da mesma forma em relação a James?

Honestamente, achou que o amava. No entanto, com o benefício da

retrospectiva, tinha de admitir que amou o homem que ela queria que ele fosse.

Óculos com lentes cor-de-rosa? Talvez. Da sua perspectiva o relacionamento parecia bom naquela época. Embora pudesse apontar alguns leves ruídos: pequenas coisas que achava um pouco irritantes. Porém havia descartado todas, com a certeza de que ela própria também possuía alguns traços irritantes em sua personalidade.

No entanto, gostava da sensação de que eram um casal com, supostamente, os mesmos interesses e sexo e intimidade satisfatórios.

James queria um pequeno noivado, enquanto ela não estava com nenhuma pressa de legalizar a união. Foi James que sugeriu um grande casamento, esforçando-se para vetar uma pequena cerimônia íntima, preferência de Lily.

Ele também gostava de roupas caras e do símbolo de riqueza e *status*, mas não tinha renda para sustentar esses luxos, dado que ele recebia ajuda financeira da irmã ou pelo menos era o que dizia.

Alma gêmea... para estar tão sintonizado com um parceiro, saber sem sombra de dúvida que eram caras metades... Isso era possível?

Para alguns, talvez.

— Você está pensando demais.

A fala sedosa de Alessandro levantou os pelos de seu corpo e não havia nenhuma razão plausível para que tivesse aquela sensação intensa.

Exceto pela simples presença dele, algo como uma dor que precisava ser suavizada... que ridículo.

Respire, ela sugeriu a si mesma, em silêncio, à medida que a tensão entre eles ficou elétrica.

Você está sendo fantasiosa, Lily se repreendeu, *sob a influência violenta dos hormônios*.

Alessandro observou o jogo de emoções fugazes na expressão dos olhos de Lily, que se perguntava se ele conseguia ler o que estava em sua mente.

Em um certo nível, ela o fascinava, pois possuía uma mistura conflitante de força e vulnerabilidade que o fazia sentir... vontade de protegê-la.

Mesmo em saltos altíssimos, o topo da cabeça de Lily mal atingia os ombros dele e tinha uma necessidade instintiva de tirar as presilhas dos cabelos dela e inclinar-lhe a cabeça a fim de sentir o gosto doce de seu pescoço para então saborear a sensação de ouvir a pulsação de Lily aumentar.

Alessandro sentia um assombroso desejo de saber como seria ela na cama, com os cabelos soltos balançando, a voz rouca de paixão, enquanto ele a fazia perder os sentidos.

Não era uma das contemplações mais confortáveis, percebeu ironicamente quando vislumbrou Sophia voltando para a companhia deles.

— Desculpem. Fui pega por um dos patrocinadores, responsável pelo evento beneficente da semana que vem.

— Que, sem dúvida, concordou em aumentar a doação inicial — Alessandro se aventurou e foi recompensado pela resposta positiva de Sophia.

— Vai ser um evento magnífico. Amanhã vamos às compras procurar por algo espetacular para cada uma de nós usarmos.

— Parece que já é um plano — Lily concordou.

Já era tarde, quando Sophia sugeriu que fossem embora e Lily olhava fascinada para as ruas iluminadas enquanto Alessandro dirigia.

A festa fora uma experiência incrível, precedida por um dia excepcional...

foi o que Lily disse logo que entraram no apartamento.

— Obrigada — ela agradeceu com uma satisfação genuína, dando um abraço caloroso em Sophia. Então, virou-se para Alessandro e sorriu. — *Grazie*.

— O prazer foi todo meu.

Seus olhos negros abrangeram as duas mulheres.

— Querem um café?

— Não, obrigada. Vou direto para a cama.

— Durma bem, *cara* — Sophia disse gentilmente e assistiu Lily subir as escadas, ciente de que Alessandro a observava. Com um sorriso leve, ela colocou a mão sobre o braço dele. — Vamos beber aquele café.

Na cozinha ele fez o café na máquina de *espresso*, encheu as duas xícaras, colocou-as na mesa e olhou de forma intrigante para a mulher sentada a sua frente.

— Isso não tem nada a ver com o café. — Sophia o olhou solenemente.

— Não — disse, sorrindo. — Lily.

Sophia ficou em silêncio por alguns instantes.

— Odiaria que ela se magoasse — disse gentilmente.

— Vai tranquilizá-la se eu garantir que não é a minha intenção?

— *Si*. — Uma afirmativa simples, que não hesitou em conceder. — *Buona fortuna*, Alessandro.

Os olhos dele brilharam com uma pontada de humor.

— Talvez precise.

CAPÍTULO TRÊS

Lily levou séculos para pegar no sono e mesmo que tentasse, não conseguia se desligar da imagem poderosa de Alessandro ou justificar a inquietação perturbadora que a assolava toda vez que estava na presença dele.

Ele parecia estar impresso em sua mente. Era como se fosse uma assombração viva, que alterava seus sentidos, fazendo-a se perguntar como seria sentir a boca de Alessandro na sua.

Pare aí mesmo!

Tais pensamentos não faziam sentido e Lily fazia o que podia para se livrar deles, tentando digerir o fato de que estava dormindo na suíte de hóspedes, no mesmo andar que ele.

O cansaço finalmente venceu e Lily acordou pronta para encarar o dia.

Tomou um banho, vestiu-se e desceu. Encontrou sua tia sentada à mesa de jantar saboreando seu café.

— Bom dia, *cara* — Sophia a cumprimentou com um sorriso. — Dormiu bem?

— Sim, obrigada. E você?

Sophia fez um gesto, indicando a cadeira em frente a ela.

— Junte-se a mim para tomar o desjejum. Alessandro saiu cedo para o escritório.

Relaxou o nó que Lily tinha no estômago ao saber que ele não estaria sentado à mesa, à sua frente.

O aroma tentador do café permeava o ar e havia também uma garrafa de suco de laranja e alguns pratos com comidinhas na mesa.

Era uma forma perfeita de começar o dia.

— Cario virá nos pegar em meia hora e vai ficar a nossa disposição, antes de voltarmos para o lago Como.

— Parece divertido.

Sua tia riu.

— Será. Compras sérias estão na nossa agenda.

Nenhuma promessa de ócio, Lily percebeu, enquanto Sophia estava concentrada no quadrilátero situado no coração de Milão.

— Vamos começar com Via Montenapoleone — Sophia afirmou, dirigindo-se a Cario com um sorriso. — É um território familiar, não é?

— Certamente, conheço muito bem cada loja.

— Cario é muito paciente — sua tia admitiu. — Ele é meu motorista, acompanha-me nas compras e também atua como segurança.

— Segurança?

— Meramente uma medida de proteção — Cario informou.

A pergunta era necessária.

— Não fique assim tão preocupada — Sophia disse delicadamente. — Desde a morte de Giuseppe, Alessandro e Cario se incumbiram de me escotar a qualquer lugar que seja.

Dois homens fortes, ambos resultado da benevolência de Giuseppe e Sophia em suas juventudes. Os dois se importavam muito e cediam seu tempo e seus recursos para garantir a segurança e o bem-estar de Sophia.

Era um ato louvável, que Lily admirava.

— Vamos começar, certo?

Ela deu um sorriso afetuoso para tia.

— Conduza ao caminho.

Não foi surpresa ver Sophia ser cumprimentada pelo nome e receber tratamento diferenciado em muitas das lojas que visitaram.

— Um traje para o evento beneficente? Para a *signora*.

— E para minha sobrinha, Lily.

— Tenho o vestido perfeito, muito elegante. — A vendedora fez uma pausa analisando as curvas esguias e a altura de Lily. — Para sua sobrinha, talvez algo da coleção de primavera. Um floral de seda opaca em tons delicados de azul, lilás e um toque de rosa. Há simplicidade no modelo, e com seus cabelos presos...

A cabeça de Sophia balançou um pouco.

— Ou o vermelho... o vermelho ficaria estonteante com seu tom de pele, cara. Queremos ver ambos.

Dos dois, Lily preferia o vermelho de seda, com a saia cortada em viés e o corpete forrado. O *design* era elegante, valorizava os ombros delicados e a cintura estreita de Lily. Sophia juntou as mãos e concordou com o modelo.

— Vamos levar os dois. — Os olhos dela brilhavam de satisfação e levantou a mão, mediante o protesto de Lily. — É presente meu para você. —

Sophia sorriu e segurou a mão da sobrinha, levando-a até os lábios. — Em todos esses anos como sua madrinha, tive pouquíssimas oportunidades de ficar junto de você.

— Zia, por favor, é generosidade demais. Vou pagar pelo vestido vermelho. .

— Cara, não vamos discutir.

— Temos sapatos de salto para combinar com os trajes — afirmou a vendedora e como por magia delicados sapatos foram apresentados para aprovação.

E, como prometido, eram perfeitos.

— Lily, deixo você pagar pelos sapatos — Sophia concedeu, benevolente.

— Mas é tudo que vou permitir.

Era um presente extremamente bonito e uma lembrança muito especial que iria guardar por muito tempo. Lily deu um abraço na tia demonstrando toda sua gratidão.

Ao saírem para a rua, Lily disse:

— O almoço é por minha conta em um restaurante dá sua escolha. Não vamos discutir, *si*?

Sophia deu uma risada deliciosa.

— Você me lembra muito a sua mãe. Quando ela era jovem e solteira, costumávamos ir às compras juntas.

Cario colocou as sacolas no carro e olhou, pensativo, para as mulheres.

— Obtiveram sucesso?

— Com certeza — Sophia respondeu. — Mas estamos longe de ter terminado.

Cario meramente sorriu.

— Claro.

Andaram juntos pela Via Manzoni, parando para olhar as vitrines e se aventurando a comprar algumas coisinhas que encantavam os olhos. Sophia e Cario mostraram lugares históricos interessantes como o aristocrático Palazzi, o Grand Hotel, The Archi di Porta Nuova e o portão da cidade que fez parte dos muros medievais.

Lily teve uma sensação de intemporalidade, um reconhecimento dos séculos passados e como a vida deveria ter sido em comparação aos dias de hoje.

O almoço ofereceu uma pausa agradável. Deliciaram-se com uma excelente cozinha, compartilharam um vinho branco e concluíram com um café, antes de saírem para visitar um famoso museu, onde pinturas enfeitavam as paredes e a cerâmica preciosa se destacava.

Foi Sophia quem sugeriu que jantassem, antes de voltar para o lago Como e Cario as conduziu até uma charmosa e pequena *osteria*, que pertencia a um casal que fazia molhos maravilhosos para massas. Lily adorou saboreá-los, na tentativa de reconhecer os ingredientes.

— Tentei persuadir o *chef* para divulgar os segredos do molho — Sophia confidenciou. — Tudo que ele fez foi sorrir, levantar as mãos e oferecer um pouco disso, uma pitada daquilo...

— Tem um pouco de *chilli*, a menos que esteja enganada — Lily comentou em contemplação. — Com, talvez, um toque de açúcar mascavo para adoçar. E cebolinha, eu acho, para dar o gosto crocante.

— Gostaria de experimentar minha cozinha, *cara*?

Lily esboçou um sorriso maroto.
— Adoraria. Que tal amanhã?
— Não poderia pensar em nada melhor.
— Vai ser uma honra — Cario declarou. — Só Alessandro teve permissão para colocar as mãos na cozinha de Sophia.
Lily levantou a sobrancelha.
— Alessandro?
— Ele trabalhou em cozinhas de lugares que nenhuma pessoa respeitável sabia que existia — Sophia revelou. — Esteve em contato com indesejáveis situações de negócios, e, não importava onde, sempre encontrava um local para repousar a cabeça.
— Sempre alerta e dando um jeito de se proteger — Cario acrescentou.
Lily olhou para ele cuidadosamente.
— Você fala por experiência própria.
— Sim.
— Foi um dos parceiros de Alessandro... em crimes — Sophia revelou.
— Uma descrição interessante — Cario comentou em um tom levemente acentuado.
Uma atenuação, Lily pensou, ciente de que a realidade era pior do que ambos os homens admitiam.
Já era tarde quando Cario parou o carro do lado de fora da entrada principal da casa de Sophia, colocou as sacolas do lado de dentro e desejou boa noite para as duas mulheres.
Depois que Cario partiu, Lily agradeceu a Sophia pelo maravilhoso dia que tiveram.
— O prazer foi meu, *cara*. — Sophia a abraçou. — Vamos olhar nossas compras pela manhã. Boa noite, Lily. Durma bem.
— Você também, *zia*.
Subiram juntas as escadas e cada uma foi para sua suíte.
A cama grande parecia convidativa. Lily tirou as roupas, tomou um banho demorado, em seguida entrou debaixo dos lençóis e caiu no sono assim que colocou a cabeça no travesseiro.
Eram quase sete horas quando acordou. Livrou-se dos cobertores, abriu as janelas e observou com admiração o sol que coloria os jardins e fazia um belo caleidoscópio na paisagem.
Um novo dia surgia. Lily completou sua rotina matinal, escolheu um par de jeans, uma camiseta casual e sapatos baixos. Estava prestes a sair do quarto quando lembrou de verificar seu laptop.
Havia vários *e-mails* que requeriam atenção. Alguns ela descartou rapidamente, até chegar à atualização do relatório do gerente do Parisi. Para seu alívio, tudo estava correndo bem.
O *e-mail* seguinte tinha sido enviado por James e a vontade inicial de Lily foi a de deletá-lo sem ler. Mas a curiosidade não deixou e acabou lendo as palavras de desculpas, que citavam seu remorso, o coração partido e o pedido de reconciliação, seguido pela promessa de ser leal e amoroso... caso ela lhe desse uma outra chance.
Nem valia a pena responder.
Lily fechou o laptop e desceu. Sophia estava tomando café e folheando o jornal.
— Bom dia, *cara* — Sophia a cumprimentou, com um sorriso caloroso,

indicando o conteúdo em cima da mesa. — Café? Suco?

Lily sentou-se e serviu-se de suco.

— Há alguns artigos sobre o desfile e fotos da festa. As revistas de moda desta semana vão publicar mais detalhes do evento. — Sophia virou o jornal para que Lily pudesse ver.

Lily passou o olho pelas fotos e parou de repente, quando se viu de pé ao lado de Alessandro.

Não foi exatamente a foto que chamou sua atenção, mas a legenda provocativa especulando sobre sua identidade e se ela era a mais nova aquisição romântica de Alessandro.

Ela se irritou com a insinuação e com o ângulo da foto, que dava margem a fofoca.

— De onde eles tiram essas coisas? — Lily perguntou.

— Cara, não se estresse com isso — Sophia tentou suavizar a situação. — É dessa forma que a mídia sobrevive e Alessandro tem propensão a atrair atenção.

— Da qual eu não escolhi participar.

Sophia lamentou em silêncio, ciente de que Lily tinha entendido o interesse de Alessandro. Ela o conhecia tão bem, melhor do que a maioria... o suficiente para reconhecer que na ocasião ele fez o jogo da sociedade.

— Coma alguma coisa. Então, vamos tentar reproduzir o molho para a massa?

Foi uma manobra de distração, que era uma combinação de instinto e experiência por parte de Sophia.

— O que você acha? — Sophia perguntou, enquanto mergulhava a colher no molho quente e entregava para Lily experimentar.

— Está muito perto, mas falta alguma coisa. Outra pitada de açúcar mascavo. Vou acrescentar também uma folha de louro. Talvez funcione.

— Isso é muito divertido. Eu lembro quando a *mamma* fazia a massa e ensinava a sua mãe e a mim como fazer *panini*. A cozinha dela era o foco da casa, sempre repleta de aromas diferentes. Tinha um jardim de ervas aromáticas invejável e os legumes e as verduras dela eram os melhores da região.

— Eu ouvi algumas das histórias... de que cada uma das galinhas tinha um nome — Lily declarou com um sorriso caloroso.

Sophia sorriu.

— Havia alguns patos, perus e uma porquinha chamada Mirabella. Pobre Mirabella. Ela não percebia que era um porco. Um dia eu acordei e ela não estava mais ali. *Papa* explicou, a *mamma* me consolou, mas, desde então, não consigo mais comer carne de porco.

Enquanto o molho continuava a ferver, elas pegaram farinha, ovos e fizeram a massa, que comeram no almoço com pão fresco crocante.

— Humm, está muito bom — Sophia elogiou.

— Mas não está exatamente certo. — Lily franziu a testa. — Da próxima vez, no lugar da folha de louro, vou colocar uma pitada de páprica.

— Lily, este prato daria um prazer genuíno nos melhores restaurantes. — Os olhos de Sophia brilharam com um ar malicioso. — Você está empenhada na missão.

— Uh-hum.

— Mas não hoje — sua tia disse com firmeza. — Nesta tarde, Alessandro

vai levá-la para um passeio nos lagos. Tem muita coisa para ver.

Alessandro?

— Tenho certeza de que ele está muito ocupado — Lily protestou e Sophia simplesmente balançou a cabeça.

— Se estivesse, ele não teria oferecido.

Ele mexia com ela, mais do que queria admitir? Era um questionamento lógico, para o qual não tinha uma resposta sensata.

Lily estava pronta no horário marcado, vestida com uma calça preta sob medida, uma cashmere vermelha por baixo de uma jaqueta preta e sapatos pretos confortáveis.

O carro de Alessandro parou na entrada da casa e parecia que tinha se preparado para um dia informal, pois não usava gravata, os botões de cima da camisa estavam abertos e vestia uma jaqueta de couro. O traje lhe dava um ar jovial que expunha com uma desenvoltura notável. Lily percebeu, ao vê-lo cumprimentar Sophia e aproximar-se dela.

— Vamos?

Sophia estava certa, Lily notou enquanto Alessandro dirigia para as colinas e já podiam desfrutar de uma vista deslumbrante de lagos e montanhas cobertas por neve.

Abaixo, havia aldeias aninhadas perto dos lagos, casas com telhados de terracota coloridos entre as árvores e as águas azuis, onde lanchas e *jetskis* deixavam uma espuma branca por onde passavam.

— O lago Como produz uma grande porcentagem de seda da Europa — Alessandro revelou. — Vamos visitar o Museo della Seta e La Tessitura, uma loja que pertence a um grande estilista de seda de luxo. Há muita história por aqui.

— Serenidade é uma boa palavra para descrever tudo isso — Lily comentou. E a vantagem de ser próximo a Milão.

A Itália era seu país de nascimento e estava bem inclinada a permanecer ali por um tempo. Tinha o desejo de redescobrir suas raízes, de aproveitar a paisagem e as pessoas. Não importava o que a vida tivesse a lhe oferecer.

Lily sufocou um suspiro reflexivo. Poderia morar ali e desfrutar o ambiente, o estilo de vida, a comida, Sophia... Era tentador e não tinha nada a perder.

Havia muitos lugares interessantes, cidades lindas com toda uma história por trás.

— Você nasceu em Milão? — a pergunta saiu dos lábios de Lily sem que parasse para pensar, o que o fez olhar rapidamente para ela antes de retomar a atenção na estrada.

— De acordo com minha certidão de nascimento, sim.

— Seus pais se mudavam muito?

— Depende de sua interpretação do mundo.

Lily ficou em silêncio por alguns instantes.

— É assim tão ruim?

Então, pensou nas memórias que Alessandro devia guardar consigo para o resto de seus dias na terra.

— Consegui sobreviver.

Lily o olhou com atenção.

— Mas não com tanta facilidade.

Não do lado certo da lei... até que Guiseppe dalla Silvestri lhe desse a

oportunidade de ter uma nova vida.

— Tive a sorte de nascer em uma família amorosa — ela declarou baixinho, ao ver que ele não respondia. — Pais carinhosos que me proporcionaram uma infância maravilhosa, fazendo questão de que eu tivesse uma boa educação e a vantagem de poder continuar meus estudos no exterior. Minha vida teve duas fases distintas.

— Você deixou seu ex-noivo.

— Intencionalmente.

— É um assunto de que não gosta de falar?

— Por enquanto. — Ela o olhou de maneira esclarecedora. — Da mesma forma que acredito que tenha algumas reservas sobre detalhes de sua juventude.

Alessandro abriu um sorriso oblíquo.

Era um homem que preservava sua privacidade, Lily percebeu e não podia culpá-lo por isso. Por sua vez, ela não se sentia confortável para relatar detalhes do fim de seu noivado.

Talvez um dia... De onde aquilo vinha? Alessandro não se tornaria parte de sua vida, assim como não faria parte da vida dele.

Alessandro estava meramente sendo generoso com a sobrinha de Sophia. No entanto, vinha-lhe um pensamento espontâneo de que Cario poderia ter servido de guia e companhia para ela.

— Espero que o fato de estar ausente do trabalho não lhe cause acúmulo de tarefas.

Alessandro parou lentamente o poderoso carro em um determinado ponto e desligou o motor.

Avista era magnífica, mas o que prendeu a atenção de Lily foi o fato de Alessandro se virar para encará-la. E de repente o espaço dentro do veículo pareceu mínimo. A atenção dele não estava mais nas estradas sinuosas através das montanhas.

— Está preocupada com meus negócios, Lily?

Havia um tom de provocação na voz dele que invadiu-lhe as terminações nervosas e aumentou a consciência da presença de Alessandro perto dela. Às linhas finas do canto dos olhos, o sulco tênue cortando cada face, a boca generosa que momentaneamente capturou o olhar de Lily.

O que era aquela repentina vontade de explorar cada centímetro da boca de Alessandro? Traçar as curvas com os dedos... e mais, tocar-lhe os lábios com a própria boca, era como se uma força interna falasse mais alto.

Não fazia sentido. No entanto, estava lá, um magnetismo velado que ela tentava dissipar.

— Estou certa de que tem um círculo de funcionários extremamente bem qualificados, capazes de lidar com o que for preciso. E também de usar das mais altas tecnologias de comunicação, caso necessitem entrar em contato com você.

Era impossível determinar a expressão de Alessandro, e Lily arregalou os olhos quando ele colocou os dedos ao redor de seu queixo e pressionou o polegar em seus lábios.

Corações paralisavam? Teve a impressão de que o dela sim. Certamente, ela parou de respirar por alguns instantes que pareceram eternos, principalmente quando ele se inclinou para beijar-lhe a testa.

O cheiro dele provocou seus sentidos e a boca de Lily se abriu para emitir

um suspiro silencioso.

Seria tão fácil segurar-lhe o rosto e beijar-lhe a boca, sentir seu gosto e descobrir a mágica do toque dele.

No entanto, algo a impediu. Falta de certeza? Uma necessidade de ativar as defesas emocionais que adquiriu depois da traição de James?

Então, por que se sentiu desolada quando Alessandro a soltou?

— O pôr do sol é espetacular deste ponto — disse ao sair do carro e dar a volta para abrir a porta do carona. — Vamos observá-lo juntos e depois procuramos algum lugar para comer.

— Acho que Sophia está me esperando para jantar. — Foi um protesto simbólico que arrancou um sorriso de Alessandro.

— Não quando disse a ela que só a levaria de volta depois das 11h.

Ela ficou boquiaberta de surpresa.

— Eu não...

— Uma refeição, Lily, e uma conversa agradável.

Parecia inócuo. Afinal de contas, o que ela deveria temer?

— Você esqueceu de incluir o pôr do sol. — Então, ela saiu do carro e andou até o corrimão, ciente de que ele estava a seu lado.

As cores gradualmente mudaram e o sol se escondeu no horizonte, queimando em uma última chama, liquidada pelo crepúsculo.

— Se esperarmos, vai ver as estrelas surgirem — Alessandro informou baixinho e foi para trás dela.

A proximidade dele aguçou ainda mais seus sentidos e ela paralisou quando ele a envolveu pela cintura com os braços.

Ela deveria recuar, manter distância entre eles, e quase o fez, mas a presença dele a fez sentir-se... protegida, segura sem saber exatamente o porquê.

— Observe — Alessandro falou conduzindo a atenção dela.

E lá estavam, minúsculos pontos de luz no céu, gradualmente se tornando mais brilhantes, à medida que ficava mais escuro. Um belo cenário iluminado pelas casas das cidades espalhadas abaixo.

Ele ficou tentado a tocar a borda da nuca de Lily, deslizar a mão até o seio dela, puxá-la contra ele, fazendo com que sentisse o poder de sua excitação.

Sabia que, se fizesse um desses movimentos, qualquer prazer que tivesse seria temporário e não queria nada temporário.

— Comida — ele sugeriu ao se afastar de Lily. — Tem uma excelente *trattoria* a poucos quilômetros daqui.

Ele estava certo, Lily concluiu quando pediu uma lasanha, salada e pão fresco com azeitonas e molho de ervas. Havia música, a melodia suave de um piano, um violão e um belo homem cantando canções locais.

Aquela era a Itália que amava. Boa comida, um pouco de vinho, ótima música e uma companhia agradável. Um homem muito atraente, com traços rudes, olhos penetrantes, que a desconcertava e cuja atenção não conseguia definir.

— Está gostando?

Os olhos dela brilharam quando sorriu para Alessandro.

Tinha comido a lasanha até o último pedaço e terminado a salada, porém recusou a sobremesa, preferindo uma xícara de chá.

Uma mulher que comia com um apetite genuíno, em vez de uma

minúscula salada e uma porção de frutas ainda menor. Era uma mudança agradável, Alessandro refletiu saboreando seu café.

— Foi um dia maravilhoso. — E era verdade, ela reconheceu. — Obrigada.

Ele segurou as mãos de Lily e as levou até os seus lábios.

— O prazer foi todo meu.

Ela arregalou os olhos ao deparar com os dele e, por alguns segundos, foi incapaz de desviá-los.

Não sei aonde você vai chegar com isso. Pior: por que ela tinha a sensação de que Alessandro estava alguns passos a sua frente? Passos que levavam aonde? Certamente, a nada além de uma amizade.

Se era assim, por que se sentia desapontada? Não fazia sentido.

Tal contradição não combinava com sua paz de espírito, então resolveu recuperar a compostura.

— Podemos ir?

Alessandro chamou a garçonete, pagou a conta e escoltou Lily para fora da *trattoria*.

Eram quase 1h, quando eles pararam na entrada da casa de Sophia. Lily tirou o cinto de segurança com uma mão e puxou a trava da porta com a outra.

— Eu tenho a chave — Lily disse rapidamente. — Você não precisa...

Exceto pelo fato de que ele já tinha saído do carro e suas palavras ficaram no ar, então ele deu a volta até ela, tirou-lhe as chaves da mão e colocou na fechadura.

— Durma bem, Lily. Vejo você amanhã à noite.

Ela olhou para ele, atônita.

— Vai haver uma festa oferecida por uma das melhores amigas de Sophia para celebrar o noivado da filha, Anabella — Alessandro informou.

Como poderia ter esquecido? Claro, Sophia tinha mencionado naquela manhã.

— Boa noite.

Ela entrou, fechou a porta e ativou o alarme, assim como Sophia lhe havia ensinado, então atravessou o vestíbulo e subiu as escadas em direção a sua suíte.

Era um pequeno jantar com amigos em homenagem ao noivado da filha da anfitriã. Seria uma noite agradável, Lily pensou enquanto vestia a calça preta social, uma linda blusa vermelha de seda, um casaquinho preto, que tiraria quando chegasse, além de sapatos de salto também pretos. O cabelo estava preso de forma elegante, usava brincos de diamantes, um pingente e uma pulseira.

Estava pronta para ir, então deixou a suíte e desceu as escadas para encontrar Sophia.

— Eu a deixei esperando?

— De forma alguma — Sophia garantiu. — Alessandro acabou de chegar, estava indo abrir a porta.

Alessandro entrou. Vestia um terno impecável e exalava um imenso poder masculino.

— Sophia. Lily.

— *Caro* — Sophia o cumprimentou com um sorriso, dando-lhe um beijo na bochecha.

Lily, no entanto, enviou-lhe uma mensagem silenciosa de *por favor não*, a qual ele ignorou.

Quando chegava perto, ele despertava seus sentidos e fazia com que seu sangue corresse com mais intensidade pelas veias, especialmente quando sentia o aroma de seu perfume e a leve fragrância das roupas recém-lavadas.

Por um momento, Lily teve a sensação de que seu corpo .balançava em direção ao dele, porém imediatamente censurou o instinto.

Tudo parecia diferente naquela noite, Lily pensou, já dentro do carro, em direção às colinas. As luzes brilhavam à distância, fazendo um traçado delicado no céu azul-escuro.

"Pequeno jantar" era um equívoco, Lily concluiu ao ver o enorme número de carros na estrada que levava à linda casa de três andares.

Foram recepcionados pelo anfitrião e então levados por um dos funcionários para o que seria um grande salão, onde um número expressivo de convidados estava reunido. Os garçons ofereciam canapés, champanhe e vinho.

Lily lembrou de alguns rostos, de pessoas que conheceu na semana anterior e durante a meia hora seguinte foi apresentada a outros convidados. Assim como a filha do anfitrião, Anabella, e seu noivo Enrico.

O casal parecia extremamente feliz. Os dois só tinham olhos um para o outro e trocavam sorrisos secretos que só os amantes possuíam, convencidos de que o amor superaria qualquer coisa que a vida viesse a atirar sobre eles.

Será que ela estava tão feliz assim na noite de seu noivado com James? Contenta era a palavra que lhe vinha à mente, pois acreditava que talvez tivesse tudo de que precisava, que havia conquistado muitas coisas e se estabelecido com um bom parceiro.

Naquela época achou que fosse amor. Como estava errada!

Concentre-se, Lily, propôs a si mesma em silêncio. Você descobriu a falácia e escapou antes que um estrago real acontecesse. Nem todos os homens são como James. No entanto, sua confiança para julgar homens tinha sido abalada. Era mais simples evitá-los e esquecer qualquer possibilidade de relacionamento.

Um leve toque em sua cintura a trouxe de volta à realidade. Alessandro colocou a mão em suas costas, o que fez com que sentisse um arrepio na espinha.

Consciência, reconhecimento sensual e química.

Todos os três juntos e ela nada fez a respeito. A única reação era um calor que se difundia por todo seu corpo.

Nunca na vida tinha tido tal reação ou se sentido tão confusa em relação ao fato.

Esperava que a qualquer minuto Alessandro fosse se misturar aos convidados e conversar com amigos, para que ela pudesse respirar em paz novamente.

Porém, ele permaneceu a seu lado, como se soubesse que sua presença a afetava e quisesse tirar vantagem da situação.

— Sophia, um minuto de seu tempo, por favor.

— Claro — sua tia concedeu graciosamente e desculpou-se por se afastar alguns passos.

— Nada a dizer, Lily? — Alessandro perguntou e ela abriu facilmente um sorriso.

— Do que gostaria de falar? Negócios fiscais ou do atual derramamento de óleo? Isso deve preencher o vazio.

Alessandro levantou a mão e acariciou-lhe a bochecha, pegando de relance um brilho de emoção no olhar dela, antes que ela pudesse disfarçar. Seria dor? Vulnerabilidade? Talvez ambos... Perguntava-se por que tudo isso tinha tanta importância.

— Não precisa ficar nervosa — Alessandro disse gentilmente.

Ela não queria gentileza. Droga! Não queria fazer o jogo de devaneios, palavras inócuas, sem substância, que significavam muito pouco.

— Por que estaria nervosa? — Fixou seus olhos nos dele e o sorriso de Alessandro provocou-lhe um arrepio. Não era das mais confortáveis sensações, Lily admitiu. — Hoje, tomei café da manhã com a Sophia, ficamos um tempo em Como, fomos às compras, almoçamos e, depois, mais compras.

— Foi só isso?

Não, não foi. Porém não tinha a intenção de revelar que recebera outro *e-mail* de James, mais palavras de redenção e remorso, promessas vazias que imploravam por uma outra chance. Um *e-mail* que decidiu ignorar.

Lily balançou a cabeça e dirigiu-se a ele com certa solenidade:

— Por que não me conta sobre o seu dia?

Os olhos de Alessandro expressaram humor.

— Reuniões da corporação, uma videoconferência, almoço com associados.

— E agora está aqui socializando e cumprindo o dever com a sobrinha de Sophia.

— É assim que entende minha presença?

— Não é isso?

— Não.

Por alguns segundos, ela se perdeu nas palavras, incapaz de fazer com que qualquer coisa tivesse sentido e a resposta petulante que tinha na ponta da língua permaneceu escondida.

Naquele momento, os anfitriões anunciaram que o jantar seria servido e pediram para que os convidados se sentassem.

Placas com o nome de cada um designavam os lugares e Lily sentiu seu estômago dar voltas, quando percebeu que se sentaria ao lado de Alessandro e com Sophia à esquerda.

A configuração da mesa não daria margem para que tivesse uma pausa da presença dele por uma ou duas horas e ainda teriam de fazer um brinde em homenagem aos noivos.

Alessandro provou ser uma companhia masculina atenciosa, talvez até demais, pois parecia dirigir-se a ela com um grau de afeição, sempre se certificando de que seu copo estivesse cheio, solicitando seu pedido de água mineral depois da primeira rodada de champanhe, o que insinuava que ela era mais do que simplesmente a sobrinha de Sophia.

Alessandro possuía charme de sobra e só um tolo não seria capaz de detectar o lado implacável por baixo daquela sofisticação.

Era uma combinação que fascinava Lily e ela percebeu que Alessandro provocava olhares de três mulheres atraentes que estavam sentadas à mesa. Era algo sutil como movimentos de lábios pintados com *gloss* e um leve balançar de língua.

Será que era a perícia dele na cama que atraía aquelas mulheres ou a

fortuna que ele conseguira acumular?

Inevitavelmente os dois, pensou com certo cinismo.

— *Attenzione!*

Esse era o momento de encher os copos com champanhe e brindar aos noivos, algo que foi feito com muito entusiasmo.

Lily sentiu uma ponta de inveja quando viu a radiante Anabella com seu noivo apaixonado.

Será que estava tão encantadora e exalando tanto amor na noite em que aceitou o anel de noivado de James?

Houve prazer e certamente satisfação, mas e encantamento?

Não, de fato. E o que parecia sensato no momento já vinha errado desde o início.

Sentiu um arrepio na espinha quando Alessandro esticou o braço casualmente por trás da cadeira de Lily e inclinou-se em direção a ela.

— Ela está linda, não é?

Conseguiu sentir o calor de seu corpo, a intensa masculinidade que ele projetava sem fazer esforço.

— Estonteante — Lily concordou e o olhou com o que esperava ser indiferença, porém se sentiu traída pelo aumento de sua pulsação na base da garganta.

Foi um alívio quando o jantar terminou e os anfitriões incentivaram os convidados a se dirigirem à pista de dança, assim que o DJ começou a tocar. As músicas se alternavam, e Alessandro não saía de seu lado.

— Dança comigo?

Lily arregalou os olhos, mas conseguiu disfarçar a expressão. Um "não" silencioso cresceu e morreu dentro de sua garganta ao imaginar estar envolvida pelos braços de Alessandro diante da música lenta e da luz baixa.

— Eu acho...

— Não — ele disse baixinho e a conduziu para a pista de dança.

Relaxe; ela conseguiria fazer isso. Estavam no meio do salão cheio de pessoas.

Então por que se sentia estranha?

Como se eles fossem as duas únicas pessoas presentes no ambiente e ninguém mais existisse.

Não deveria ser assim tão bom estar perfeitamente em sintonia com cada movimento, como se tivessem dançado juntos a vida inteira. Aquilo era loucura.

Ele a segurava levemente, quase de maneira formal. No entanto, seus instintos a avisavam que Alessandro iria, a qualquer momento, diminuir a distância entre eles. Como se pudesse adivinhar o que Lily estava pensando, puxou-a junto a si e a formalidade sumiu.

A respiração ficou parada na garganta de Lily no instante em que ele deslizou as mãos por suas costas.

Uma magia sensual dominava seus sentidos e despertou-lhe o desejo do impossível. Era fácil culpar a letra e a melodia da música e o homem que a segurava.

Talvez fosse algo complexo demais para ser compreendido.

Tudo que Lily sabia era o desejo que a assolava naquele momento e se segurou nele o máximo que pôde.

Inevitavelmente, a música lenta chegou ao fim, o ritmo mudou e Lily aproveitou o pretexto para congratular os noivos e depois procurou a anfitriã

para agradecer pelo convite e pela noite maravilhosa.

— Você é mais do que bem-vinda. Sophia é uma amiga muito querida e é uma satisfação ter você aqui conosco esta noite. Acredito que esteja gostando de sua visita aqui.

— Muito, obrigada.

Café preto quente com açúcar, Lily decidiu indo em direção à mesa onde estava o *espresso*. Aceitou uma xícara, deu um gole e já estava quase terminando quando ouviu o seu nome:

— Lily.

A voz masculina fez com que seu coração acelerasse e ela se virou.

— Alessandro — falou com um sorriso. — Procurando também por um café?

— Procurando por você.

Bem, ele foi sucinto.

— Mesmo? Por alguma razão em particular?

— Algumas. — Deixou aquela afirmação no vazio. — No momento, uma será o suficiente.

— E qual é?

Ela era algo do outro mundo, Alessandro reconheceu, colocando os braços na cintura delgada.

— Sophia já está pronta para ir.

Lily tentou manter distância entre eles, mas sem sucesso. Ficaram juntos ali no vestibulo, enquanto Sophia conversava com o anfitrião.

Lily focou nas luzes, enquanto o carro de Alessandro descia pelas curvas sinuosas da estrada. Já era tarde, e a atenção que obteve de Alessandro durante a noite dominava-lhe a mente.

Ele fascina você, uma voz interna se pronunciou.

E daí?

Talvez deva descobrir por quê.

Não tão cedo, garantiu em silêncio. Já havia sofrido uma traição, por que iria abandonar a sanidade e se arriscar a outra?

Foi um alívio quando chegaram aos portões da casa de sua tia e, uma vez do lado de dentro, Alessandro desejou-lhes boa noite, inclinando-se para dar um beijo no rosto de Sophia e, depois, fazendo uma carícia evocativa nos lábios de Lily, terminando antes mesmo que começasse.

Exatamente como ele pretendia.

Ele percebeu um brilho de emoção nos olhos de Lily, que atravessou o vestibulo e subiu as escadas.

Não ajudava saber que ele ocupava o quarto de hóspedes bem perto do dela ou que sua imaginação criou asas, à medida que mentalmente o via tirando as roupas, peça por peça, deixando sua estrutura muscular à mostra.

E foi aí que a imaginação teve de parar...

CAPÍTULO QUATRO

Foi um alívio descobrir que Alessandro já tinha saído quando Lily encontrou Sophia para tomar café da manhã no dia seguinte.

— Ele foi para uma conferência em Paris hoje e vai para outra amanhã em Londres — Sophia declarou. — O que me dá a oportunidade de mostrar a você os lugares históricos mais famosos de Milão: galerias de arte, palácios maravilhosos, o Duomo e algumas catedrais.

— Parece ótimo — Lily respondeu, sorrindo. E, de fato, foi.

Analizou a arquitetura dos prédios dos séculos passados, todos feitos à mão pelo homem, sem uso de máquinas. Adorava a sensação do contato com elementos de gerações anteriores, com pessoas que viveram na época, o estilo de vida que levavam...

Lily ficou fascinada com as histórias sobre a alta sociedade que passavam de geração para geração... sem dúvida, uma mistura de fábula e realidade. Tinha uma forte sensação de pertencer àquele lugar.

— Por que não fica? — Sophia a incentivou com aparente deleite. — Você sabe como eu gosto de tê-la comigo.

Seria muito fácil dizer que sim. Lily segurou as mãos da tia e apertou com suavidade.

— Vamos conversar sobre isso no almoço.

— Já sei aonde vamos.

Elas entraram, juntamente com Cario, em um restaurante com uma linda decoração e o *maitre* cumprimentou Sophia pelo nome.

Depois das apresentações, foram levados para uma mesa com toalha de linho, talheres de alta qualidade e com belos suportes e copos para vinho.

Muito bom, ela observou com prazer, *o ambiente é adorável, os acessórios, exclusivos, mesas espaçosas e cadeiras elegantes, sem mencionar a educação dos funcionários.*

Até então, tudo estava ótimo, Lily disse a si mesma, ciente de que inevitavelmente o comparava a seu próprio restaurante, assim como tinha feito com todos os outros estabelecimentos em que esteve. Sendo *chef* de cozinha e dona de restaurante, era difícil evitar.

O menu também ganhou seu respeito, assim como a carta de vinhos, que continha uma seleção invejável.

— Eu gostaria de conseguir trabalho em um restaurante e alugar um pequeno apartamento em Milão — Lily confidenciou e achou que deveria explicar o motivo de sua decisão. — Tenho um excelente gerente e um ótimo corpo de funcionários no meu restaurante e estou confiante de que o Parisi vai continuar funcionando com alto padrão.

Os olhos de Sophia brilharam e ela aplaudiu a decisão da sobrinha.

— Então você vai ficar. *Cara*, que notícia maravilhosa!

Foi fácil abrir um sorriso.

— Estou feliz por ter aprovado.

— Como poderia ser diferente? — Sophia levantou a mão e o *sommelier* foi até a mesa. — Vinho, por favor, hoje vamos comemorar.

— Certamente — Cario concordou.

O vinho era um excelente Sauvignon Blanc e Sophia fez um brinde para celebrar a estada de Lily, depois pediram uma entrada que era uma obra de arte, tanto na apresentação quanto no paladar, mas foi superada, se essa

fosse possível, pelo prato principal. A sobremesa era um requintado merengue que dispensava comentários.

Foi Lily quem fez questão de enviar os cumprimentos para o *chef* de cozinha, Giovanni, que, para sua surpresa, apareceu no fim da refeição.

— Sophia, é muito bom vê-la novamente — ele a cumprimentou afetuosamente. — Como vai, Cario? Ah, e tem uma jovem amiga com você hoje.

— Minha sobrinha e afilhada, Lily — Sophia revelou com um sorriso carinhoso. — Que também é *chef* de cozinha do restaurante de sua propriedade em Sidney.

— Está de férias? Ou pretende ficar em Milão e procurar trabalho?

— Procurando trabalho.

Ele demonstrou interesse imediatamente.

— Seu italiano é fluente?

— Sim, e o francês também é — Sophia acrescentou. — Minha sobrinha passou um ano em Paris estudando a culinária francesa.

— Vamos fechar em algumas horas. Quando terminar seu café, Giorgio, o *maître*, vai levá-la até a cozinha para que possamos conversar. — Ele inclinou a cabeça. — *Scusi, per favore*.

— Parece promissor, *cara*. Como vai se sentir se Giovanni lhe oferecer uma posição aqui?

— Não vamos ficar muito entusiasmadas até que eu converse com ele — Lily disse com precaução.

O café preto estava com um aroma delicioso, um perfeito complemento para a refeição que acabaram de desfrutar.

Então, o *maitre* se aproximou da mesa e, educadamente, perguntou se o almoço satisfizes suas expectativas. Ao receber a aprovação, dirigiu as atenções para Lily.

— *Signorina*, se estiver pronta, vou levá-la até a cozinha.

Eficiência foi a primeira palavra que lhe veio à cabeça, quando entrou na enorme cozinha, limpa, com longas bancadas de aço inoxidável. Excelentemente equipada e com os funcionários trabalhando bem, juntos, ela observou tudo com um olhar analítico.

Giovanni foi até ela e indicou um pequeno escritório nos fundos da cozinha.

— Vamos conversar em particular.

As perguntas dele foram voltadas para o tipo de treinamento que Lily teve, onde e quando, incluindo o conhecimento que tinha e a experiência. Depois de mostrar-lhe uma variedade de menus, falaram sobre os ingredientes metodicamente, tanto em italiano quanto em francês.

Ela percebeu que esse teste só fez com que admirasse o método profissional de trabalho de Giovanni.

— Preciso de um assistente de cozinha — ele explicou. — Estaria preparada para uma jornada de trabalho amanhã?

Amanhã?

Não era hora de hesitar.

— Sim.

— *Bene*. — Ele mencionou os horários e valores de pagamento. — Se trabalhar bem, o emprego será seu. —

Levantou-se, indicando que o encontro tinha terminado.

— Espero você às 7 da manhã.

Era mais do que esperava. Destino, pensou, ao se juntar a Sophia e Cario. Teve a sorte de estar no lugar certo na hora certa.

— Isto é um "sim"? — Sophia perguntou diretamente e o sorriso de Lily já disse tudo.

— Mas está condicionado a um dia de experiência amanhã — ela acrescentou e Sophia a abraçou afetuosamente.

— Nó qual você será muito bem-sucedida — a tia garantiu.

Essa certeza lhe pareceu um pouco prematura.

— Possivelmente, eu espero.

— Lily, não há dúvidas — Sophia a certificou. — Temos de pegar o que vai precisar para amanhã — sua tia decidiu ao saírem do restaurante. — Cario vai conseguir acomodação para nós em Milão e estará disponível para levá-la e buscá-la no restaurante. Nesse meio-tempo, vou entrar em contato com uma amiga que trabalha com imóveis para aluguel.

— Primeiro vamos esperar para ver como vai ser o dia amanhã.

— Claro.

Sophia Dalla Silvestri provou ser uma mulher muito eficiente; logo deu alguns telefonemas e providenciou para que Cario as levasse de volta para o lago Como, a fim de que Lily arrumasse algumas coisas para passar a noite e o dia seguinte.

— Alessandro ofereceu para usarmos o apartamento dele — Sophia informou, à medida que Cario se aproximava do centro da cidade de Milão.

Está brincando comigo. Lily cuidadosamente analisou a expressão da tia.

— Muito gentil da parte dele.

— Ele só deve voltar para Milão amanhã.

Por favor, faça com que esteja ausente durante esta noite. O pensamento de compartilhar tempo e conduzir uma conversa com ele não estava em sua lista de passatempos favoritos, especialmente quando precisava ter uma boa noite de sono.

Talvez seu pedido tivesse sido atendido, pois não havia nem sinal dele durante o jantar com Sophia e Cario... ou, ao menos, até ir para seu quarto.

No entanto, dormir não estava sendo uma tarefa fácil, e mesmo com todo o conforto e a cama luxuosa ela se virava na cama, incapaz de rever em sua mente os menus do restaurante de Giovanni ou combinar os ingredientes com seus próprios métodos de preparo, ao mesmo tempo que ponderava se o emprego satisfaria seus rígidos padrões de qualidade.

Dê a si mesma um tempo. E ela mentalmente listou suas qualificações, sua experiência e seu conhecimento.

Vai dar tudo certo. Mas se ao menos conseguisse dormir um pouco...

Depois do que pareceu uma eternidade, ela se livrou dos cobertores, colocou um robe de seda sobre o pijama de algodão e foi em silêncio até a cozinha. A bebida quente acalmou seus pensamentos e Lily ficou vendo a noite passar, ao observar as luzes da rua, disputando com o néon colorido e os faróis em movimento.

— Não consegue dormir?

Lily segurou sua xícara com as duas mãos, tentando não derramar o líquido ao deparar com o homem que se aproximava dela.

Todas suas ramificações nervosas ficaram em alerta, enquanto tentava manter a calma.

— Você deveria estar em Londres.

Na penumbra, Alessandro parecia mais alto e com ombros mais largos. Ele tirara o paletó, a gravata e enrolara as mangas da camisa.

O visual casual não diminuiu a intensidade masculina que ele exalava sem esforço.

— Resolvi voltar para casa.

— Para uma cama vazia tarde da noite? — As palavras escaparam antes que ela tivesse tempo de pensar.

— Em vez de uma noite fisicamente ativa nos braços de uma mulher?

Lily enrubescceu, o que felizmente não ficou visível devido à penumbra.

— Se é o que lhe dá prazer... — ela conseguiu falar com um humor ácido.

— Você imagina mulheres na minha cama de forma indiscriminada, Liliana?

O uso provocativo do nome inteiro dela fez com que uma chama se acendesse e ameaçasse destruir sua paz de espírito. Só de pensar naquele corpo poderoso masculino na intimidade já era o suficiente para liquefazer seus ossos.

— Sem comentários — ela disse indicando não se importar, recusando-se a admitir que ele mexia com ela profundamente.

Alessandro abriu um leve sorriso.

— É bonita, não é?

— A vista?

— Claro.

Então por que lhe ocorreu o pensamento espontâneo de que não era à vista que ele estava se referindo?

— Está nervosa por causa do dia de amanhã?

Claro que ele sabia. Se Carlo não tivesse dado a notícia, certamente Sophia o fizera.

— Um pouco — ela afirmou com sinceridade e sentiu que ele chegou mais perto.

— Talvez isto ajude.

Ele colocou as mãos nos ombros dela e começou a massagear os músculos tensos, com a destreza de um especialista, o que arrancou um suspiro da garganta de Lily.

Aquilo era muito bom. Deus do céu... era maravilhoso. Ela fechou os olhos e pendeu a cabeça para frente, simplesmente se entregando àquele ato.

Ela não deveria deixar que ele fizesse aquilo... não deveria gostar tanto.

Só mais um minuto e me afasto dele, desejando-lhe boa noite.

Foi o que fez, mas não depois de um minuto, e sim, três.

E foi ela que se sentiu desolada quando Alessandro deslizou os dedos por sua face, enquanto estava ali de pé paralisada, tentando escapar.

Alessandro a observou estreitando os olhos e refletindo sobre qual seria a reação de Lily se a tivesse puxado e beijado sua boca, da forma que ficou fortemente tentado a fazer.

As reservas iniciais de Lily foram logo dissipadas ao ser apresentada aos funcionários da cozinha, ao local onde ficavam os diversos utensílios, o conteúdo da despensa e ao se familiarizar com o menu do almoço.

Sob a supervisão inicial de Giovanni, ela preparou frango fatiado, vitela, legumes e ingredientes para o preparo de massa fresca.

A concentração aos detalhes a manteve focada, trabalhando com rápida diligência e desfrutando da adrenalina que surgiu assim que o restaurante abriu as portas para o almoço e o movimento aumentou dramaticamente, à medida que os pedidos eram feitos e prontos para serem coletados pelos garçons e servidos.

O trabalho em equipe era de primeira, Lily admitiu. Giovanni era durão, mas justo, um vigilante que não recuava quando declarava que um prato não atendia a seus padrões de perfeição.

Felizmente, para seu alívio, nenhuma palavra severa foi dirigida a ela.

Uma vez que as sobremesas estavam nos pratos, a pressão começou a diminuir.

Quando os últimos clientes se foram e as portas do restaurante fecharam, a cozinha foi limpa e houve uma pausa para os funcionários, antes que se preparassem para o turno do jantar.

Lily recebeu um aceno de cabeça de Giovanni em aprovação e foi apresentada a uma garçonete atraente, uma inglesa com vinte e poucos anos, loira, chamada Hannah, que possuía profundos olhos azuis.

O intervalo também incluiu uma refeição leve e café, mas logo depois tiveram de preparar a cozinha para o jantar.

O almoço era um passeio no parque comparado ao jantar, que foi um dos mais atarefados que Lily já havia visto. Isso lembrou sua estada em Paris, em que ordens estritas eram direcionadas aos funcionários tensos da cozinha, caso houvesse um insignificante atraso na entrega dos pratos.

No entanto, era um território familiar, o qual havia estruturado sua vida. Era do que gostava, mesmo quando desgastava seus nervos, em determinadas ocasiões.

Mas a sensação de dever cumprido e satisfação superavam qualquer momento temporário em que as coisas se descontrolavam.

Já era quase meia-noite quando Lily tirou seu avental, a touca e os jogou na cesta de roupa suja.

Ela verificou seu telefone celular e abriu uma mensagem de texto avisando que o carro a estava esperando do lado de fora.

Giovanni se aproximou dela no momento em que pegava sua bolsa.

— A vaga é sua; no começo vai alternar entre os turnos do almoço e do jantar. Chegue no mesmo horário semana que vem. — Ele fez uma pausa e então sorriu. — Você trabalha muito bem.

O coração dela se elevou.

— Obrigada.

— *Buona notte.*

A maior parte dos funcionários da cozinha já havia saído. Lily acenou para os dois que ainda restavam e saiu pela porta lateral.

O carro portentoso estava parado ali perto. Lily respirou fundo de alívio quando o homem alto e moreno saiu do volante e abriu a porta do carona.

Obrigada, Lily suspirou silenciosamente. Um trajeto tranquilo até o apartamento de Alessandro, um banho quente e, então, cama.

Lily estava tão imersa em seus pensamentos que não percebeu que era Alessandro, e não Carlo, que segurava a porta do carro.

Ele percebeu o momento no qual ela reparou que estava ali para pegá-la, vislumbrou a forma como o corpo dela ficou paralisado por um instante, antes de sentar no banco do carona.

— Cario estava ocupado?

Alessandro retraiu um sorriso travesso ao dar a volta e sentar-se ao lado dela.

— Teria preferido a companhia dele?

— É fácil conversar com ele.

— E comigo, não?

Eles se entreolharam e Alessandro se perguntou se ela tinha consciência de que sabia exatamente o que se passava dentro da cabeça dela.

— Não.

— Mesmo? Talvez queira elaborar o fato.

Ele a observou encostar a cabeça no apoio do banco e viu que deu um leve suspiro quando ele ligou o motor e partiu com o carro.

— Foi duro o dia?

— Giovanni me contratou.

Não tinha dúvidas de que ela estava acostumada a dias longos, dentro do próprio restaurante, mas em uma cozinha estranha, com um time de funcionários desconhecido, exigia muito mais de Lily.

— É isso o que você quer?

— Sim. — Essa era a razão que justificaria que ficasse por um tempo, e era uma coisa boa, Lily racionalizou.

As luzes do tráfego à frente iluminavam as feições fortes do rosto de Alessandro e ela prestou atenção às mãos fortes no volante.

Alessandro tinha uma energia latente que a tocava por dentro... algo que ela tentava ignorar, mas sempre falhava.

Uma vez que conseguisse sua independência, ela provavelmente o veria com pouquíssima frequência.

Mas então, por que se sentia desolada diante dessa perspectiva?

No dia seguinte pediria a ajuda de Sophia para encontrar um apartamento e fazer compras. Precisaria de lençóis, toalhas e um carro, pensou. Transporte público depois do almoço seria tranquilo, mas tarde da noite? Embora pudesse sempre pegar um táxi.

Lily estava tão envolvida com a lista de coisas que necessitava fazer que ficou surpresa quando Alessandro parou o carro nas adjacências do prédio.

Pegaram o elevador até o andar do apartamento, no qual entrou primeiro e só depois se virou para olhá-lo.

— Obrigada.

Lily estava pálida, com os olhos fundos de cansaço. Ele não deveria se estender e sim deixá-la subir para sua suíte.

— Então... me agradeça — Alessandro disse com a voz rouca e viu que os olhos dela se dilataram.

O ar ficou pesado, quase perigoso, e Lily sentiu sua pulsação acelerar. Alessandro segurou-lhe o queixo e acariciou-lhe os lábios com os dedos, pressionou um pouco, então desceu a mão pelo pescoço dela sentindo sua pulsação.

Por um momento ela se deixou levar, mas estava ciente de que aquilo não deveria estar acontecendo. No entanto, pegou-se com um desejo incontrolável de colocar os braços ao redor do pescoço dele e pressionar o corpo contra o de Alessandro.

Subitamente, recuperou a sanidade, recuou silenciosamente e impôs a distância entre eles.

Ele a deixou ir e ela ficou paralisada sob a influência daquele momento sensual.

Lily se irritou por ele saber. Pior, por ele ter visto que ela lutara para recuperar a compostura. Palavras que queria atirar nele ficaram presas em sua garganta por alguns longos segundos, então, ela balançou a cabeça e o encarou.

— Não brinque comigo, Alessandro.

Alessandro continuou em silêncio, com o olhar fixo nela.

— Não estou brincando.

Ele viu os olhos de Lily arregalarem, demonstrando um grau de incerteza.

Então, Alessandro baixou a cabeça e tomou posse da boca de Lily. Suavemente, a princípio, provocando, explorando para sentir a reação dela. O desejo de aprofundar o beijo o estava esmagando e sentia a necessidade de puxá-la junto a seu corpo.

Ele poderia, facilmente... mas a que preço?

Por duas décadas, confiou em seus instintos, uma vez que sua vida ficou totalmente dependente de uma intuição profunda, que o salvou de uma lesão grave.

Caso vá rápido demais, talvez a perca.

Reprimindo seu desejo, ele suavizou o toque, mas ainda ficou ali, procurando traçar a curva generosa da boca de Lily, então, levantou a cabeça e roçou com carinho na testa dela, só depois a deixando livre.

Por um instante, ela pareceu perdida, meio desorientada, então afastou-se dele, atravessou a sala e subiu as escadas sem olhar para trás.

Lily se remexia na cama, tentando dissipar o pensamento da imagem de Alessandro, do toque, do beijo doce e do jeito como ele a fez sentir. Tinha de admitir que ficou dividida entre o desejo e a necessidade de contê-lo.

Ela queria ter um estilo de vida calmo e despreocupado. Tinha viajado para a Itália apenas para procurar por isso? Não queria de forma alguma ser pega por um turbilhão emocional.

Queria se concentrar nas coisas positivas, numa nova vida, num novo emprego, e dentro de alguns dias teria seu apartamento e um carro.

E, graças a Deus, foram seus últimos pensamentos antes de cair no sono.

CAPÍTULO CINCO

Outro e-mail de James estava na caixa de mensagens quando Lily abriu o laptop, na manhã seguinte. Desta vez, o que dizia não era tão agradável; começava afirmando que, se não tivesse notícias em 48 horas, iria falar com ela pessoalmente.

Seus dedos voaram para o teclado. Escreveu dizendo para que ele não desperdiçasse seu tempo, e apertou a tecla de enviar.

Será que James, de fato, pensava que ela iria ignorar o que tinha feito e o

aceitaria de volta em sua vida? O que provava que ele não a conhecia nem um pouco.

Lily desceu e ficou aliviada quando viu Sophia sentada sozinha à mesa. Fingir normalidade na presença de Alessandro, depois da fatídica noite anterior, afetaria completamente sua compostura.

— Alessandro já saiu, mas não sem antes contar que você vai começar a trabalhar no restaurante na semana que vem. Estou muito contente por você — Sophia disse com um brilho nos olhos.

Lily colocou café em sua xícara e deu um sorriso espontâneo.

— Obrigada. Estou feliz que tenha dado certo.

— Vai precisar de um lugar para ficar no fim de semana — Sophia disse, demonstrando preocupação. — Hoje Carlo vai nos levar até a imobiliária de uma amiga e vamos ver alguns apartamentos, *si*?

— Isso é tudo que eu quero.

— *Bene*. Mas agora me conte sobre ontem, depois saímos.

Sophia e sua amiga, Julia, provaram ser eficientes na escolha de locais para alugar e, juntas, definiram os lugares que iriam visitar.

Havia algumas ressalvas. Sophia insistia que o apartamento fosse bem localizado, bem mobiliado, em local seguro e com opções de estacionamento.

Julia se mostrou muito cuidadosa e as levou para ver cinco apartamentos que Lily ficaria contente em alugar.

— Vamos almoçar — Sophia convidou quando saíram do último imóvel. — Depois continuamos com as visitas.

— Ótima idéia — Julia concordou. — Acho que um imóvel em especial vai agradá-la.

— Deixando o melhor para o final? — Lily brincou e ganhou um sorriso em retribuição.

— São negócios, *si*? Além disso, hoje estou tendo a oportunidade de estar junto de uma amiga querida e ter o prazer de conhecer sua afilhada do coração.

Foi Julia que escolheu o restaurante e insistiu em pagar a conta, enquanto Lily ouvia as brincadeiras que ela e o *maître* faziam um com o outro sobre qual pedido fazer e qual vinho escolher.

Havia dois apartamentos agendados para a tarde, e foi o segundo que, de fato, atraiu Lily.

Ficava em uma rua maravilhosa. O prédio, em si, tinha sido restaurado, mas sem perder o estilo clássico. O apartamento era confortável, extremamente funcional, com uma sala de estar de tamanho mediano, uma suíte e um banheiro separado do quarto de hóspedes. O imóvel possuía utensílios modernos e a cozinha e a sala de jantar eram convidativas. Completamente mobiliado, o apartamento ainda tinha segurança e estacionamento. E, para completar, o contrato de aluguel era flexível e o valor, razoável.

— É este — Lily declarou com um sorriso de satisfação. — Vou ficar com ele.

— Ótimo, mas não quer um tempo para pensar?

Ela sacudiu a cabeça imediatamente em negação.

— Não — disse com um sorriso expressivo dirigido a Julia. — Já está com a papelada disponível?

— No meu escritório. Podemos ir para lá agora.

Lily estava satisfeita ao assinar o contrato, com uma sensação de realização, depois de conseguir um emprego e um apartamento em poucos dias.

A próxima aquisição seria um carro. Além disso, também precisava de lençóis, toalhas e alguns itens pessoais para o apartamento.

— Você está muito pensativa — Sophia observou assim que Cario as deixou no lago Como.

Lily segurou as mãos de Sophia com carinho.

— Obrigada.

— Cara, pelo quê?

— Por tudo — ela disse com simplicidade.

— Minha querida, tenho um grande interesse na sua felicidade e o desejo de tê-la perto de mim o máximo de tempo possível.

O calor do amor familiar tocou Lily profundamente e ela engoliu o soluço súbito que surgiu em sua garganta. As lágrimas surgiram em seus olhos, mas Lily as dispersou. Não faria o estilo chorona.

O toque insistente do seu celular fez com que vasculhasse a bolsa à procura do aparelho e sentiu seu estômago revirar quando viu o nome de James no visor.

Sem hesitar, simplesmente fechou o telefone interrompendo a ligação, o que fez com que o celular tocasse novamente.

Dessa vez, deixou tocar, o que despertou a curiosidade de Sophia. Lily balançou a cabeça.

— Vou cuidar dessa ligação depois.

Esperava que James entendesse o recado e não insistisse em contatá-la.

Porém, assim que Cario parou o carro na entrada da casa de Sophia, o telefone tocou de novo.

Lily saiu do carro, pegou o aparelho e sentiu a raiva crescer dentro de si.

Certo, então ele deliberadamente não queria entender o recado.

— Pare com os e-mails e não tente me ligar — disse com uma determinação fria. — Está acabado. Terminado.

— Lily querida, me ouça...

— Não há o que conversar. — Ela fechou o aparelho.

— Problemas, cara? — Sophia perguntou, preocupada.

— Nada com que não possa lidar.

Esperava que agora seu ex-noivo fosse entender de uma vez o recado.

Um banho demorado a ajudou a manter a mente longe do assunto, assim como uma refeição leve e o vinho que dividiu com Sophia enquanto falavam sobre os planos para o dia seguinte, até que ambas resolveram se recolher.

Era surpreendente o que se podia atingir em um curto espaço de tempo, Lily refletiu, enquanto Cario guardava a terceira leva de pacotes na mala do carro de Sophia.

Quase todos os itens de sua lista foram contabilizados e sentia uma grande satisfação em saber que só faltava um... o carro.

Depois de um almoço agradável, Cario as despachou para uma concessionária de automóveis. Lily circulou um pouco e depois decidiu adquirir um modelo simples prata, mas que atendia perfeitamente a suas necessidades.

— Muito bom — Cario concordou quando Sophia abraçou a sobrinha.

— Obrigada.

A forma de pagamento já tinha sido resolvida, a carteira de habilitação internacional, examinada, o seguro, feito, e o carro já podia ser retirado.

— Vamos colocar esta criança na estrada. — Lily entrou no carro e seguiu Cario até seu novo apartamento.

Lar, pelo tempo que escolhesse, Lily pensou com satisfação enquanto levavam as coisas para o segundo quarto.

Só tinha deixado algumas coisas na casa de Sophia, as quais sua tia levaria para seu apartamento no dia seguinte.

Lily estava muito emocionada quando ela e sua tia trocaram um abraço afetuoso.

— Vou sentir falta de sua companhia — a voz de Sophia expressava sinceridade. — Mas saber que está tão perto é uma alegria. Vai haver um evento beneficente no sábado à noite, será muito bom. Passo para pegá-la às 8h.

— *Grazie, zia.* Não teria conseguido nada disso sem a sua ajuda. Assim que souber minha escala de trabalho vou convidar vocês para um jantar. Cario, também. Vou preparar um prato especial.

— Vai ser maravilhoso, *cara.* Acredito que o convite irá incluir Alessandro, certo?

Lily não conseguiu nem piscar.

— Naturalmente.

Houve um rápido "ah, meu Deus, o que foi que eu fiz?" interior. Em seguida, ela observou Sophia partir com Cario.

Quando se tratava de entretenimento, dois ou três convidados faziam muito pouca diferença.

Exceto quando incluía um homem que deixava suas emoções em total alvoroço.

Então, lide com isso.

Determinada, saiu da janela e começou a desfazer as malas.

Não demorou tanto e depois fez algumas mudanças: alinhou o sofá para um ângulo mais confortável, fez uma triagem nos armários da cozinha e uma lista da comida que precisava comprar.

Já era tarde quando, finalmente, foi para a cama.

No dia seguinte pretendia fazer mais umas comprinhas, a fim de dar seu toque pessoal no apartamento. Assim, dormiu com várias imagens na mente: um objeto decorativo que viu em uma loja, um relógio digital de mesa, almofadas coloridas...

Os dias que se seguiram, entre compras e toques pessoais em seu apartamento, mudaram algumas coisas em seu gosto. O evento beneficente incluía roupa de gala e Lily visualizou seu vestido em tons claros de seda rosa e azul, o que realçava suas curvas esguias e caía suavemente sobre seus tornozelos. E uma echarpe delicada de seda dava um acabamento final ao modelo. Era um *design* atemporal, pelo qual tinha se apaixonado, e, como Sophia garantira, perfeito para usar em uma noite com a intenção de levantar fundos para caridade.

Cinco minutos depois, o interfone tocou avisando a chegada de Sophia e Cario. Lily deu uma última verificada na maquiagem e no cabelo, chegando à conclusão de que estava pronta para ir.

Logo em seguida, o telefone tocou; ela apanhou a bolsa e pegou o elevador. Quando a porta abriu, a primeira coisa que viu foi Alessandro de pé a

poucos metros, tão absurdamente atraente a ponto de tirar a paz de espírito de qualquer mulher.

Especialmente dela mesma.

Dentro de um terno preto que deveria ter sido feito especialmente para encaixar seus ombros largos e os músculos firmes, da camisa de punho e da gravata-borboleta, Alessandro parecia um modelo fotográfico.

No entanto, nenhuma fotografia poderia revelar o elemento poderoso que aquele homem exalava: a sensualidade primitiva que era somente dele.

Perigoso... um amante ávido que era capaz de fazer com que qualquer mulher perdesse os sentidos.

Deus... de onde aquilo vinha?

Sorria, Lily ordenou a si mesma, tentando manter o controle de sua imaginação. *Ande, fale!*

— Oi — ela conseguiu pronunciar educadamente. — Esperava ver Sophia e Carlo.

Tinha visto um brilho irônico nos olhos negros de Alessandro, antes que ele conseguisse disfarçar?

— Carlo vai deixar Sophia diretamente no evento.

— E mandou você no lugar dele. Muito gentil de sua parte.

Alessandro levantou a sobrancelha.

— Assim tão formal, Lily?

— Estava tentando ser amável.

O sorriso dele fez o sangue correr mais forte em suas veias e ela deliberadamente arregalou os olhos.

— Acho que falhei.

— Completamente — Alessandro concordou indicando o carro estacionado nas imediações. — Vamos?

Lily se espantou com a quantidade incrível de convidados reunidos quando entrou no ambiente histórico ao lado de Alessandro.

O local tinha uma aura esplendorosa que dava um ar atemporal ao moderno evento. Havia obras de arte genuínas espalhadas pelo grandioso vestíbulo, o salão era enorme e tinha um requintado baluarte. Os lustres suspensos davam a ilusão de luz, que, na verdade, era habilmente reforçada por lâmpadas elétricas escondidas.

Houve algumas ocasiões em que esteve presente em eventos beneficentes com seus pais, mas nada que se comparasse àquele.

Requinte e elegância pareciam ser a descrição perfeita e não precisava de muita imaginação para voltar aos tempos dos bailes com membros da sociedade italiana e a realeza.

— Este lugar é mesmo demais — Lily sussurrou, o que fez com que Alessandro a olhasse, pensativo.

— O local a agrada?

— Como não agradaria?

— Alessandro, *caro*.

Não foram as duas palavras pronunciadas, e sim a cadência de uma voz feminina que chamou a atenção de Lily. Sedutora não era exatamente o que a definia, Lily pensou ao se virar e ver a mulher que falara.

Mesmo para os olhos mais despeitados, a mulher que se movia em direção a Alessandro era a visão da perfeição, com seus longos cabelos pretos encaracolados. Tinha lindos traços faciais, acentuados pela maquiagem

sedosa e os olhos pretos brilhantes. Seu vestido parecia um modelo original, que sobressaía ainda mais com as jóias, caras, mas sem ostentação.

— Giarda — Alessandro a cumprimentou afetuosamente e Lily abriu um sorriso, porém congelou quando ele colocou as mãos na cintura da mulher. — Gostaria que conhecesse Liliana.

Não era Lily, a sobrinha de Sophia, apenas... Liliana. E por que seu nome completo parecia tão sexy quando vindo dos lábios de Alessandro?

— Ela é casada com um dos meus colegas de negócios — ele explicou e Giarda sorriu suavemente.

— Alessandro e meu marido rivalizaram por mim — disse com os olhos brilhando. — Massimo ganhou.

— Que maravilha.

O que mais ela poderia dizer?

— Tenho certeza de que ele se recuperou — Lily falou com um toque de humor e Giarda inclinou a cabeça.

— Claro — Giarda admitiu com um sorriso caloroso. — Continuamos ótimos amigos. — Dirigiu-se a Alessandro.

— Fico muito satisfeita por vê-lo ao lado de uma jovem tão atraente. Traga Liliana para jantar. Vou ligar para marcar uma noite em que todos possam.

— Obrigada.

Lily esperou até que Giarda se afastasse e então olhou para Alessandro.

— Eu não sou *sua* jovem.

— Você esqueceu o "atraente".

— Ainda tem as coisas melosas. — Os olhos dela o fulminaram. — Recuso-me a agir como a sua bonequinha de luxo.

Ele a olhou com interesse.

— Você acha que a usaria para isso?

— Oh, por favor...

— Então não tem certeza de seu poder, Lily?

O ar entre eles ficou eletrificado e, por alguns segundos, Lily perdeu a noção, ao ser pega por uma onda de emoções conflitantes.

A relação que tinha com James era confortável e agradável, ela admitia, ou pelo menos imaginava.

No entanto, Alessandro despertava uma paixão primitiva, que a fazia ansiar pelo impossível.

Havia uma parte dela que queria se entregar e simplesmente aproveitar o que ele podia oferecer, pelo tempo que durasse. Só que seria o mesmo que trilhar um caminho para a autodestruição. Não era algo que alguém, em seu estado perfeito procuraria para si.

Alessandro percebeu a pulsação acelerada na garganta de Lily e teve de resistir à tentação de acariciá-la com os dedos. Porém, ali, não era a hora nem o lugar.

— Alessandro. Lily.

Fosse o que fosse que ele poderia ter dito, não foi pronunciado, pois se viraram para cumprimentar Sophia.

— Estou um pouco atrasada — Sophia explicou, dando um beijo na face de Lily. — Cario ficou preso no trânsito. — Olhou para Lily e fez um aceno de aprovação. — *Cara*, você está estonteante.

— Linda — Alessandro acrescentou, segurando na mão de Lily e

levantando-a até seus lábios.

Os olhos dela dilataram ao encontrar os dele e decidiu compensar aquele gesto abrindo um sorriso encantador.

— Acredito que todos os ingressos foram vendidos — Sophia disse, ao aceitar uma taça de champanhe. — Os convidados tendem a ser generosos quando se trata de levantar fundos para ajudar crianças em estado terminal.

Foi feita uma solicitação para que os convidados sentassem, pois o jantar estava prestes a ser servido. Então, todos se dirigiram às mesas numeradas e Lily sentiu o leve toque de Alessandro em sua cintura, no intuito de escoltá-la até a mesa, compartilhada por outros convidados, entre os quais Giarda e seu marido. Massimo era um homem atraente, com feições fortes e tinha um grau de semelhança com o poder implacável de Alessandro.

Eles disputaram a atenção de Giarda e Alessandro recuou em favor de seu colega Massimo, mas seriam amigos nos negócios ou adversários?

Era evidente que os dois homens mantinham um respeito mútuo, o que ficou claro com o desenrolar da noite. Alessandro estava sentado entre ela e Sophia, e Massimo e Giarda em frente a eles. Os outros cinco convidados eram um casal de meia-idade com o filho e duas filhas. Durante o jantar, a filha mais velha do casal não poupou esforços para conquistar a atenção de Alessandro, a que ele correspondeu com educação e chame.

Lily, silenciosamente, afirmou que não ligava, mas sabia que estava mentindo, o que por si só era um enigma, dado o estado de suas emoções que estavam diretamente em contraste com sua mente.

A partir de segunda, estaria envolvida com o trabalho, de volta à cozinha, o local em que desejava estar. Atividades sociais, envolvendo a presença de Alessandro, iriam se restringir a quase nada. Antes que as coisas se complicassem, preferia se agarrar à rotina e a um estilo de vida simples.

A arrecadação de fundos foi anunciada como um notável sucesso e as doações individuais chegaram a um total que superou as expectativas.

Gradualmente os convidados começaram a ir embora. Foi perturbador o suficiente ficar sentada ao lado de Alessandro durante a noite inteira, mas foi ainda pior ter as mãos dele em sua cintura enquanto saíam do salão de festas em direção ao vestíbulo.

Lily tentou convencer a si mesma de que o ato era mera cortesia, mas não obteve sucesso, pois tinha uma sensação boa em relação ao contato físico e, embora tentasse negar, sentia-se protegida, o que era absolutamente insano.

Em nome de Deus, caia na realidade, culpe o champanhe, embora tivesse apenas bebido uma taça. Porém, em alguns segundos, já estaria no carro com Sophia e Carlo em direção a seu apartamento.

Exceto pelo fato de que, quando o carro de Sophia encostou na entrada, ela desejou a ambos *buona notte* e se acomodou no banco traseiro, deixando Lily quase sem palavras, à medida que Carlo deu partida com o veículo em direção ao fluxo de carros.

— Vou pegar um táxi. — As palavras saíram de sua boca, indicando uma resolução dura e tudo que conseguiu foi o olhar analítico de Alessandro.

— Não será necessário.

— Nem sonharia em desviar você do seu caminho.

Ele fez um gesto em direção a seu carro, parado perto da entrada.

— Vamos!

Lily lançou um olhar de desafio e arregalou os olhos quando Alessandro se inclinou a seu lado.

— Quer mesmo discutir?

Ela observou os *flashes* dos ávidos *paparazzi* dispararem, prevendo como sua relutância iria aparecer nas fotos, então, sentou-se no banco do carona com um sorriso forçado, que manteve até que Alessandro pegasse a rua principal.

— Eu poderia facilmente ter pego um táxi.

— Só se quisesse esperar na fila por uma hora ou mais. Algo que me recusaria a deixar que fizesse.

Ela abriu a boca para falar alguma coisa, mas desistiu.

O silêncio parecia ser a melhor opção e assim foi até que Alessandro parou o carro na entrada do prédio dela.

Com uma pressa indevida, ela soltou o cinto e segurou a maçaneta, porém Alessandro desligou o motor e saiu do veículo.

— Obrigada por me trazer em casa.

A iluminação externa acentuou o perfil de Alessandro; parecia um anjo na escuridão nos segundos que levou até o outro lado do carro e esticou a mão para Lily.

— Vejo você lá dentro.

Lily balançou a cabeça com um olhar sombrio.

— Não é necessário.

Deliberadamente, ele segurou o rosto dela, baixou a cabeça e roubou-lhe um beijo. Por um instante, Lily sentiu-se impotente diante da magia sensual daquele toque. Ela soltou um leve grunhido, na incerteza entre corresponder ao beijo ou fugir, mas instintivamente tinha consciência de que deveria escolher a segunda opção, caso quisesse preservar sua sanidade emocional.

Sem contar... que ele era bom nisso. Bom demais.

Um beijo... era apenas um beijo.

No entanto, tornou-se mais — era quase como se ele estivesse reivindicando um direito.

Estava difícil de resistir à tentação de colocar a mão em volta do pescoço de Alessandro, então, ela se inclinou trançando os dedos nos cabelos dele e correspondeu ao beijo, adorando o jeito com que a língua dele movia-se, fazendo uma dança erótica provocante que a deixava maluca.

Lily queria tocá-lo, pele com pele, assim, poderia explorar todos aqueles músculos definidos. Mordiscar, saborear até que ele gemesse, desejando mais. Ficaria perdido, longe dos pensamentos racionais, enquanto ela se entregaria à liberação que o sexo proporcionava.

Exceto pelo fato de que seria apenas sexo. E não era do tipo que dormia com homens só por uma noite, sem comprometimento.

Em que ela estava pensando?

Dois meses atrás, flagrou James na cama com outra e jurou nunca mais confiaria em nenhum outro homem.

Então, esfrie. Pare com isso agora, antes que saia do seu controle.

Alessandro sentiu o momento no qual ela começou a se afastar e suavizou o toque, deslizando as mãos pelo braço dela até segurar-lhe o rosto, ainda sem soltar-lhe a boca, acariciando os contornos suaves antes de levantar a cabeça e analisar-lhe a expressão.

Vendo os olhos de Lily escuros de paixão, as bochechas rosadas e um

pequeno tremor nos lábios, ele abriu um sorriso e segurou-lhe a mão.

— Deixo você em seu apartamento e em seguida saio.

Ele atravessou o hall até o elevador, apertou o botão e, quando as portas se abriram, escoltou-a para dentro.

Lily não disse uma palavra até que chegaram a seu andar, nem protestou quando ele pegou as chaves de suas mãos trêmulas, abrindo a porta do apartamento.

Segundos depois, ele entregou as chaves.

— *Buona notte*, Lily.

A porta se fechou e ela automaticamente desativou o sistema de alarme, então foi para seu quarto, tirou as roupas, colocou o pijama e caiu na cama, mas ficou acordada até as primeiras horas da manhã.

CAPÍTULO SEIS

— Duas vitelas à parmegiana, uma salada e legumes no vapor — Lily leu e aprontou o pedido para Hannah recolher e servir.

Era o segundo dia do turno do almoço e o restaurante estava quase lotado.

Giovanni, era durão, mas justo, garantindo que a cozinha funcionasse com o máximo de eficiência.

Muito pouco ou quase nada escapava a ele, seus olhos treinados conseguiam detectar as menores imperfeições.

Ego não existia na cozinha, embora Cristo, o segundo *chef*, ocasionalmente levantasse as mãos e lançasse um olhar sombrio a qualquer um que ousasse cruzar seu caminho.

Lily adorava a energia necessária para preparar o menu do dia. Os delicados molhos para os vários pratos de massa. As sobremesas requintadas que pareciam uma verdadeira obra de arte.

Costumava assistir a seus pais preparem comida da melhor qualidade, eram suas primeiras memórias, que foram responsáveis para que desenvolvesse a própria criatividade e o desejo de explorar, experimentar, analisar o que havia em casa e no exterior, na intenção de aperfeiçoar sua prática na arte culinária.

Ossobuco era o próximo a ser entregue por Lily, que adicionou espinafre e pinhões salpicados de azeite com pão *ciabatta*.

Logo os pedidos diminuiriam e seriam substituídos pelos pedidos de sobremesa e, depois, pelo café. No meio da tarde, poderia tirar seu avental, colocar no cesto de roupa suja e terminar o dia de trabalho.

Estava prestes a fazer isso, quando Giovanni a chamou, então ela se virou e ele se aproximou.

— Cristo teve uma emergência de família. Pode cobrir o turno dele esta noite?

Ela não hesitou:

— Sem problema.

Juntos analisaram o menu do jantar, o trabalho de Cristo foi passado para ela, que verificou a despensa e o *freezer*.

O restaurante começou a encher com a clientela da noite, e a rapidez era essencial, à medida que os garçons passavam os pedidos, um após o outro, para os funcionários da cozinha.

A necessidade de se trabalhar bem em conjunto era vital e Lily fez o que sabia melhor: trabalhar sob pressão, focada no que precisasse ser feito.

Havia alguns poucos momentos de descontração, quando o senso de humor de Hannah vinha à tona.

— O canadense na mesa cinco não gostou de seu filé. Ligeiramente mal passado no Canadá não é o que foi servido para ele. Quer a carne rosada com sangue no meio. Não pingando de sangue, mas perto disso.

Um cliente exigente deveria ser um cliente feliz.

— Ok. — Lily esquentou a frigideira, cortou um filé fresco, cauterizou, verificou e colocou no prato. — Pronto para servir. Com os cumprimentos da *chef*.

Dentro de minutos Hannah voltou para entregar um novo pedido.

— Foi um sucesso, embora ele ainda prefira a carne canadense.

— Mesmo?

— Mesmo. Eu expliquei educadamente que o restaurante compra a melhor carne de uma fazenda nas montanhas, que pertence a uma família rigorosa e o gado é alimentado a mão.

Os olhos de Lily brilharam e ela controlou a vontade de rir.

— Não disse isso!

— Uh hum. Ele pareceu ter ficado impressionado. — Hannah pegou o pedido e voltou para o salão.

O ritmo era rápido e Lily estava feliz por chegar ao final da noite, quando a maioria dos clientes já tinha acabado o prato principal e estava ávida pela sobremesa e pelo café.

Já estavam quase terminando o turno, quando Giorgio, o *maitre*, entrou na cozinha e se aproximou de Lily.

— Tem um senhor que gostaria de falar com você.

Ela arregalou os olhos de surpresa.

— Ele deu o nome?

— James. *Signor James*.

Era seu ex? Seu ex-noivo, ex-amigo... ex-tudo?

James? Aqui em Milão, neste restaurante em particular? Tinha de ser brincadeira.

Uma coincidência não chegava tão longe.

Mesmo que não tivesse sido difícil contatar Sophia, ela não diria, de forma alguma, onde Lily trabalhava e morava.

No entanto, James conseguiu descobrir e, por alguma razão, resolveu entrar em um voo para a Itália e forçar um confronto pessoal

Que inferno! Era tudo de que não precisava.

Teria de ter calma. Olhou de forma estranha para Giorgio.

— Esse homem é meu ex-noivo e não é nem mais meu amigo.

— Não quer falar com ele?

— Por favor, se não se importar.

Giorgio inclinou a cabeça e Lily retomou a atenção nos pedidos, sem perceber que o *maître* foi ao escritório e deu um telefonema, antes de voltar para a recepção.

Ela esperava que James aceitasse o que seria dito e fosse embora.

No entanto, sentia certo grau de nervosismo, quando tirou o avental e se despediu dos funcionários.

Certamente James não estaria esperando por ela.

Porém, lá estava ele, na calçada, quando saiu do restaurante, o que tornou impossível evitá-lo.

Andou até ela com longos passos e tentou segurar-lhe a mão, mas rapidamente ela as colocou às costas.

— James — Lily falou com firmeza —, o que está fazendo aqui?

— Vim convencê-la pessoalmente de que eu cometi o maior erro da minha vida. *E-mails* e ligações não iriam levar a nada.

O que ela poderia dizer que já não tivesse feito por *e-mail* ou telefone?

— Nosso relacionamento terminou no momento em que eu entrei em casa e vi você na cama com outra mulher.

— Não significou nada. — Ele deu mais um passo em direção a ela. — Eu fui um tolo. Por favor, me dê uma segunda chance — implorou desesperadamente. — Eu te amo.

Ela duvidava que alguma vez a tivesse amado.

— Já falamos sobre isso. Não vamos começar novamente.

— Lily...

— Vá embora, James.

— Lily, estou implorando, por favor.

Ela não viu a ação acontecer, o que deveria ter feito. Ele a puxou e apossou-se de sua boca com uma força voraz que a surpreendeu e a enojou ao mesmo tempo, o que fez com que lutasse duramente para se libertar.

Com um rosnado vindo do fundo da garganta, ela o chutou com força e aproveitou sua surpresa momentânea para se soltar.

— Não me toque, seu imbecil! — Ela esfregou a mão na boca e olhou para ele com ódio. — Se chegar perto de mim de novo, vou mandar prendê-lo por assédio sexual!

— Não pode estar falando sério.

— Muito sério, sucinta e veemente.

Ele tentou tocá-la outra vez, mas agora Lily estava pronta para enfrentá-lo.

— Não.

— Eu sugiro que siga o conselho de Lily — uma voz intensa, com sotaque familiar, falou pausadamente.

Ao se virar, Lily viu Alessandro encostado em seu carro preto estacionado no meio-fio.

Há quanto tempo ele estaria ali?

Lily empinou o queixo e analisou as feições impenetráveis de Alessandro.

— Posso lidar com isso.

— Disso eu não tenho dúvida — ele concordou em um tom suave que lhe causou arrepios na espinha.

James, por sua vez, deu um olhar ressentido para Alessandro.

— Isto é entre mim e minha noiva. Não é da sua conta.

— Ex-noiva — Lily corrigiu. — De quase dois meses atrás.

— Nós estamos tentando uma reconciliação.

— Não existe *nós* — ela garantiu. — E sem chance de reconciliação... nunca.

Alessandro se dirigiu a James:

— Isso é um "não" definitivo, não concorda?

— Ela não sabe o que quer — James declarou em um tom de desprezo, sem perceber a tensão que o consumia.

— Mas parece que não é você.

— Mesmo? — James falou, encarando-o. — E você é?

— Um amigo.

James se virou para Lily e indicou um carro compacto alugado.

— Vou seguir você até sua casa para conversarmos em particular.

Alessandro observou a expressão de Lily.

— É isso que você quer?

Ele a fazia lembrar uma pantera, à espreita, assistindo, oferecendo perigo.

— Não — ela respondeu sem hesitar e o viu indo na direção de James.

— Sugiro que vá embora — ele falou levemente.

— Ou você fará o quê? — James exigiu, incisivo. Alessandro não mexeu um músculo. No entanto, só um idiota ignoraria a força de sua postura.

— Garantir que nunca esqueça meu nome.

James analisou o terno caro, o ar indiscutível de poder, o carro de luxo e olhou para Lily com raiva.

— Você está me devendo.

— Não devo nada a você.

Ele havia morado em sua casa, da qual pagava todas as contas e até as compras de supermercado. Sem mencionar os depósitos feitos, referentes à recepção do casamento, flores, limusine, lua de mel... A lista não tinha fim.

James cerrou os punhos e, por um momento, Lily pensou que ele tinha intenção de atacá-lo fisicamente. Então, sem dizer nenhuma palavra, ele foi para o carro, entrou e saiu roncando o motor.

Lily respirou por um instante, antes de olhar para o homem que a observava com interesse mascarado.

— Você, claro, estava apenas passando.

— Estava na vizinhança.

Ela o olhou com um grau de ceticismo.

— Espera que eu acredite nisso?

— Tem importância?

Alessandro a analisou minuciosamente, ao perceber que não respondeu a pergunta. Lily arregalou os olhos quando Alessandro segurou seu queixo e levantou sua cabeça.

Sua boca estava um pouco dormiente devido ao ataque de James e, sem pensar, ela umedeceu o lábio inferior com a ponta da língua.

Alessandro a puxou, ela mexia profundamente com algo dentro dele, precisava de uma mulher especial em sua vida. Uma família, filhos e amor, do tipo verdadeiro e permanente, do qual achou que estava imune. Até agora...

Ele abriu um sorriso generoso quando ela colocou a cabeça na curva de seus ombros e repousou ali, por alguns minutos aparentemente longos.

Espontaneamente, ele deslizou a mão pela nuca de Lily e a acariciou suavemente.

Ela se encaixava tão bem, era como se tivesse sido feita para estar ali. Alessandro baixou a cabeça e passou os lábios pela testa dela, ignorando seus instintos de colocá-la no carro e levá-la para casa... para a casa dele.

Não era a opção ainda. E ele experimentou uma sensação de arrependimento quando ela se afastou.

Alessandro abriu sua carteira, pegou um cartão e o entregou para ela.

— É o número do meu celular. Qualquer problema, ligue. Entendeu?

— Obrigada. — Lily guardou o cartão. — Boa noite, Alessandro.

Ele deslizou os dedos pela face de Lily.

— Dirija com cuidado.

Ela inclinou a cabeça e ele a observou entrar no carro, esperando até que desaparecesse de vista.

Alessandro passou pela entrada do prédio de Lily e ficou aliviado ao ver que já estava do lado de dentro em segurança, sem sinal do carro de seu ex-noivo pela redondeza.

Enviou uma mensagem de texto para Sophia quando chegou em casa, para tranqüilizá-la. A preocupação de Giorgio com o caso foi fundamental.

Lily passou uma noite inquieta pensando nas palavras de James. As promessas vazias ecoavam em sua mente. Ela deixara perfeitamente claro que o relacionamento deles estava morto e enterrado. Como ele pôde imaginar que ela consideraria uma reconciliação? Por que qualquer mulher em sã consciência insistiria em um casamento depois de descobrir que seu noivo estava tendo um caso? , *Por favor...*

Eventualmente, ela devia ter caído no sono e acordou com o dia clareando. Então, levantou-se, vestiu-se, bebeu uma xícara de café forte, desfrutou do desjejum com calma e ligou para Sophia, a fim de aliviá-la das preocupações.

Alessandro, sob o disfarce de cavaleiro branco, não foi mencionado e a necessidade de transferir seu número de telefone para uma lista particular era essencial. Efetuar a mudança envolvia preenchimento de formulários e apresentação da documentação exigida, ou talvez conseguisse até um número novo. Deveria fazer tudo depois do seu turno no restaurante.

Completo, então, a lista de afazeres, chegou em casa, colocou as sacolas em cima da bancada da cozinha e ouviu seu celular tocar.

Deveria ser Sophia. Sua tia era a única pessoa a quem tinha dado seu número novo.

— Lily, estou feliz por ter conseguido encontrá-la. Alessandro pediu para que ligasse para ele, a respeito do jantar com Giarda e Massimo amanhã à noite. Acredito que tenha o celular dele, não é?

— Sim, tenho.

— *Ciao*, querida. Cuide-se.

De quem? Lily perguntou silenciosamente. James ou Alessandro? Cada um deles era igualmente perigoso, só que de maneiras diferentes.

Então pegou o cartão de Alessandro e discou o número. Ele atendeu ao quinto toque:

— Del Marco.

— É Lily — ela se pronunciou. — Sophia me deu o recado de que pediu que eu ligasse para você. — Fez uma pequena pausa. — Pode falar?

— Bem, se contar que acabei de sair do chuveiro e estou de pé, molhado e nu... — Alessandro falou, demonstrando calma.

Houve um segundo de silêncio.

— Ligo depois. — Então, ela desligou e soltou a respiração ao imaginar aquela visão do homem alto, musculoso e sem roupas. Molhado.

Não era bom para o coração ou seu equilíbrio, disse a si mesma à medida que um calor a dominava por dentro, provocando pensamentos que achava inquietantes. Muito inquietantes.

Então, faça alguma coisa, Lily repreendeu-se e resolveu tirar o aspirador de pó do armário. Limpeza poderia ajudar, depois tomaria um banho, colocaria roupas confortáveis, prepararia o jantar e ligaria de volta.

Uma hora e meia se passou, até que pegasse o telefone e discasse novamente o número dele.

— Lily — Alessandro atendeu, com uma pitada de diversão.

— Você não está no meio de alguma coisa, está?

— No momento, não.

— Queria falar comigo, não é?

— Antes de continuarmos, dê-me seu número novo.

Ela o fez, checando para ver se estava correto.

— Vou pegar você às 7h30, amanhã à noite. Vamos ao encontro de Giarda e Massimo, às 8h.

— Eu posso ir direto para lá.

— Mas não irá. — A voz dele ficou tão intensa que fez com que o estômago dela desse um lento salto mortal. — Como foi seu dia?

— Bem cheio.

— Você é muito concisa.

— Quer detalhes? Cristo deu um chilique quando seu molho bechamel coalhou e teve de começar tudo de novo. A panela virou e a chama do fogão queimou o dedo dele. Não era o dia de Cristo.

— James?

— Não o vi mais.

Alessandro esperava que continuasse dessa forma. Embora duvidasse de que o ex-noivo de Lily fosse desistir tão facilmente.

— Sugiro que fique atenta.

— Posso me proteger Alessandro.

Verbalmente, não tinha dúvidas, mas fisicamente? A preocupação de Sophia pela segurança de sua sobrinha tinha se tornado uma questão pessoal dele. Os instintos avisavam que ele tinha motivos para tal e vivera de seus instintos por muitos anos para que pudesse ignorá-los agora.

— 7h30, amanhã à noite — Lily confirmou.

CAPÍTULO SETE

Decidir o que vestir para o jantar envolveu uma seleção mental de

possibilidades que Lily considerava e descartava.

Tinha um lindo vestido de seda, com um corpete justo e saia em viés, que delineavam suas curvas. Era de um conhecido estilista australiano e foi uma das peças que resolveu levar consigo para Milão, mas que ainda não tivera oportunidade de usar. Uma echarpe daria o toque final, prenderia os cabelos, colocaria o mínimo possível de jóias e, claro, salto alto. Decisão tomada.

Não era um encontro, apenas um evento social sem a presença de Sophia, Lily garantiu a si mesma, enquanto finalizava a maquiagem.

Estava pronta e ainda restavam alguns minutos; pegou sua bolsa e se achava prestes a sair quando ouviu o interfone tocar.

Alessandro. No entanto, preocupou-se em olhar no monitor para dizer que estava a caminho.

Sentiu um frio no estômago enquanto o elevador descia e respirou fundo, antes de as portas se abrirem no vestíbulo.

Era apenas um jantar para quatro e não para dois.

Então, relaxe, sorria e se divirta.

Mas, simplesmente, bastou olhar para ele para saber que não estava em controle.

Via muito mais do que desejava naquelas expressões faciais fortes — aquela boca... a lembrança de como possuiu seus lábios era tão vivida, que mal conseguia esconder a tremedeira.

Lide com isso.

E assim o fez, abrindo um largo sorriso ao se aproximar dele.

— Oi.

— *Buona sera*, Liliana.

Ali estava o "Liliana" novamente. Será que ele sabia o efeito que causava nela?

— Vamos?

Como seria possível imaginar jantar com um homem que revirava suas emoções pelo avesso, enquanto tudo que se sentia impelida a fazer era se retirar em segurança?

Não fazia sentido.

— Seu interesse é de restaurar prédios antigos — Lily comentou enquanto dele dava a partida. — Está trabalhando em algum projeto no momento?

— Sim, mas há várias cláusulas: permissões a serem concedidas, apresentações, aprovação de projetos, enfim, as legalidades que envolvem o processo. Toda a transação pode demorar muito.

— É a burocracia, muitas fontes para conferir, consultar, comparar — ela comentou e deu um sorriso de lado para ele.

— Talvez leve alguns meses.

— Imagino que paciência seja a chave da questão.

— Não me considera um homem paciente?

Lily o analisou cuidadosamente.

— Talvez, se desejar muito alguma coisa.

O homem sentado ao seu lado era capaz de conseguir tudo que quisesse, sem importar os meios que o levassem a atingir seus objetivos. Atrás do sofisticado exterior havia uma crueldade nascida da necessidade de sobreviver a qualquer custo.

Era um amigo leal, mas um adversário perigoso.

Não ajudava o fato de ela estar mexida com a presença dele, a sensualidade primitiva que exalava sem fazer esforço. Parecia o tipo de homem que sabia tudo sobre mulheres: do que elas precisavam, o que queriam e a habilidade para entregar-se na cama e fora dela.

De onde tudo isso vinha?

Será que precisava do toque de outro homem?

Ela iria dispensar os homens, certo? Todos eles.

Especialmente homens do calibre de Alessandro. Com que até o mais leve dos flertes seria semelhante a trilhar um caminho em um campo minado.

O leve toque das mãos dele em suas costas fez com que sentisse um calor subir pelo seu corpo; sentia-se protegida, à medida que ele a guiava em direção ao bar onde Giarda e Massimo estavam sentados.

Giarda se levantou e deu um beijo na bochecha de Lily.

— É muito bom ver vocês dois — ela os cumprimentou, e Massimo fez o mesmo. — Vamos tomar alguma coisa antes de nos sentarmos a nossa mesa.

Os olhos de Massimo brilharam.

— Minha esposa gosta de estar no comando

— Por que o diverte permitir que eu faça isso — Giarda respondeu com doçura.

A química entre eles era quase palpável e Lily momentaneamente sentiu uma pontada de inveja. Pareciam tão felizes juntos. Ela ficou melancólica ao pensar que tal paixão iria faltar em sua vida.

Era interessante perceber que Alessandro e Massimo pareciam ser os melhores amigos, assim como associados nos negócios. Qualquer rivalidade passada tinha, obviamente, sido posta de lado.

O restaurante parecia ser o predileto da elite, na qual Massimo, Giarda e Alessandro estavam em alta, dada a atenção que receberam do *maitre* e dos funcionários.

A comida estava perfeita. Na escala de um a dez, Lily mentalmente deu a nota máxima.

Tinham acabado de terminar o prato principal, quando Giarda levantou sua taça de vinho e deu um gole.

— Em algumas semanas, Massimo e eu vamos celebrar o quinto aniversário de casamento. — Ela fez uma pausa e sorriu para o marido. — Faremos uma festa na nossa casa no lago Maggiore na noite de sábado e queremos convidar os dois para passar o fim de semana e comemorar conosco. Haverá um almoço no domingo, enquanto cruzamos o lago. Vai ser maravilhoso ter sua companhia — concluiu de forma calorosa.

— *Grazie*, Giarda — Alessandro disse com um sorriso afetuoso. — Aceitamos com prazer.

Lily arregalou os olhos. *Espere um minuto, não existe "nós"*. Além disso, estava escalada para trabalhar sábado e domingo pelas próximas semanas.

— Sinto muito, mas não poderei aceitar — Lily afirmou com pesar. — Vou trabalhar nos fins de semana.

Giarda, por alguns segundos, olhou-a verdadeiramente desapontada e então sorriu.

— Tenho certeza de que se conversar com seu chefe ele vai dar um jeito de alterar sua escala.

Sábado à noite era normalmente o dia mais cheio do restaurante.

— Não acho que será possível.

— Lily, prometa-me que vai pedir — Giarda suplicou persuasivamente.
Lily balançou a cabeça.

— Falarei com o chefe amanhã.

— Você poderia falar diretamente com seu chefe e pedir agora.

Usar o telefone celular durante um jantar parecia extremamente grosseiro e ela estava prestes a dizer isso, quando Giarda comentou baixinho:

— Ele está sentado conosco.

Lily arregalou os olhos de surpresa e olhou para Massimo, que silenciosamente indicou Alessandro.

Alessandra era dono do restaurante onde ela trabalhava?!

Levou apenas alguns segundos para encaixar as coisas. A escolha do restaurante, feita por Sophia, a oportunidade de trabalhar ali. Coincidências aconteciam, mas neste momento pareciam acidentais demais para que não tivessem sido planejadas.

Ela lançou-lhe um sorriso brilhante deliberadamente, antes de se dirigir a Giarda:

— Neste caso, mudar a minha escala não vai ser um problema.

— Bom. Está combinado. Estamos esperando ansiosamente pela a ocasião.

— Obrigada — Lily acrescentou educadamente. — Também estou ansiosa.

De alguma forma, ela conseguiu chegar até o final da noite, apesar de internamente ter feito um esforço enorme.

Não ajudou muito quando Alessandro colocou o braço nas costas da cadeira dela, enquanto a atendente servia o café.

Foi um gesto casual, que serviu para acelerar sua pulsação e para atordoá-la com o exclusivo aroma de sua colônia. *Droga!*

Despedir-se de Giarda e Massimo levou alguns minutos, antes que saíssem para pegar o carro. Lily esperou até que Alessandro ligasse o motor e desse a partida no veículo.

— Como isso aconteceu, Alessandro? — ela perguntou, decepcionada. — E não insulte a minha inteligência alterando os fatos.

— Nem sonharia em fazer isso.

Ela lançou-lhe um olhar sombrio, que deveria tê-lo derrubado, mas que não surtiu efeito algum em Alessandro.

— Sophia poderia ter escolhido qualquer um dos muitos restaurantes da cidade para almoçar naquele dia.

— Preocupa a você que ela tenha escolhido o meu, Lily?

— Só que parece ter sido uma decisão deliberada.

— E ficou com raiva?

— Não gosto de ser enganada ou de levar uma vantagem injusta.

— Você conseguiu seu emprego — ele a lembrou suavemente. — Você é uma *chef* de cozinha profissional, é proprietária de um restaurante de primeira linha, fala italiano e francês fluentemente.

— Diga-me... se fosse uma desconhecida e tivesse pedido o emprego, teria conseguido?

— Provavelmente não.

Os olhos de Lily escureceram, enquanto ele parou na porta do prédio e desligou o carro.

Ela se irritou profundamente, por saber que foi, meramente, pela ligação

que tinha com Sophia. Sem dúvida, Alessandro encarava isso como um dever e provavelmente achava a companhia dela aborrecida.

— Não.

Os olhos de Lily estavam em chamas.

— Como?

— Não — ele reiterou baixinho, enquanto ela soltava o sintoma de segurança.

— Você não tem idéia do que...

— ...você está pensando? Tente.

Ele segurou o rosto de Lily, baixou o queixo e a beijou com seu toque habilidoso experimentando uma doçura interior, conseguindo tirar um gemido espontâneo e penetrante do fundo da garganta dela, que sentiu a necessidade de saborear aquele toque e a mestria do presente que Alessandro lhe concedia.

Era mais, muito mais do que ela imaginava, e sentiu-se perdida... tão envolvida que choramingou quando ele começou a recuar.

Por um tempo que pareceu uma eternidade, ele simplesmente olhou para ela e sua respiração parou enquanto ele alisava com o dedo seu lábio inferior.

— Agora você entende.

Será que entendia?

Oh Deus!

— Eu não posso. Você... — Os olhos dela demonstravam incredulidade, choque, pela paixão que tinham acabado de compartilhar. — Eu tenho de...

Ela se afastou e mal teve consciência de que ele permitiu que o fizesse. Lily se atrapalhou com o cinto de segurança e estendeu a mão para abrir a porta do carro.

As chaves... droga! Onde estavam suas chaves?

— Sua bolsa.

Quando ele tinha saído do volante e se aproximado dela?

De alguma forma, Lily encontrou as chaves, mas não notou que Alessandro a acompanhara até a entrada principal e a seguiu pelo vestíbulo até o elevador. Quando finalmente o viu, pediu-lhe:

— Por favor, vá.

— Só quando eu a vir em segurança do lado de dentro do apartamento.

— Não — Lily protestou. — Estou bem.

Se ignorarmos a total confusão emocional.

A porta do elevador se abriu e ele entrou atrás dela, apertou o botão e a olhou, pensativo, enquanto subiam.

Sem dar uma palavra, ele pegou as chaves da mão dela e colocou na fechadura para abrir a porta.

— *Buona notte, cara.* Ligo para você amanhã. Feche bem a porta.

Ela entrou no piloto automático, seguiu para o seu quarto e ficou olhando para o vazio, até que foi interrompida pela realidade.

Com movimentos automáticos, tirou os sapatos e as roupas.

Seus dedos tremiam ao tirar os prendedores do cabelo. Então, mirou seu reflexo no espelho e fechou os olhos, tentando bloquear a imagem. Estava pálida, com os olhos arregalados e os lábios inchados pelo beijo.

Aonde ela iria a partir dali?

CAPÍTULO OITO

Lily verificou sua escala, viu qual era o próximo dia em que estaria livre e ligou para Sophia.

Família; ela ansiava por isso. Amigos verdadeiros eram como ouro, mas a família representava a mais preciosa das jóias.

— Estou com o dia livre na quarta-feira — Lily explicou. — Adoro quando vem jantar na minha casa. Cario também, claro. — Fez uma pausa. — E Alessandro.

Se Sophia percebeu a pequena mudança no tom de voz de Lily, preferiu não comentar.

— Aceito com prazer. Vai entrar em contato com Alessandro?

— Sim. — Teria de fazê-lo, mas só em pensar em dar o telefonema, seu estômago doía. — As 7h30 está bom?

— Perfeito. Esperarei ansiosa.

— Vai ser ótimo — Lily respondeu calorosamente. Com Sophia e Cario, sim. A presença de Alessandro...nem tanto.

Então por que se desmancha em pedaços toda vez que o vê?

Derrete-se quando ele a toca, mesmo de maneira casual. E nem pense sobre a forma como a boca de Alessandro se encaixa na sua. É letal, ela admitiu.

Então, faça a ligação, por que não? Resolva isso antes de sair para trabalhar. Afinal de contas, não poderia ser mais fácil, visto que tinha o número do celular dele na lista rápida de contatos.

Ele atendeu ao segundo toque.

— Lily, em que posso ajudar?

Ela ficou tentada a dizer a ele, mas não seria muito esperto de sua parte.

— Convidei Sophia e Cario para jantar na quarta-feira à noite. Está livre para se juntar a nós?

— Será um prazer. — A voz dele apresentava uma sensualidade calorosa e seu coração disparou.

— 7h30 na minha casa. — Falou mais algumas palavras e encerrou a ligação: — *Ciao.*

Bem, está feito.

Em seu escritório luxuoso, Alessandro colocou o telefone na mesa e sorriu. Recebia muitos convites ao longo dos anos, tanto sociais quanto íntimos. Mas nenhum deles o deixava tão reflexivo, o que admitia com relutância.

Lily... ou Liliana, como ele preferia pensar nela. Liliana era calorosa, charmosa, encantadora, pelo menos quando se permitia baixar a guarda.

Era uma mudança bem-vinda em relação às mulheres que faziam o jogo da sedução para qualquer homem com dinheiro que pudesse sustentar o estilo

de vida que procuravam. Tinham o corpo escultural e só buscavam a perfeição, adotando fachadas que as faziam parecer cópias de carbono uma das outras.

Poderia nomear uma dúzia delas ou mais. Exceto Lily Parisi, a única mulher que cobiçava, que beijava como um anjo e se encaixava em seus braços como se pertencesse a eles.

Alessandro pretendia que um dia, de fato, pertencesse quando finalmente conseguisse conquistar sua confiança.

Tempo e paciência... ele possuía ambos. E sempre ganhava.

A noite estava muito movimentada, todas as mesas do restaurante estavam cheias, o que significava que a cozinha e os funcionários tinham de trabalhar com máxima eficiência.

Lily começava a se sentir confortável com a equipe. Não existia mais nenhuma reserva por parte de Giovanni em relação a ela e já conseguia fazer Cristo sorrir, mesmo nos seus dias mais temperamentais.

Em relação aos funcionários do salão, tinha muita empatia por Hannah, cujo senso de humor e expressões faciais amenizavam o estresse. Especialmente, quando os clientes exigiam que pratos requintados fossem servidos em questão de minutos.

Giovanni, que normalmente era responsável por manter o grupo unido, fazia seu trabalho com uma serenidade invejável e era reconhecido por administrar um restaurante de primeira classe e não uma rede de *fastfood*.

Como em qualquer restaurante, em determinadas ocasiões apareciam clientes que se sentiam com poder para impressionar em voz alta com seus conhecimentos sobre vinho. Fazendo questão de que todos ouvissem que eram *connaisseurs* de comidas finas, apenas para ter o prazer de olhar para o prato que escolheram com cara de decepção.

Também havia clientes que encontravam defeito em tudo e faziam questão de devolver os pratos, depois de comerem quase a metade, como estratégia para receberem outro prato com os cumprimentos da casa.

Lily chegou até o fim de seu turno, tirou o avental e já estava pronta para sair quando Hannah a interceptou.

— Nós duas estamos escaladas para o almoço, amanhã. O que acha de tomarmos um café depois?

— Seria ótimo. — Lily abriu um sorriso.

Vai ser divertido, Lily pensou à hora de dormir. Hannah e ela tinham mais ou menos a mesma idade e compartilhavam dos mesmos interesses.

No dia seguinte, assim que findou o expediente, Lily pediu:

— Você escolhe o lugar. Afinal, está em Milão mais tempo do que eu.

— Há mais de um ano — Hannah concordou. — Tem uma cafeteria perto daqui que serve um café incrível.

— Então, vamos.

O local era pequeno, porém aconchegante. Escolheram uma mesa, pediram cada uma um café e Hannah abriu a conversa:

— Devemos compartilhar nossas histórias de vida, nossas lamúrias e alegrias? — Os olhos dela brilhavam. — Ou esquecemos tudo isso e falamos besteiras e coisas tediosas?

— E se a história de vida for um tédio?

— Impossível. A cozinha é parte de sua vida, já que possui um restaurante, você é italiana de nascença e uma parceira profissional para

Giovanni e Cristo.

Lily deu um sorriso e abriu as mãos.

— Agora é sua vez.

— Uh-hum. Mais detalhes.

— Não tenho muito para contar. Minha tia me convidou para uma visita e eu decidi ficar por um tempo.

— Terminou com o namorado?

— Algo do tipo.

— O mesmo aconteceu comigo. Relacionamentos insípidos. Achei que se eu saísse de Londres ele iria sentir saudade e vir atrás de mim, mas não aconteceu.

O café foi servido e a conversa continuou.

— Estou saindo com uma pessoa — Hannah confidenciou. — Ele é italiano.

— Que ótimo.

Hannah revirou os olhos e sacudiu a cabeça.

— A mãe dele quer que se estabeleça com uma garota italiana, que ele siga as tradições e que lhe dê netos. Não quer uma moça inglesa que tenha idéias diferentes e não fale a língua.

— E o que esse homem diz?

— Que a vida é dele e que ele escolhe com quem vai se casar.

— Parece que é determinado.

Os olhos de Hannah se encheram de vida.

— Sim, ele é.

— Então, qual é o problema?

— As mães italianas tendem a ser muito protetoras — ela respondeu secamente. — *Famiglia*. Eu não me encaixo nisso.

— Simples. Você o mantém feliz e ganha a mãe do rapaz com suas habilidades culinárias.

— Não há problema em mantê-lo feliz — Hannah garantiu, franzindo a testa. — Mas eu não sei cozinhar. E tenho tido aulas de italiano.

— Bem, então não há nada com que se preocupar.

— E você, está saindo com alguém?

Lily deu uma risada.

— Estou em Milão há pouquíssimo tempo.

— Existem boatos de que tem ligações com Alessandro Del Marco, o dono do restaurante.

Lily manteve a voz neutra:

— Ele é amigo da minha tia.

— De vez em quando, janta no restaurante. É de primeira. — Hannah abriu um sorriso perverso. — E eu aposto que é fantástico na cama.

— Eu não saberia dizer.

Hannah revirou os olhos, incrédula.

— E não quer saber?

— Não.

— É uma pena.

Elas falaram mais um pouco, terminaram o café e saíram. Hannah foi em direção à estação de trem e Lily pegou seu carro.

Na quarta-feira acordou cedo, limpou o apartamento e pensou sobre o menu do jantar enquanto tomava o café da manhã.

Linguini ao molho *funghi* de entrada, seguido pela especialidade do Parisi: um prato de frango, uma fina torta de frutas como sobremesa, um sorvete de manga para limpar o paladar, café e vinho.

Simples, sem muita invenção, bom e familiar. Não seria uma obra de arte culinária para a clientela.

Lily verificou a despensa, fez uma lista e saiu para comprar os ingredientes de que precisava.

Tudo já estava em ordem no início da noite, a mesa pronta, o vinho refrescando e a torta repousando na geladeira.

Hora de dispensar o jeans e a camiseta, tomar um banho, vestir algo feminino, prender os cabelos e passar um *gloss* labial.

O interfone tocou às 7h30 e, quando Lily atendeu, viu a imagem de Alessandro no monitor de vídeo. Não eram Sophia e Cario, como esperava.

Lily sentiu seu coração disparar, quando abriu a porta de fora e o viu entrar no lobby. Instantes depois, já estava no apartamento. Ela o recebeu com o que considerou ser um sorriso de boas-vindas, aceitou a garrafa de vinho que trouxe como cortesia e então arregalou os olhos quando ele a segurou e beijou.

Foi um pouco demasiado para a sua paz de espírito.

— Bom — Alessandro murmurou de satisfação, ao afastar a cabeça, olhando para ela de forma calorosa e intrigante.

Bom? Um beijo oportuno, no apartamento dela, com o aroma tentador da comida fervilhando no fogão?

Foi o que teve vontade de perguntar.

Felizmente, foi uma questão de minutos até o interfone tocar novamente, anunciando a chegada de Sophia e Cario.

Será que deixou transparecer o alívio? Esperava que não.

Lily sentiu a tensão aliviar um pouco, à medida que assumiu o papel de anfitriã e começou a servir o vinho.

— Deixe que eu cuido disso — Alessandro disse, foi para o lado dela, tirou a rolha da garrafa e começou a encher as taças.

Depois que todos já tinham sido servidos, levantou a taça e propôs um brinde:

— A Lily e a uma vida nova e feliz.

Em cinco minutos, talvez dez, ela voltaria à cozinha a fim de colocar a massa para cozinhar. Teria de transferir o frango para uma travessa, arrumar os legumes e, assim que a massa estivesse pronta, servir a entrada.

Não havia razão para nervosismo. Não perdia a paciência quando se tratava de comida. Então por que a sensação de estar pisando em ovos? Não fazia sentido.

Embora nada fizesse sentido quando estava na presença de Alessandro, o ar parecia fervilhar de sensualidade, a ponto de se tornar quase uma entidade palpável.

Será que era apenas sua imaginação fantasiosa... ou ele sentia a mesma coisa?

Pelo amor de Deus, ela se admoestou silenciosamente. *Continue com a programação. Vá fazer o que sabe de melhor, que é dar o toque final na entrada, tirar o pão de ervas do forno e colocar a comida na mesa.*

— Se me derem licença...

— Gostaria de ajuda? — Sophia ofereceu.

— Estou bem, obrigada.

Levou apenas alguns minutos para escorrer o linguini, servir nos pratos e adicionar o molho *funghi*. A comida principal estava em pratos aquecidos, prontos para irem à mesa.

Lily deu uma verificada final, colocou o pão na cesta com guardanapo de linho e chamou os convidados para se sentarem.

O linguini foi declarado *perfecto*, o frango, a ambrosia, a torta de fruta e o sorvete de manga estavam excelentes.

Estava normal, na opinião crítica de Lily, um jantar satisfatório.

— *Miei complimenti* — Cario acrescentou.

— *Grazie* — ela aceitou com um sorriso caloroso e quase congelou quando Alessandro acariciou sua face.

— Estava *superbo*, Lily.

Os olhos dela se arregalaram e por um momento não conseguiu dizer nada.

— Obrigada — pronunciou finalmente. — Gostariam de ir para a sala de estar enquanto eu tiro a mesa? Lá poderemos relaxar com conforto.

— É agradável ficar um pouco sentada à mesa — Sophia disse. — Lembro da minha família, quando nos juntávamos para rir e jogar conversa fora.

— A mesa proporciona isso — Lily concordou.

Sua tia associava comida a família. Era a hora do dia em que todos se sentavam juntos, em que o que importava era a proximidade e o amor.

Todos recusaram outra taça de vinho, pois ambos os homens teriam de dirigir e o café seria mais prolongado, enquanto ficassem ao redor da mesa contando anedotas.

— Você lembra, Lily — Sophia começou —, quando nos visitou com seus pais? Você estava com 14 ou 15 anos?

Lily sorriu timidamente.

— Não, por favor. Eu usava aparelho nos dentes, rabo de cavalo, vivia de jeans e lamentava pelo fato de que nunca seria alta.

— Lembro da sua mãe tentando persuadi-la a usar vestido.

— Enquanto eu achava que os jeans faziam minhas pernas parecerem mais longas, aumentando a ilusão de altura.

— Era uma adolescente linda — Alessandro comentou, lançando-lhe um olhar brilhante.

Linda? Era disso que ele se lembrava? Alguém teria idéia de como secretamente fantasiava com ele? Babava pelo homem bonito e alto com passado sombrio que invadia seus sonhos.

Exceto pelo fato de que foi mais de dez anos atrás e, depois disso, aconteceram muitas mudanças em sua vida, algumas boas, quando se lembrava de seus pais, das viagens, do sucesso como *chef* de cozinha. E, mais recentemente, as que não eram tão boas.

Lily se dirigiu a Alessandro:

— E sobre sua adolescência, Alessandro?

Ele fixou os olhos nela, austero e com uma ponta de zombaria.

— Tenho certeza de que ouviu como Giuseppe e Sophia me levaram para a casa deles e me transformaram no homem no qual me tornei.

— Sim — ela disse baixinho. — Ouvi, mas sei muito pouco da sua vida antes disso.

— E algo que eu compartilho com muito poucas pessoas.

— É tão ruim assim?

Viver sem teto, ser obrigado a aprender a jogar sujo para garantir a sobrevivência nas ruas... estar um passo à frente da polícia, constantemente protegendo as costas...

— *Sì*.

Ele tinha cicatrizes dos talhos de faca que levou, tatuagens, agora removidas com *laser*. Ainda restavam algumas que lembravam a vida que tinha deixado para trás.

— Vou fazer café — Lily falou. — Está ficando tarde e Cario e Sophia precisam voltar para Como.

Seria só moer os grãos e colocá-los na máquina. Ela pôs a louça necessária na bandeja, enquanto esperava a máquina filtrar. Então, quando estava pronto, pegou o açucareiro e levou tudo para a mesa.

Logo, Sophia, Cario e Alessandro iriam embora, então limparia tudo e se recolheria.

Só que as coisas não aconteceram dessa forma.

Alessandro ficou de pé ao lado dela, enquanto Sophia desejava-lhes um afetuoso *buona notte* e saía com Cario do apartamento.

— Achei que fosse também — Lily disse ao vê-lo fechar a porta e se virar para ela.

— Depois que eu ajudá-la a limpar tudo. — Ele tirou o paletó, enrolou as mangas da camisa e foi para a cozinha.

— Não é necessário — ela protestou, mas não teve opção senão segui-lo. — Não tem de fazer isso.

Sinceramente, ela não o queria ali, invadindo o espaço, dominando o ambiente. Pior, definitivamente, não desejava estar ciente da presença dele.

— Eu enxáguo e você coloca na máquina de lavar — Alessandro disse calmamente e continuou o trabalho.

— Por acaso, aqui é a minha cozinha.

— E preferia que eu não estivesse nela? — perguntou suavemente, olhando-a de forma perspicaz. — Mantenha-me informado quando descobrir o motivo.

Com uma calma deliberada, ele pegou as taças, os pratos e os talheres que tinha enxaguado e os colocou cuidadosamente dentro da máquina.

Quando terminou, secou as mãos e se virou para ela, o que a deixou enfeitiçada pelos olhos negros e por um lado que não queria explorar, caso ele levantasse a mão e lhe acariciasse as bochechas.

Os olhos de Lily se incendiaram momentaneamente, antes que conseguisse esconder. Então ele segurou-lhe o rosto e tocou-lhe a boca, fazendo o tracejado de seus lábios com a ponta da língua.

Alessandro a deixou paralisada, mas não parou de provocar-lhe suavemente, buscando uma reação, contra a qual ela lutou, até que seu corpo a traiu, o que fez com que sucumbisse soltando um gemido.

Foi um beijo como nenhum outro e lembrou que bateu, sem sucesso, com o punho nos ombros dele, à medida que intensificou o beijo. Alessandro segurava as mãos de Lily com firmeza, deixando-a presa, imobilizada. Ela sentia uma mistura de choque, desânimo e maravilha, a ponto de deixar que ele chegasse tão perto.

— Acho que é melhor você ir embora — Lily conseguiu dizer meio trêmula.

— Se é o que quer...

Querer? Não ousaria nem considerar o que queria, porque se ouvisse ao fogo do desejo o levaria para o quarto, arrancaria as roupas dele, as suas e se entregaria ao sexo selvagem.

Só que trilhar esse caminho seria um desastre.

Ele observou sua determinação e a forma como estava com um nó na garganta. Sua pulsação era rápida e suas bochechas estavam rosadas.

— Sim.

Ele alisou as curvas dos ombros dela e deslizou as mãos pelos seus braços.

A presença dele ameaçava sua paz de espírito e ela cruzou os braços em um gesto que indicava auto-proteção.

— Prefiro não vê-lo novamente.

Logo que as palavras saíram de sua boca percebeu a futilidade delas. Alessandro Del Marco era o mesmo que um filho para Sophia, como se tivesse nascido com o nome Dalla Silvestri.

Ele a olhou em silêncio por algo que pareceu uma eternidade e conscientemente a forçou a encará-lo.

— Está com medo, Lily?

— De você? Não. — *De mim mesma*, pensou em silêncio, e por um momento sentiu um toque de ironia no olhar macio de Alessandro.

— Tem certeza disso?

Não respondeu, não conseguiu, seu coração pareceu paralisar por alguns segundos.

— Sim.

— E prefere que eu vá embora.

— Por favor.

Ele pegou o paletó e o colocou nos ombros, cruzando a sala de estar até a porta.

— *Grazie*, Lily. Por uma noite muito agradável.

Ele não tentou tocá-la, mas ela, ao contrário, sentia a urgência de tomar-lhe os lábios. O que era loucura.

— Por nada.

As palavras educadas eram uma verdadeira confirmação, à medida que ela abriu a porta e ficou de pé esperando-o passar.

Então, ele saiu, ela trancou a porta, apagou as luzes e foi para a cama.

CAPÍTULO NOVE

A ausência de Cristo durante o turno do almoço fez com que Lily e Giovanni dividissem o trabalho de três e embora os funcionários da cozinha trabalhassem como um time, havia uma pressão adicional em garantir que só haveria atrasos mínimos na entrega dos pedidos.

Assim, juntos suspiraram de alívio quando o turno do almoço terminou.

— Conseguimos — Lily declarou ao estender a mão para Giovanni. — Amy trabalhou bem.

— *Sí* — ele concordou. — Faça um intervalo de uma hora.

— Obrigada.

Seria bom ter um pouco de ar fresco e mudança de ambiente. Ela tirou o avental, a touca, pegou a bolsa e saiu do restaurante.

logurte, fruta, salada, suco e jornal foram as compras que fez em um pequeno café em que entrou. Escolheu a mesa e sentou para ler.

Abriu o suco e deu um saboroso gole, então desembalou a salada.

— Lily, importa-se em dividir a mesa?

James? O que ele fazia ali?

— Não tenho nada a te dizer. — Deveria ser civilizada, embora seu impulso inicial foi pegar a salada e sair.

Ele sentou em uma cadeira em frente a ela e tentou segurar sua mão, mas Lily, instantaneamente, a tirou do alcance dele.

— Não podemos pelo menos tentar resolver nossa separação?

Ela o encarou.

— Está resolvido. *Finito*, terminado, é o fim. Não existe esperança de reconciliação.

Ele se inclinou, tentando se redimir.

— Compartilhamos uma vida ótima em Sidney. Certamente pode aceitar que eu...

— Que perceba seus erros, James?

— Sim, eu juro.

— Não.

Ele endureceu a expressão.

— Essa é a sua palavra final?

— Sim, com certeza. Sem a menor sombra de dúvida — Lily acrescentou, com ênfase na esperança de que finalmente ele entendesse.

James recostou-se no espaldar.

— Então, não me deixa escolher.

Ela o analisou minuciosamente.

— Vá a única escolha sensata que pode fazer é voltar para a Austrália.

— Você vai me pagar — ele jurou, sem disfarçar o tom de vingança. — Preparei uma lista para ser enviada para o meu advogado, a fim de processá-la.

— Na qual nenhum advogado vai encostar a mão, dado o fato de que você morava na minha casa e não contribuía com nenhum centavo.

— Houve uma quebra na promessa, perda de um futuro, benefícios, gastos, isso para mencionar apenas algumas coisas. Tenho direito de metade de sua renda pelo tempo que ficamos juntos. A perda de um lar, no qual eu pretendia residir como seu marido. Sem falar na soma para compensar minha dor e meu coração partido, que resultou na minha incapacidade de continuar trabalhando.

Ele realmente imaginava que teria sucesso? Quais provas ela teria para negar qualquer reivindicação dele?

— Uns bons dois milhões resolvem.

Ele estava fora de si.

Não perca a calma, disse a si mesma em silêncio. *Raiva só vai inflamar o*

fogo.

Lily olhou para James, o homem que uma vez acreditou que amava e com o qual planejou se casar e perguntou-se como pôde ter cometido tremendo erro de julgamento.

Enquanto James só a queria pelo que ela possuía. Ela era uma pessoa com a qual ele poderia compartilhar uma jornada de vida, mas preferiu desfrutar da satisfação sexual extraconjugal.

O que Lily sentia era afeição. Amor era apenas uma imagem que conjecturou ter base na realidade. Ele fez um jogo e ela acreditou que fosse verdadeiro. Se tivesse ido em frente, o casamento deles não teria durado muito. As indiscrições de James eventualmente apareceriam, e teria de pedir o divórcio.

Com uma calma forçada, ela se levantou, pegou a bolsa e desafiou o truculento olhar de James.

— Boa sorte. Esteja ciente de que vou processá-la — ele afirmou com uma determinação mortal.

Se fosse haver uma batalha legal, então teria Lily de estar preparada. Um *e-mail* para o advogado dela, descrevendo as ameaças de James, iria clarificar seus direitos legais dentro da lei australiana.

O turno do jantar foi ainda mais agitado, como se isso fosse possível, e Lily teve uma sensação de alívio quando a noite terminou e dirigiu seu carro para casa.

O apartamento estava silencioso. Ela ligou o sistema de segurança, jogou as chaves em cima da mesa e foi direto para o banho.

Já era tarde, tinha sido um longo dia e a cama raramente pareceu tão convidativa. No entanto, fez tudo com calma, deixando a água quente cair sobre seus músculos cansados, antes de se secar e colocar o pijama.

Então, pegou o laptop, checkou os *e-mails*, escreveu um para seu advogado e enviou. Com a diferença de fuso horário, ele receberia em horário comercial, na Austrália, e esperava receber uma resposta em 24 horas.

Surpreendentemente, ela dormiu bem e acordou sentindo-se renovada. Talvez fosse porque era seu dia de folga e sabia que, depois de James ter colocado as asinhas de fora, sairia de Milão e a vida voltaria ao normal.

Uma decisão momentânea de explorar os lugares sozinha acrescentou entusiasmo ao dia e, com a ajuda de um mapa, estabeleceu um itinerário pitoresco. Tomou um rápido café da manhã, pegou as chaves e saiu.

Estava fresquinho, embora o céu estivesse claro, quando ela entrou no carro e rumou para o sudoeste. Havia uma nostalgia em passear pela Piazza delia Vetra, que ligava San Lorenzo a Sant Eustorgio. Lembrava de sua mãe contando histórias relacionadas ao local, às belas igrejas. Tinha uma sensação de liberdade por não ter planos preestabelecidos.

Ouvia uma música que vinha do CD que tinha colocado no aparelho do carro. Era uma batida gostosa que levantava o astral. Sorriu verdadeiramente pela primeira vez em um bom tempo.

Encontrou uma pequena *trattoria* onde parou para almoçar. Depois do café, quando estava prestes a sair, o toque do seu celular lhe chamou a atenção.

Era o número de Alessandro e ela atendeu.

— Oi!

Lily parecia feliz e ele recostou em sua cadeira, observando a vista do

arranha-céu. Os telhados de terracota, os prédios antigos, as cúpulas das igrejas, os pináculos e as nuvens baixas se aproximando.

Ele gostava do som da voz de Lily, uma pequena entonação australiana, uma melodia cadenciada. No entanto, falava italiano como nativa.

— Tenho ingressos para uma performance, hoje à noite, no Teatro alia Scala. Passo para pegar você.

— Não disse que vou aceitar o convite.

— Vai recusar?

— La Scala? Está brincando? La Scala é muito tentador.

— Conseqüentemente, vai ter de sofrer com a minha companhia para desfrutar da ópera — ele falou com um toque de humor e a ouviu rir.

— Sim, mas vai ser por um tempo.

— Adorei ter aceitado, Liliana.

— O que queria que eu dissesse? — Foi fácil provocar. — *Caro mio, grazie*. Não posso esperar para vê-lo.

— Isto já é um progresso.

— Aproveite enquanto pode. *Ciao*.

La Scala, pensou enquanto pagava por sua refeição. Teria de estar elegante. Graças à expedição de compras que fez com Sophia, tinha uma variedade de vestidos para escolher.

Adorava ópera, mas não tinha pensado em perguntar qual performance estava agendada.

Importava? De modo algum. Colocou o carro em movimento, aumentou o volume do som e cantou com o vocalista.

A luz do dia começava a diminuir quando chegou a seu apartamento. Foi direto para o chuveiro, lavou o cabelo, secou-se colocou o robe, olhou no relógio e foi até a cozinha cortar algumas frutas para comer.

Alessandro não tinha falado sobre jantar, o que indicava que, provavelmente, iriam a algum lugar depois.

A ocasião pedia por sofisticação e Lily aplicou uma maquiagem que enfatizava seus olhos e passou *gloss* labial vermelho. O vestido era de um vermelho que contrastava com sua pele e decidiu manter os cabelos soltos, caindo em uma cascata natural de cachos, até os ombros. Colocou um pingente de diamantes em forma de coração que combinava com os brincos e um bracelete. Calçou sapatos pretos de salto, pegou uma bolsa que combinava com o calçado, as chaves, a carteira fina, com a quantidade suficiente de euros que precisaria e um casaco preto. Foi quando o interfone tocou.

Ela atendeu e avisou Alessandro que estava descendo.

Ele vestia um terno preto de noite, camisa branca, gravata-borboleta preta, o que fazia com que projetasse uma invejável aura de poder. Suas feições masculinas, os traços fortes de seu rosto, os olhos escuros, a boca delineada e sensual... pura dinamite.

— *Bella* — ele a cumprimentou gentilmente, segurou em seu ombro e deu-lhe um beijo na face.

— Obrigada — Lily agradeceu e viu um sorriso familiar penetrante. — Estou lisonjeada por ter sido a escolhida em meio à enorme lista que há em seu caderno preto.

Alessandro colocou o braço ao redor da cintura dela.

— Lembre-me em algum momento de contar-lhe o porquê.

A colônia sutil dele provocava os sentidos de Lily, enquanto ele a

escoltava até o carro. O trânsito estava intenso e demorou até que estacionassem o carro, entrassem na Piazza delia Scala e se juntassem ao restante do público;

Era impossível não admirar, sabendo que se tratava de um local muito antigo e que tinha em sua história compositores famosos, cujos trabalhos foram cantados por sopranos igualmente famosos, contraltos e barítonos. O figurino, a cenografia, o drama e as vozes contando as histórias dos personagens eram acompanhados por uma música gloriosa.

Bela, encantadora, requintada... eram as palavras que vieram a sua mente durante o intervalo.

Durante aquele espaço de tempo, Lily até esqueceu que era Alessandro quem estava sentado ao seu lado. Ela não tinha olhos para nada, exceto o que estava no palco.

— Você está gostando da noite.

Foi uma afirmação não uma pergunta e os olhos dela brilhavam de satisfação.

— Como poderia não estar? — Lily simplesmente respondeu.

Ele segurou-lhe a mão e entrelaçou os dedos nos dela.

— *Bene*.

Lily disse a si mesma que as mãos juntas eram apenas um gesto entre amigos e tentou negar que sentia-se... bem. Era uma mistura de força e calor, uma sensação de proteção, e por um tempo não fez esforço para se soltar.

Sentiu uma pontada de decepção quando o último ato terminou e as luzes se acenderam. Enfrentaram a inevitável aglomeração em direção às saídas e do lado de fora sentiram o frescor da noite.

— Tem um restaurante muito agradável, que não é longe daqui — Alessandro disse, indicando a direção. — Está com fome?

— Sim — Lily disse prontamente. — Faminta.

O riso rouco a atingiu em suas terminações nervosas.

— Então vamos comer.

Havia uma sensação de intimidade na forma como ele colocava o braço ao redor de sua cintura. Ela queria negar o modo como se sentia a respeito.

Mesmo de salto alto, seus olhos mal chegavam ao nível da gravata-borboleta de Alessandro e, se ela tivesse de se encostar nele, sua cabeça encaixaria direitinho na curva do seu pescoço.

Por um instante, ficou fortemente tentada a chegar mais perto, porém indicaria algo que não estava pronta para demonstrar.

O restaurante que Alessandro escolheu era de alto padrão e os cumprimentos que recebeu do *maitre* foram muito obsequiosos. Foram levados para uma mesa em uma cabine silenciosa no canto do restaurante.

— Água mineral Pellegrino — Lily indicou quando Alessandro sugeriu o vinho e ela escolheu a entrada: um risoto com cogumelos, salpicados com salsinha fresca.

Foi uma refeição leve, perfeita para o horário, embora Alessandro tivesse escolhido um prato principal e dispensado o vinho.

Havia uma sensação de... o quê? Amizade? Era mais que isso, Lily admitiu. Mais do que um mero dever para com a sobrinha da mulher pela qual tinha tanta estima. Lentamente, ele estava invadindo sua mente, mexendo em emoções que ela preferia que ficassem adormecidas.

No entanto, havia algo elusivo, fervendo entre eles, uma sensação de

inevitabilidade... como se ela estivesse sendo conduzida gentilmente ao longo de um predestinado caminho.

Conduzindo aonde?

Não queria ficar presa de corpo e alma. Por quanto tempo? Algumas semanas, meses talvez. E depois? Uma suave distância? O retorno a uma mera amizade? Encontraria Alessandro em ocasiões sociais? Pior, muito pior seria vê-lo com outra mulher e se sentir despedaçada.

— Está pensando demais.

Lily levantou os olhos solenemente e encontrou os de Alessandro.

— É coisa de mulher.

— Perguntas... — ele falou baixinho — para as quais procura respostas?

Ele era perceptivo demais e ela não ficava confortável com isso.

— Eu já sei as respostas.

— Tenho certeza de que imagina que sabe.

Havia uma inferência aparente que ela estava relutando em explorar.

— Foi uma noite maravilhosa. Obrigada por me convidar.

— Por nada. — Com isso sinalizou ao garçom, pagou a conta e deixou uma generosa gorjeta. — Podemos ir?

Eles andaram até o carro e, assim que entraram, ele colocou um CD.

Era Verdi. Lily recostou no banco e fechou os olhos, perdida na música e em inúmeras imagens poderosas.

Foi quase decepcionante quando o carro parou em frente a seu prédio. Alessandro tirou o cinto de segurança dele e também o de Lily, calando o que quer que ela estivesse prestes a dizer, cobrindo-lhe a boca com um beijo.

Sem palavras, apenas ações, ele a provocou e provou toda a doçura, encorajando-a a retribuir, até que ela colocou os braços ao redor do pescoço dele e segurou. Até paralisar, quando ele deslizou a mão sobre seus seios.

A leve carícia do dedo dele sobre seu mamilo a vez suspirar, arrancando uma sensação que vinha profundamente de dentro.

Por um momento ficou imóvel, então a sanidade prevaleceu e ela lutou para se afastar dele. Estava surpresa e aliviada por ele ter recuado.

Era impossível definir a expressão de Alessandro.

— Eu tenho de ir. — *Deus do céu*. Ela pegou a bolsa e abriu a porta. — Obrigada.

— *Dormire bene*. Durma bem.

Como se ela pudesse administrar isso facilmente, depois de se perder naquela magia inebriante. Sem dizer uma palavra, fechou a porta do carro e andou, quando estava mesmo era tentada a correr. Entrou no lobby do prédio no instante em que a porta se abriu.

Foi apenas um beijo, ela garantiu ao entrar no elevador e apertar o terceiro andar.

Um ótimo beijo, Lily refletiu, já segura dentro de seu apartamento.

Certo, incrível, admitiu ao deitar.

Como seria...?

Nunca chegue lá.

Não vai acontecer.

— O que está havendo com o cara da mesa cinco?

Lily olhou e viu a expressão exasperada de Hannah.

— Algo está errado?

— Ele devolveu a entrada, reclamando dos camarões. Disse que estão cozidos demais.

Fora Giovanni quem preparara os camarões e estavam perfeitos.

— Vou servir outra entrada. — E assim Lily o fez.

Foi devolvida de novo e desta vez Hannah, revirou os olhos.

— Muito molho na salada.

Lily olhou, incrédula.

— Você deve estar brincando.

— Uh-hum. Tem algo de errado com ele, eu juro.

— Certo. Desta vez, sirva o molho separado, pois pode adicionar o quanto quiser.

Cinco minutos depois, Hannah voltou e levantou o dedo, fazendo um gesto positivo.

Aleluia.

Lily não deveria ter comemorado tão cedo. O cliente encenqueiro, como agora o chamava, devolveu o segundo prato, agora reclamando que havia muito molho no *fettuccini*.

Lily engoliu um xingamento e preparou um novo prato, mas também foi devolvido minutos depois com as palavras:

— Pouco molho.

Então entregou um outro com o molho separado. Hannah retornou atordoada e Lily ergueu as mãos e murmurou:

— O que é agora?

— O molho de tomate está muito ácido.

Essa era uma receita de Giovanni em que ninguém nunca tinha encontrado uma falha. Era, obviamente, o cliente que estava querendo causar problemas.

— Se acha que as coisas não poderiam piorar... pense novamente. Alessandro Del Marco acabou de entrar no restaurante.

— Para jantar?

— Está conversando com Giorgio.

Por que Lily tinha a sensação de que o resto da noite iria descer em espiral?

— Peça para o cara da mesa cinco fazer um pedido diferente.

Hannah respirou fundo e expirou.

— Vou sugerir a *marinara*. Se ele recusar, farei com que acidentalmente o conteúdo do prato caia no colo dele.

— Por favor — Lily disse baixinho —, permita-me o prazer.

Minutos depois Hannah voltou.

— Vai aceitar o *fettuccini marinara*.

O olhar de Lily falou mais do que as palavras.

— Vai mesmo? — Ela o preparou e colocou o molho *marinara* separado em uma vasilha. — Leve para o Sr. Encrenca, com os cumprimentos do *chef*. E abra um belo sorriso.

— Se eu conseguir. — Hannah fez um gesto questionável. — Certo, bancar a boazinha. Entendi.

Lily tentou ao máximo não rir ao ver Hannah sair da cozinha.

Um senso de humor que logo desapareceu quando ela voltou com o prato e a vasilha de molho na mão.

— Eu juro...

Lily tentou suprimir sua raiva.

— Ele quer falar com o *chef*.

Lily se esticou.

— Ele agora? — Ela pegou um outro prato, colocou a massa, acrescentou o molho *marinara* e balançou a cabeça.

— Você não vai... — Hannah tentou falar incrédula, assim que Lily começou a andar em direção à porta da cozinha.

Lily olhou para trás. .

— Observe. Mesa cinco, você disse?

Sorria, disse a si mesma silenciosamente, *seja educada*.

E assim ela o fez. Olhou rapidamente para a mesa na qual Alessandro estava sentado, e então viu exatamente quem ocupava a mesa cinco.

James.

— *Buona sera* — Lily falou com uma educação gelada que quase congelou o líquido do copo na mesa. — Entendi que tem uma reclamação em relação a sua refeição.

Ele a olhou de forma superior.

— Sim, eu devolvi a entrada algumas vezes e não estou satisfeito com o *fettuccini*.

— Eu entendo, senhor. A atendente relatou seus comentários. — Ela estendeu o prato com toda a perfeição que a massa apresentava. — O molho *marinara* foi especialmente preparado para o senhor. Com os cumprimentos da gerência.

E colocou o prato na mesa bem perto da beirada e, ao levantar a mão, *acidentalmente* atingiu o prato, fazendo com que a comida fosse derramada no colo de James.

— Oh, meu Deus! — Lily exclamou, fingindo angústia. — Sinto muito. — Pegou o guardanapo da mesa e uma colher. — Deixe-me limpar isso.

— Saia de perto de mim! — James rosnava e xingava entre os dentes.

— Minhas sinceras desculpas — disse educadamente.

— *Maitre*!

Giorgio, que era um amor de pessoa, observava a situação e expressou preocupação.

— Foi um infeliz acidente, senhor. Claro que vai ser compensado pelo nosso sistema de lavagem a seco.

— Foi de propósito. Ela merece ser demitida!

— Eu sugiro que se retire — uma voz familiar soou com uma calma perigosa e Lily viu que James ficou pálido, quando reconheceu quem estava de pé em frente a ele.

— Você! — Ele começou a vociferar. — O que está fazendo aqui?

Alessandro levantou uma das sobrancelhas.

— Você tem a escolha de sair em silêncio por livre e espontânea vontade ou ser forçado a se retirar. Tem um minuto para escolher.

— Você não tem o direito...

Alessandro endureceu a expressão, o que pareceu uma máscara de ferro.

— Está chateando os clientes no restaurante de minha propriedade. Quer que eu chame a polícia e abra uma ocorrência? Vinte e cinco segundos...

James não se moveu.

Lily inconscientemente conteve a respiração e contou os segundos.

Quando chegou a zero, Alessandro deu uma rodada em James, agarrou-

lhe as duas mãos e o atirou para fora do restaurante.

Já tinha terminado antes mesmo de ter começado e depois de algumas palavras sussurradas por Giorgio, Lily e Hannah voltaram para a cozinha.

— Uau! — A voz de Hannah tinha um grau de reverência.

E aí?, Lily se perguntou em silêncio, já verificando o pedido seguinte.

Cinco minutos depois a porta da cozinha se abriu. Alessandro entrou e foi até Lily.

— Seu turno terminou... neste momento.

Ela o olhou cuidadosamente.

— Não, não terminou.

— Eu disse que sim. — Ele pegou o laço do avental dela e o soltou, então retirou-lhe a touca do cabelo. — Vamos!

— Eu tenho uma obrigação...

— E eu a dispensei.

— Está me despedindo?

— Não.

Bem, então, pelo menos ainda estava empregada.

— Vou pegar minha bolsa.

— Vamos sair no meu carro — Alessandro afirmou, assim que deixaram o restaurante. — Duvido que tenha comido. E eu também não comi.

O trânsito era ruim naquela hora da noite e Lily não percebeu, exatamente, para onde estavam indo, até que Alessandro parou na porta do prédio dele.

— Por que me trouxe aqui?

— Preferia um restaurante lotado?

De fato, não.

— Vamos preparar algo para comer, tomar um copo de vinho...

— E então, vai me levar em casa...

— Se é isso que você quer.

— Sim — ela simplesmente disse.

Houve certa sensação de camaradagem ao dividirem a cozinha. Lily pegou ovos, queijo, tomates, ervas e preparou duas saborosas omeletes, enquanto Alessandro fazia a salada.

Foi uma coisa simples; comeram à mesa da cozinha juntos, com pão crocante e um copo de vinho branco.

Ele havia tirado seu paletó, a gravata, desabotoado os botões de cima da camisa e dobrado as mangas.

Ele era demais, ela devaneou. Relaxado e muito diferente do homem que tinha expulsado James do restaurante uma hora atrás.

— Não vejo nenhuma escoriação ou contusão — ela mencionou ao ver que ele estava com uma expressão intrigante.

— Não preciso mais usar meus punhos para impor alguma coisa.

— Tenho certeza de que houve ocasiões em que não teve escolha.

— É uma velha história.

— Que não quer compartilhar comigo.

Alessandro afundou na cadeira.

— Foram anos dos quais eu não tenho orgulho.

— Você sobreviveu — Lily disse baixinho.

— Por meios questionáveis.

— Já foi responsável pela morte de alguém?

— Não por minhas próprias mãos. — Ele havia testemunhado dois amigos sangrarem até a morte, já que a ambulância não chegara a tempo para salvá-los.

— Quantos anos você tinha?

— Dez e meio.

— Estava com pais adotivos?

— Os terceiros. Houve outros. Quando tinha 13 anos decidi me defender sozinho. Nas ruas, dormindo em qualquer lugar que conseguisse.

— Que idade tinha quando Giuseppe e Sophia o levaram para a casa deles?

— 15, quase 16.

— E os anos entre os 13 e os quase 16?

— Curiosa, Lily?

— Interesse — ela corrigiu, encarando Alessandro.

— Eu tinha um talento especial com a eletrônica. Aparelhos, computadores... consertava todos eles e isso começou a me sustentar.

— E, de alguma forma, chamou a atenção de Giuseppe.

— Sim.

O coração dela doía ao pensar no menino que ele tinha sido. Sabia que os fatos que relatara eram somente a ponta do *iceberg*.

O medo deve ter sido seu constante companheiro. A necessidade de lutar duro e proteger a si mesmo, assim como as poucas coisas que possuía.

Nenhuma criança merecia isso.

— Eu duvido que queira minha compaixão — ela se arriscou por fim. — Em vez disso, vou dizer o quanto admiro você por ter dado a volta por cima e feito sucesso, mesmo quando tudo mostrava o contrário.

Ela ficou emotiva e precisava se distrair para controlar seus sentimentos.

— Pratos — Lily anunciou ao se levantar. — Então, você me leva em casa.

— Deixe os pratos para lá.

Lily os recolheu, assim como os talheres, e os levou para a bancada da cozinha, enxaguou e os colocou dentro da máquina de lavar louça. Então lavou a frigideira.

— Pronto!

Ela se virou e viu que ele estava de pé atrás dela.

— Você poderia dizer.

Não, ela não poderia.

— Por favor, não me peça isso.

Lily secou as mãos e foi até sua bolsa.

— Vou chamar um táxi.

— Um táxi não é a opção — Alessandro disse, pegando as chaves.

Não tinha nada que ela pensasse em dizer, quando estavam dentro do carro de Alessandro. E foi logo abrindo a porta quando ele parou em frente ao prédio dela.

— Obrigada,

— Quero ver você em segurança do lado de dentro.

— Vou ficar bem.

Mas Lily sabia que suas emoções estavam muito perto de submergir; estava sendo perseguida por imagens da criança abandonada que ele tinha sido e o que deveria ter sofrido.

O saguão estava vazio. Ela foi em direção ao elevador e rezou para que chegasse antes que suas lágrimas descessem.

— Você não precisa subir comigo.

Ele não disse uma palavra e a seguiu e saiu com ela do elevador assim que as portas se abriram.

— Dê-me as chaves.

Ele as pegou de sua mão e destrancou a porta.

Lily piscou rapidamente, quando uma lágrima lentamente rolou do canto de seu olho.

Qualquer esperança de que fosse passar despercebida foi perdida quando Alessandro fechou a porta e inclinou-lhe a face.

— Lágrimas, Liliana?

— É apenas um cílio em meus olhos.

— Claro — ele disse gentilmente, ao enxugar-lhe as lágrimas que a traíam e beijar-lhe a boca.

Foi um carinho leve e sensual que a acalmou, enquanto embalava seu rosto. Então ele deslizou os dedos pela bochecha de Lily.

— Eu ligo para você.

CAPÍTULO DEZ

Lily trabalhara dois turnos na quinta-feira e deitou-se, à noite, completamente moída. Esse foi um dia daqueles quando algo que normalmente nunca daria errado deu. A começar pela ajudante, que se debulhou em lágrimas quando Cristo perdeu a paciência, dizendo que, se não fosse mais ligeira, jamais chegaria a *chef*.

O amor pela comida, a necessidade de escolher os ingredientes certos, a criatividade e a paixão pelo trabalho deveriam estar no topo da lista.

Trabalhar em uma cozinha profissional requer conhecimento e percepção aguçada, o que é necessário para obter resultados de preferência em tempo recorde. Isso só se consegue com muita prática.

Lily podia se lembrar nitidamente de quando brandia uma faca para cortar algo, escondida na cozinha de seus pais, no Parisi.

— Acho que não posso trabalhar com ele — comentou a ajudante. — Ele é um monstro temperamental.

— Cristo é um perfeccionista — corrigiu Lily. — Ele se orgulha do seu trabalho e exige de todos o mesmo grau de perfeição.

— Eu jamais pensei que fosse tão difícil.

— Você quer mesmo se tornar uma *chef*?

— Mais do que qualquer coisa neste mundo.

— Então seja forte — disse Lily gentilmente. — Mostre a Cristo do que é capaz e ganhe sua aprovação.

— Ele costuma *aprovar* alguma coisa?

Os olhos de Lily brilharam com ironia.

— Ocasionalmente.

Outros incidentes também ocorreram, sendo um em particular, no qual Lily discretamente criticou Cristo, em sua língua nativa.

Um dia longo e carregado, concluiu ela, enquanto desvencilhava-se do seu avental, apanhava a bolsa e saía do restaurante, andando em direção ao carro no estacionamento.

A sexta-feira não prometia ser mais fácil, a contar pelos poucos minutos, desde que pôs os pés no restaurante. Era óbvio que a fama de Cristo de ser um "carrasco" estava cada vez mais acentuada e a camaradagem com ele voava pela janela. Foi quando Amy, a aprendiz de *chef*, inadvertidamente começou a misturar os ingredientes de uma panela com um pouco mais de vigor, fazendo com que o conteúdo se derramasse na boca do gás e a panela fosse ao chão. Para piorar, as chamas queimaram sua mão, enquanto tentava salvar a panela.

Os empregados pararam tudo que estavam fazendo, e Lily, que estava mais próxima, correu para pegar uma toalha, que foi rapidamente retirada de suas mãos por Cristo.

Numa fração de segundo ele encharcou a toalha com água fria e delicadamente a enrolou na mão de Amy.

— Dói muito, *si*?

— Desculpe. — Duas lágrimas rolaram pelas bochechas dela, e Lily tal como os outros lhes assistiam enquanto Cristo tocava o ombro de Amy.

— Não foi nada, apenas um acidente — disse ele calmamente. — Você pode continuar?

— Sim.

Um tênue sorriso aflorou no seu rosto.

— Pausa de cinco minutos.

E assim ele voltou ao seu posto, como se nada tivesse acontecido.

Bem, então, no fim das contas, havia um coração debaixo daquela fachada temperamental, concluiu Lily.

O restaurante estava com todas as mesas reservadas para a noite e tudo corria bem, já que a equipe da cozinha atendia a todos os pedidos, sem atraso.

Era tarde quando Lily deixou o restaurante. Chegando em casa, tirou as roupas e se entregou a um banho relaxante. Já seca, vestiu sua camisola, ligou o laptop, foi para a cama checar os *e-mails* do Parisi, tentando dormir em seguida.

E isso era difícil, já que sua mente vagava, pensando na festa de Giarda e Massimo. Sua preocupação maior residia no fato de Giarda achar que ela e Alessandro eram um casal e por isso vir a acomodá-los na mesma suíte.

Será que Alessandro iria consertar isso?

E se ele não o fizesse?

Lily já estava pronta, com a bolsa na mão, às 3h da tarde, quando o interfone tocou.

Olhou a tela do circuito interno: descendo pelo hall, viu Alessandro a alguns metros de distância. Ele não usava seu impecável terno e gravata. Em vez disso, um traje esporte, camisa pólo azul-marinho, que revelava seus ombros definidos, e óculos escuros no alto da cabeça.

— Oi.

Ela retribuiu o cumprimento com um sorriso luminoso, colocando a bolsa

no ombro enquanto ele se aproximava e beijava suas bochechas, e em seguida deslizava o braço pelas costas dela até a cintura.

— Vamos?

O carro esporte preto estava estacionado na frente do prédio. Ele abriu as portas, observou Lily se acomodando no banco e colocou a bagagem no porta-malas.

Lily esperou até chegarem à rodovia A8 para tocar no assunto delicado das acomodações do fim de semana, especificamente na acomodação *dos dois*.

Seus olhos cruzaram com os de Alessandro e, em seguida, ele voltou a se concentrar na rodovia.

— Está com medo, Lily?

— De você? Não.

— Espero que não me julgue por ações de outros homens.

Ela respirou fundo, fechando e abrindo os olhos, agradecida por estar usando óculos escuros.

— Não tenho essa intenção.

— Fico aliviado em saber.

Era dela o problema e também quem havia retribuído o beijo — se é que se podia chamar de beijo um encontro provocante e sensual de bocas — tão tórrido, a ponto de levá-lo a pensar que ela estava disposta a deixar essa troca apaixonada e progredir para algo mais.

Sua intuição dizia que suas emoções jamais seriam as mesmas depois de uma relação com Alessandro.

Então, não se entregue.

— Relaxe, Lily. Como poderia fazê-lo?

O acesso à casa de Giarda era feito por uma estrada no topo de uma colina, com vista para o lago Maggiore. Uma bela casa de dois andares, pousada num vasto terreno, cuja entrada era emoldurada por portões de aço automáticos.

Giarda e Massimo surgiram assim que Alessandro parou o carro na entrada principal.

Giarda cumprimentou o casal com carinho, segurando o braço de Lily e levando-a para dentro da casa.

— É tão bom vê-los!

Um espaçoso hall de mármore revelava a escadaria sinuosa, que levava ao andar superior. Obras de arte cobriam as paredes e o sol se refletia por entre as portas francesas.

— Venham, levaremos vocês a sua suíte.

Suíte... uma única?

Talvez tivesse ouvido mal, Lily pensou, ao chegarem ao saguão no topo das escadas.

— Vou acomodá-los na ala de hóspedes. Tenho certeza de que ficarão confortáveis aqui. — Giarda indicou a porta ao final do corredor. — Aqui é bem reservado e vocês terão uma bela vista do lago.

A vista era inspiradora, um amplo salão e uma suíte. *Uma suíte... com duas camas queen size.*

— Obrigada — respondeu Lily — E perfeita.

— Eu sabia que você iria gostar.

Como poderia não gostar? Móvel finíssima, cortinas elegantes, um

escritório requintado e um banheiro de mármore lindo de morrer.

— Acomodem-se, relaxem um pouco. Depois nos encontrem... daqui a meia hora está bem?

Giarda saiu do quarto e em seguida Massimo. Lily virou-se para Alessandro no instante em que a porta se fechou.

— Que cama você vai querer?

Um sorriso se desenhcou nos lábios dele.

— Você não quer dividir?

Ela enfrentou o olhar penetrante dele e se conteve.

— Não.

— Que pena...

Ele achou graça. Os olhos dele brilharam e um gemido rouco escapou ao levantar a mala pesada e colocá-la na cama mais próxima; em seguida abriu o zíper.

— Alguma preferência pelo lado esquerdo ou direito do armário?

Sendo um armário de um tamanho considerável, ela ergueu a mão, indiferente.

— Fique à vontade.

A noite chegava e haveria companhia, a festa iria além da meia-noite. Quando fossem se recolher, era inevitável que o sono chegasse em poucos minutos.

No dia seguinte haveria um *brunch* a bordo no lago e o retorno deveria ocorrer antes do anoitecer. Era muito simples. Ela absolutamente não tinha nada com que se preocupar.

Entretanto, Lily não tinha pensado na troca de roupa, já que a hora da festa se aproximava e ela precisava se vestir. Ela não demonstrava a menor intenção de se trocar na frente dele.

Lily escolheu seu vestido vermelho, um conjunto de lingerie vermelha coordenado e entrou na suíte, evitando olhar na direção dele. Meia hora depois surgia ela: cabelos e maquiagem perfeitos.

— Linda.

Ela respondeu, irônica:

— Que bom que você gostou.

Por precaução deu o braço a ele para enfrentar as escadarias. Sapatos altos e escadas não combinam bem, quando se tratava de segurança.

A festa já estava animada, quando chegaram ao salão de baile. Rapidamente, já estavam no meio de cerca de setenta convidados, bebericando champanhe em taças de cristal e beliscando aperitivos, servidos por garçons impecavelmente vestidos.

A música ambiente suave permitia a conversa entre os convidados e Lily reconhecia um aqui, outro ali, saudava alguns, trocava palavras agradáveis, enfim, ela estava determinada a aproveitar a noite.

E ela realmente aproveitou, pois Giarda e Massimo proporcionaram aos convidados um DJ contratado, para garantir a animação na pista àqueles que quisessem dançar.

— Alessandro querido, tinha certeza de que você estaria aqui esta noite.

Uma bela figura, porém esculpida a botox, analisou Lily. Ninguém poderia ter uma testa tão incrivelmente esticada. E era bastante justo, uma vez que as mulheres têm como prerrogativa prioritária sua boa aparência.

— Chantele... — A saudação dele foi calorosa o suficiente para Lily

imaginar qual seria a ligação dos dois.

— E você é Lily — disse Chantele. — A atual parceira de Alessandro na lista dos *paparazzi*.

— Amiga — corrigiu Lily.

— Por que tão tímida, querida?

Para compor a cena, Alessandro tomou a mão de Lily e a beijou.

— Lily está lindíssima, não acha? — Seus olhos faiscaram olhando intensamente os dela.

— Primorosa — concordou Chantele. — Espero que ela também aprecie você.

Se ele podia fazer elogios, ela também os faria:

— Alessandro é incrível. Tenho muita sorte em tê-lo ao meu lado.

Chantele sorriu e voltou ao salão. Alessandro se inclinou para Lily, deu uma risada e não se afastou dela o resto da noite.

De fato, ela poderia jurar que a atenção, que agora recebia, era para dar a todos a falsa idéia de que estavam juntos, e isso, certamente, a irritava.

Ao soar a meia-noite, champanhes espumavam, brindes eram feitos por todos e, uma hora depois, os convidados começavam a sair.

— Cama, aqui vamos nós — falou Alessandro e Lily torceu o nariz para ele.

— Será que devemos?

— A festa praticamente acabou.

Realmente, mas ela temia estar a sós com ele, mesmo que a suíte tivesse duas camas. E, embora relutante em admitir, ela realmente estava cansada. O trabalho em turnos dobrados nos últimos dias estava cobrando o seu preço. Finalizando a cena, ela esboçou um sorriso quando ele se aconchegou ao seu lado. Ela esperou chegarem à suíte e a porta se fechar para se afastar dele.

— Você já pode parar com a encenação.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Então você pensa que estou fingindo?

— E não está?

Alessandro se aproximou e a puxou para si. Os lábios dos dois num segundo estavam unidos, provocantes, mas gentis e delicados, de um jeito tão diferente do que ela havia imaginado. Quando tentou se desvencilhar, ele simplesmente a magnetizou, desenhando com a língua o contorno de seus lábios, persuasivo, tentador... mas, como Lily não correspondia, ele entreabriu levemente a boca, mordicando-lhe suavemente o macio lábio inferior e, em seguida, invadindo-lhe plenamente a boca e sentindo toda a sua delicada textura.

A tentação de beliscá-lo com a pontinha dos dentes foi inevitável... e Lily mordeu, ou ao menos tentou, e sentiu uma leve pressão no queixo, permitindo que Alessandro encontrasse o que procurava. Não é que ele possuía as armas para dobrá-la?

Ele experimentou saboreando, a gentileza de um beijo que fez os ossos dela desmancharem. Não era um jogo de poder, nem de possuir ninguém. Era algo a mais. Uma promessa. A mente de Lily fervilhava. Meu Deus... promessa de quê?

Ela não podia querer nada. Não ousava querer nada. *Mentirosa*. Se ela retribuísse o beijo... Os pensamentos agora giravam vertiginosamente a ponto de fazê-la ceder. *Loucura*. Maluquice completa e absoluta.

Esponaneamente, suas mãos procuraram os ombros dele, empurrando-os, numa tentativa de livrar-se. *Porque era necessário fazê-lo.* Como se pressentisse, ele se afastou um pouco, deixando-a mais livre, as mãos deslizaram pelos ombros dela e afastou os seus lábios. Lily olhava para ele atônita e sem acreditar no que via.

Por um momento ela perdeu a fala, fitando os olhos dele. As mãos desciam pelo pescoço dela, sustentando a cabeça. Deslizando dois dedos em sua bochechas, percebeu que duas lágrimas rolavam, os olhos estavam abertos, ainda em estado de choque. Lágrimas? Ela estava *chorando*? Ela raramente chorava. Nem mesmo em acessos de fúria e quando ela descobriu que James a traía. Excepcionalmente, quando seus pais morreram.

E então Alessandro Del Marco a havia nocauteado e deixado à mostra suas emoções. Isso tinha de acabar. *Aqui. Agora.*

Lily abriu a boca para tentar falar, mas ele pousou o dedo sobre os seus lábios pedindo que se calasse.

— Nada do que você disser vai mudar o que acabamos de partilhar.

Ela queria voar em cima dele... e quase o fez. Entretanto, afastou-se, apanhou seu vestido e trancou-se no toalete, para sua rotina de beleza noturna, na esperança de que, quando retornasse ao quarto, ele já estivesse dormindo, *na cama dele.*

Alguma esperança.

Alessandro já estava na cama. Acordado, braços cruzados acima da cabeça, e depois de se entreolharem rapidamente, Lily o ignorou completamente, alcançando a *outra* cama, ajeitando-se sob as cobertas e dando as costas para ele. Segundos depois, ela ouviu o som da luz desligada e o quarto imerso na escuridão.

— *Buona notte*, Liliana — Durma bem.

Claro, mas será que ela poderia?

Vencida pelo cansaço, quando abriu os olhos, já era de manhã. Café. Sentiu o aroma de café e levantou a cabeça. Viu o bule e a xícara na mesinha ao lado da cama. E um bilhete, que começou a ler: "Desça quando estiver pronta. O barco sairá às 13h, com Giarda e Massimo". Lily checou o relógio e imediatamente saltou da cama, não acreditando que dormira até tão tarde. *Chuveiro, uma roupinha casual e descer rápido.*

O barco era um luxo e levava vinte convidados, que compartilhavam um *brunch* a bordo, enquanto Massimo assumia o comando.

Estava fresco, um vento frio soprando. Lily estava feliz por ter escolhido vestir um jeans e agasalho de lã, pois a névoa era um indício de que poderia chover.

Uma pena, embora os convidados não estivessem ligando muito para o clima, satisfeitos com o farto serviço de bordo, que atendia a todos os gostos. Serviam café de várias maneiras e Lily decididamente iria aproveitar ao máximo o passeio. Sentia-se radiante quando Alessandro lhe mostrava os pontos turísticos, dando informações históricas sobre a região.

Ele passou o tempo todo com ela; eventualmente trocava de posição, ficando atrás chamando sua atenção quando passaram pela Bocca di Angera e as vilas pesqueiras de Stresa e Santa Caterina dei Sasso Ballaro, construídas sobre as rochas e que abrigou um monastério durante muito tempo.

Para alguns dos convidados, essa já era uma área conhecida, mas Lily estava fascinada com tudo o que via, com a perspectiva diferente do que se

podia apreciar, olhando pelas estradas. Era tão fácil relaxar, aproveitar... e, se havia alguma conjectura sobre seu relacionamento com Alessandro, ela estava decidida a não levar isso a sério.

Massimo trouxe a embarcação de volta no meio da tarde e os convidados que ficaram hospedados durante o final de semana começaram a partir. Lily agradeceu a Giarda e Massimo pelo final de semana delicioso e sua hospitalidade.

A viagem de volta à cidade foi relativamente rápida, com a cabeça relaxada no encosto do banco do carro e as músicas no aparelho de CD preenchendo o silêncio. Ela estava tentada a fechar os olhos e talvez o tivesse feito por algumas vezes.

Já era noite quando Alessandro estacionou o carro próximo ao seu apartamento. Ela agradeceu por tudo, enquanto ele a acompanhava através do saguão do prédio, subindo no elevador até o terceiro andar.

Na porta do apartamento ele se aproximou, roçou os lábios sobre os dela, depois se afastou, tomou as chaves e a bolsa da sua mão, destrancou a porta, largou a bolsa e acariciou-lhe o rosto.

— Eu te ligo — disse, dando meia volta e entrando no elevador.

No dia seguinte, Lily estaria de volta à realidade, trabalhando no turno da manhã, o que significava começar o dia bem cedo.

CAPÍTULO ONZE

Lily entrou no carro, ligou o motor e saiu em direção ao tráfego. O turno da manhã envolvia alguns dramas, com os funcionários da cozinha trabalhando em equipe, com uma rapidez eficiente. Nem Cristo estava temperamental. A lembrança da tarde chegando oferecia-lhe uma variedade de opções a fim de que ocupasse seu tempo.

Não tinha urgência para programas turísticos e andar por lojas de departamentos e butiques parecia pouco tentador. Por outro lado comer parecia interessante e sorriu ao pensar em inspecionar uma das *delicatessens* mais conhecidas da cidade. Pediu um café, que era a especialidade da casa, escolheu algumas coisas para comprar e, quando terminou, parou na seção de sorvetes e escolheu uma das deliciosas opções.

Foi agradável examinar a *delicatessen*, as enormes jarras com pimentas vermelhas, verdes e amarelas; os vidros de azeitonas, as beringelas fatiadas, os salames, presunto de parma, só para mencionar alguns. E os queijos? Eram tantos para escolher... as prateleiras pareciam a caverna de Aladim das iguarias.

Era o suficiente para fazer qualquer *gourmet* salivar. Lily selecionou alguns itens, pagou e pegou uma bisnaga; afinal, jantar para um também era algo importante.

Já estava quase escuro quando voltou para o carro. Depois de colocar as compras no banco do carona, sentou ao volante e ligou o veículo. A imagem de Alessandro dominava-lhe a mente. Tinha de admitir que agora ele estava constantemente em seus pensamentos, mesmo quando não estava fisicamente presente.

Analisava por que ele a afetava em um nível emocional tão alto, mas não conseguia contemplar nenhuma resposta.

Não tinham tido um relacionamento em si. No entanto, era mais que amizade. Quem saberia aonde tudo isso poderia levar?

E até onde você gostaria que fosse? Uma voz silenciosa zombava dela. Nesse ponto sua mente já se afastava do óbvio. Será que conseguiria lidar com amizade e alguns beijos, sem avançar para o próximo passo?

Esse era um jogo inteiramente diferente. Embora o pensamento de Alessandro no papel de amante tivesse uma força que liquefazia seus ossos. Sem mencionar a excitação das partes erógenas de seu corpo.

Não vá lá.

Não precisava ter seu coração partido, o que inevitavelmente aconteceria quando o relacionamento chegasse ao fim.

Já tivera o suficiente.

Logo estaria em casa e haveria o prazer de uma noite tranqüila, sozinha. Primeiro guardaria as compras e depois prepararia algo leve para comer, tomaria um banho e relaxaria.

Com tais pensamentos em mente, estacionou o carro e se dirigiu a seu prédio.

Em seguida, sentiu um puxão que a derrubou no chão e por um momento o choque a impediu de se mexer, então lutou para se levantar.

Quem... por quê? Esses pensamentos passaram por sua mente e ela virou-se para o agressor e, por um instante aterrorizador, viu apenas um homem.

— Olá, Lily.

A visão dela clareou ao ouvir a voz familiar. James?

Lily arregalou os olhos, incrédula.

— O que acha que está fazendo?

— Essa deveria ser minha pergunta, não é?

Ele começou a se mover em direção a ela, que, finalmente, conseguiu se levantar.

James deu uma olhada no prédio de Lily.

— Boas instalações, Lily. O aluguel deve custar os olhos da cara. Seu novo amante está bancando?

Nada disso caía bem e teve de forçar a si mesma a manter a calma.

— Eu pago minhas contas.

— Com seu corpo?

— Não tenho de ouvir isso.

— Mas ainda não terminei.

— James...

Ele se aproximou um pouco mais.

— Você se declara nos braços dele, Lily? Quando ele começa a ficar... assertivo, se posso assim dizer. — Ele ia tocar o ombro dela e sorriu quando ela se impôs. — Vadia... Convida aquele sujeito para seu apartamento, viaja com ele no fim de semana...

Ele a estava vigiando? Saber disso causou-lhe um arrepio na espinha. Ele deu-lhe um tapa no rosto e ela recuou, incrédula.

Esse era James? O homem que parecia plácido, com quem ela quase se casara? Nenhuma vez, durante o relacionamento deles, fora física ou verbalmente violento.

Um pouco possessivo, em algumas ocasiões, o que, naquela época, Lily entendia como proteção. Mas isso... esse comportamento mostrava um lado dele que nunca pudera imaginar.

O que demonstrava que ele só estava desenvolvendo um papel e provava que não o conhecia de forma alguma.

— Você não vai escapar de mim. — Ele se aproximou ainda mais e segurou no ombro de Lily, então deu-lhe um beijo forçado.

Livre-se dele.

As palavras eram um grito silencioso dentro de sua cabeça, então ela o atacou com o pé com força e momentaneamente sentiu satisfação ao vê-lo grunhir de dor.

A boca de James na sua era uma violação e ela mordeu a língua dele, para se livrar. Em um breve segundo, achou que teve sucesso, mas ele era mais alto, mais pesado e tinha a vantagem de estar enfurecido.

No instante seguinte, ele fez um arco com o braço na cabeça de Lily, o que a mandou diretamente para o chão.

A dor e o choque disputavam com a incredulidade.

James... James a estava atacando?

Algo duro bateu dolorosamente em sua caixa torácica; era como se ela fosse um animal ferido gritando por ajuda.

Ouviu uma vaga voz gritando, o barulho de pés correndo e, então, uma voz masculina perguntou:

— Você está bem?

Depois uma voz feminina:

— Está machucada? Pode se levantar?

Não tinha certeza.

Será que pronunciara alto as palavras? Quem sabe? Sua cabeça não parecia pertencer a ela e não conseguia ter pensamentos coerentes.

Lembrava vagamente da voz de um homem no chão e ouviu as palavras "polícia", "ambulância" e começou a protestar.

— Precisa ir ao médico — uma voz feminina disse suavemente. — Tem alguém para que possamos ligar por você?

Não. Ela tentou se mover... Os braços e as pernas estavam bem, mas sentia dor na cabeça e nas costelas.

— Meu prédio é apenas a alguns metros daqui.

Ela viu a bolsa com as suas compras toda destruída, com vidros quebrados e tudo espalhado na calçada.

— Aqui está sua bolsa de mão. — Houve um lamento na voz dele, quando indicou a bolsa suja de comida. — Não há nada que tenha sido salvo ali, sinto muito.

— Vamos levar você até o saguão e esperar até que a ajuda chegue — a voz feminina garantiu.

Ela estava machucada em quase todos os lugares e sentia gosto de sangue quando passava a língua em seu lábio inferior.

Que maravilha. Era tudo o que precisava, pois estava escalada para os

dois turnos no dia seguinte: almoço e jantar.

Talvez, depois de um banho, primeiros socorros e analgésicos se sentisse melhor de manhã.

— Obrigada.

Doía quando se mexia e se sentiu imensamente grata pelo apoio oferecido pelas duas pessoas, até a entrada de seu prédio. Lily digitou o código de segurança, a porta se abriu e a colocaram em uma cadeira.

Estava vagamente ciente das vozes, do barulho que a porta do elevador fez e o ruído de um celular.

A última coisa que queria era qualquer espalhafato. Na verdade, tudo que desejava era o santuário de seu apartamento, um longo banho quente e cair em sua confortável cama.

— Vou ficar bem no meu apartamento.

— Você passou por uma experiência cruel — alguém comentou. — É melhor ficar quieta por um tempo.

Cinco minutos, dez... então iria insistir.

Só que não teve a oportunidade, ao ver a porta de entrada se abrir e uma figura masculina agigantar-se na abertura.

Lily fechou os olhos, então lentamente tornou a abri-los, enquanto Alessandro chegava a seu lado. Ela poderia tentar o humor ou optar pelo silêncio... era mais fácil escolher a segunda opção.

Ele ficou com o músculo da mandíbula tenso, quando viu que ela estava pálida.

— *Per meraviglia.* — As palavras foram ditas de forma perigosamente suave, enquanto ele se abaixava em frente a ela.

— O que está fazendo aqui?

Alessandro levantou a mão e tirou o cabelo que tinha caído sobre a bochecha de Lily.

— O gerente do prédio me ligou.

— Por que ele faria isso?

— Sou dono do prédio.

Bem, então.

— Por que eu não estou surpresa?

Ele se levantou.

— Vamos!

Esperava que fosse para seu apartamento.

— Ir aonde?

— Para o centro médico.

— Eu não preciso...

— Sim, precisa. — Ele pegou a bolsa de Lily e, cuidadosamente, a acolheu nos braços.

Ela lançou-lhe um olhar atravessado.

— Eu posso andar.

Mas ele nem prestou atenção e, para desgosto dela, repetiu o ato quando chegaram ao centro médico.

— Não há necessidade disso.

Ele não respondeu e colocou-a em uma cadeira na sala de espera.

Um médico a examinou, fez exames de sangue, raios X e aplicou uma injeção.

Lily perdeu a noção do tempo; então foi liberada para sair.

Não ajudou seu senso de pudor o fato de Alessandro ter ficado presente durante o exame, ou de ter pago pelas despesas médicas, ignorando o protesto dela, sem dizer uma palavra.

Pior, não voltou para o apartamento dela, mas para o de Alessandro.

— Por que me trouxe para cá? — Lily perguntou, exasperada, assim que ele desligou o carro.

— Quero conseguir dormir — Alessandro declarou.

— Então é isso... a sugestão é para que possa descansar em paz?

— Primar pela sua segurança.

— Não.

Ele, que controlava salas de reuniões com mão de ferro e nunca ficou perdido por uma resposta, sentiu que estava trilhando águas perigosas.

— Você não tem o direito de me ditar regras — Lily disse, ignorando o olhar sombrio de Alessandro.

— Cuidar de você me dá o direito.

— Não pedi para que cuidasse.

— Dureza.

Isso era se aproximar demais de território perigoso, um lugar que ainda não estava preparada para visitar. Ela simplesmente olhou para ele, por um período que pareceu uma eternidade, notando as feições de Alessandro, tentando encontrar sentido nas palavras que não tinham sido ditas.

— Escolha, Lily — Alessandro disse em tom baixo. — Meu apartamento ou o seu, mas vamos compartilhar o mesmo teto, o tempo que for necessário.

— O meu apartamento, sozinha.

— *Madre di Dio*. Como pode ser tão teimosa?

Teimosa não chegava nem perto. No entanto, estaria perdida se admitisse que estava com medo... não dele, porém de si própria. Era demais... ele era demais.

— Leve-me para casa, Alessandro — ela, finalmente, disse.

— Por favor — ele acrescentou.

Já era tarde, ela estava cansada, não queria nada além de um banho demorado e cair na cama.

Lily quase achou que ele fosse recusar ou tentar fazer com que mudasse de idéia, mas, para sua surpresa, levou-a para casa.

Disse a si mesma que não poderia mais se importar se ele a levasse até o lado de dentro, nem dizer que se sentiu extremamente aliviada quando ele o fez.

Sem dizer uma palavra, Lily atravessou o quarto, fechou a porta, tirou as roupas e entrou no banheiro.

A água quente ajudou a relaxar seus músculos e a combinação do sabonete com o vapor a fez se sentir bem, tão bem que ficou mais tempo que o necessário. Então secou-se e vestiu uma calça de algodão, uma camiseta e saiu do quarto.

O apartamento estava silencioso. Sabia que a porta da frente estava trancada. No entanto, um instinto de auto-preservação fez com que verificasse novamente.

Foi então que percebeu a presença de um homem grande, sentado na cadeira reclinável de couro da sala de estar.

Alessandro. Sem sapatos, paletó ou gravata. Sua respiração constante indicava que estava dormindo.

Por um instante, teve vontade de acordá-lo, mas respirou fundo e voltou para seu quarto.

Surpreendentemente dormiu e acordou com o atraente cheiro de café torrado e, se não estava enganada, de bacon fritando na panela.

Lily entrou na cozinha e encontrou Alessandro colocando o bacon em dois pratos, acompanhados de dois ovos mexidos.

— *Buon giorno.*

— Não vou fazer a pergunta óbvia.

— Sente-se e coma.

Só existia uma palavra que poderia defini-lo: mandão.

— *Grazie.*

— Você não pode ficar aqui — a voz de Lily demonstrava um certo desespero.

Alessandro olhou para os olhos inquietos dela e viu dúvida, angústia e uma pontada de medo.

Ele optou por abrir um sorriso.

— Esta cadeira não é o que posso chamar, exatamente, de confortável.

— Por favor, Alessandro.

— Arrume uma pequena mala, enquanto eu ligo para o Giovanni. — Ele se levantou e esticou os braços a fim de alongar os músculos. — Então venha comigo.

Ela franziu a testa.

— Não vou a lugar algum com você.

— Sim, vai. — A voz dele parecia soar metálica. Lily bufou de raiva e deu-lhe um olhar sombrio.

— Você não pode...

— Facilmente — ele garantiu com doçura. — Ou você aceita ou fazemos da forma mais difícil.

— Estou escalada para trabalhar. — Foi uma medida desesperada que não o afetou em nada.

— No momento está fora da escala, até que esteja bem para voltar.

— Quem disse?

Ele deu um passo em direção a ela, mas não a tocou.

— Eu disse.

Era uma guerra que travavam e em qualquer outra situação, cada um deles poderia ter vislumbrado humor no impasse.

Lily o encarou sem medo; estava com tanta raiva que mal conseguia falar, enquanto Alessandro continuava dono do território.

O ar entre eles ferveu de tensão por longos segundos.

Ela queria recusar, só que não poderia ganhar. E sua cabeça, suas costelas... tudo doía muito, a ponto de não ter forças para brigar com ele.

— Eu não gosto de você.

A boca de Alessandro se curvou um pouco.

— Neste momento, não espero que goste.

Não demorou muito para arrumar algumas coisas, pegar o que precisaria, ir até a sala e colocar a bolsa aos pés dele.

Alessandro simplesmente pegou as alças de couro e colocou no ombro.

— Não esqueça suas chaves — ele lembrou, ao cruzar a sala e sair pela porta, com ela logo atrás.

Sem dizer uma palavra, Lily pegou o laptop, saiu e chamou o elevador.

O caminho até o apartamento de Alessandro foi feito em silêncio e, no momento em que entraram, ela se dirigiu a ele:

— Feliz agora?

Ele a olhou com uma calma ilusória. Era o leve toque de uma crueldade elementar; debaixo da superfície controlada, que arrepiava seus pelos em uma autodefesa instintiva.

— Vou lá para cima desfazer a mala.

Escolheu a suíte de hóspedes que ocupou com Sophia, depois da festa do desfile de moda de Milão.

Precisava verificar na cozinha o que prepararia para o almoço. Tanto a despensa quanto a geladeira estavam cheias, então procurou Alessandro em seu escritório de casa, batendo na porta duas vezes.

Não houve resposta, então bateu com mais determinação.

Talvez não estivesse lá.

Então a porta se abriu e ele apareceu. Parecia mais alto, já que Lily não estava de saltos, usava apenas mocassins.

— Vai ficar aqui o dia todo?

— A perspectiva incomoda?

Como incomodava! Mas estaria perdida se admitisse isso.

— De forma alguma. 13h está bom para que sirva o almoço?

— 13h está bom.

Lily inclinou a cabeça.

— Gostaria de dar uma olhada nos meus *e-mails* mais tarde. Pode ser depois do almoço?

Ao receber a resposta afirmativa de Alessandro, virou-se e foi para sua suíte.

Não ficou ciente de que Alessandro continuou ali de pé até que saísse de vista. Ele sentia-se em desacordo com suas emoções, queria puxá-la para seus braços e beijá-la, até que implorasse por misericórdia... ou o quê?

Dar mais um passo e levá-la para a cama dele? Isso funcionaria... não. Costelas doloridas, que por um triz escaparam da contusão, além do choque e nada que chegasse perto de intimidade não aconteceria. Por enquanto.

Nesse meio-tempo, teria de se distrair com o trabalho.

Com o almoço em mente, precisava resolver o que preparar. Massa era um coringa e havia tomates frescos, ingredientes para preparar um pesto, além de pão no congelador para fazer umas bruschettas.

Foi prazeroso saber que Alessandro tinha investido em excelente equipamento e essa cozinha era um sonho, considerando que pertencia a um apartamento. Quem quer que a tivesse projetado, sabia onde construir armários, posicionar os fornos duplos, o fogão e gavetas próprias para guardar as panelas, além de abundância de espaço na bancada.

Será que ele cozinhava? Ou jantava fora?

Precisamente à uma hora, Lily colocou o almoço na mesa e teve seus nervos abalados, quando Alessandro apareceu sem avisar.

Ele possuía o andar silencioso de um gato e sua mão deu uma pequena tremida, quando indicou a mesa.

Os olhos dele se estreitaram. Ela estava pálida e as manchas roxas começavam a aparecer em seu rosto.

Alessandra sentiu a raiva crescer em relação ao ex-noivo de Lily. Era só

uma questão de tempo, antes de descobrir o paradeiro de James.

Ele a observou pegar a comida, deu uma provada e colocou o prato de lado.

— Não está com fome?

— Estou bem — ela levantou. — Você termina, enquanto eu preparo o café.

Alessandro a deixou ir e, quando terminou, entrou na cozinha com os pratos e talheres e os colocou na bancada.

— A massa estava ótima — ele elogiou, pegando seu café. — Vou levar o café comigo.

Lily inclinou a cabeça e continuou colocando os pratos na máquina.

Uma noite, ela refletiu quando voltou para sua suíte e conectou seu laptop ao Wi-Fi de Alessandro. Depois voltaria para seu próprio apartamento.

Algo que a assolou enquanto eles dividiam a limpeza da cozinha, depois do jantar.

— Não.

— O que quer dizer com "não"? — Lily perguntou. — Estou perfeitamente bem.

— James sabe onde você trabalha, onde mora. Até que seja pego e acusado, você vai ficar comigo.

— Você deve estar brincando. Isso é ridículo.

— Amanhã vamos ao lago Como passar alguns dias. Na minha casa — ele enfatizou. — Como é de seu conhecimento, James já sabe o endereço de Sophia.

O que, com sucesso, sufocou o protesto que ela queria expressar.

James não iria... iria? Um mês atrás teria dito "não", mas agora? Quem poderia garantir?

— Sophia ainda não sabe do ataque. Por que a deixar preocupada?

O fato de ele ter razão a aborrecia.

— Você não está me dando nenhuma opção.

Alessandro foi até ela e colocou para trás a mecha de cabelo que caía em seu rosto.

— Não.

Ele estava perto, muito perto para confortá-la, e ela silenciosamente se irritou com o aumento de seu batimento cardíaco. Queria sua vida de volta, voltar à normalidade. Não uma gangorra emocional que parecia acelerar a cada dia.

— Vou dormir cedo.

Alessandro a segurou pela nuca, olhou para aqueles olhos dilatados e a beijou na testa.

— Durma bem.

Algo que ele não conseguiria fazer, sabendo que ela ocupava a suíte muito perto da dele.

CAPÍTULO DOZE

A casa de Alessandro era uma mansão luxuosa, situada na encosta da montanha sobre o lago Como, ao lado de uma estrada sinuosa, ladeada por árvores.

Havia um ar de tranquilidade aparente, uma sensação de paz que permeava o lindo interior mobiliado de forma exuberante. A iluminação era requintada e tinha uma escada em curva, com o corrimão ornamentado.

Uma mansão, mas também um lar, Lily admitiu quando Alessandro lhe mostrou a suíte de hóspede. Em uma só palavra: incrível. Era um santuário, bom tanto para uma estada agradável e relaxante como para entretenimento.

— Minha governanta preparou almoço e tem uma lasanha na geladeira para o jantar. — Alessandro colocou a bolsa dela em um cabriolé, próximo à janela. — Tem uma sala de mídia no fim do hall e uma biblioteca com DVDs. Sinta-se à vontade para escolher o que quiser.

— Obrigada.

Ele assumiu o papel educado e simpático de anfitrião, o que estava perfeitamente bom. Pelo menos, proporcionava uma pequena distância, o que era uma ótima coisa, Lily admitiu.

Não cobiçava sua atenção ou companhia, mas, então, por que a sensação vaga de decepção? Não fazia sentido.

Admita, ela advertiu a si mesma enquanto desfazia a mala. *Você gosta dele. E mais do que gostar. Ele ativa algo dentro de você, algo que tem medo de explorar.*

A cada dia que passa parece que está dando um passo na direção... qual?

Seria tão fácil se entregar, desfrutar a companhia dele na cama, uma parte de sua vida, pelo tempo que fosse, sem laços.

Talvez fosse o que precisava.

Um caso.

No entanto, sabia que quando terminasse ficaria com o coração partido, com poucas opções senão deixar Milão, Sophia e se estabelecer longe da visão de Alessandro.

Então por que dar o primeiro passo caminho abaixo?

Ao longo do dia, usou a conexão de Alessandro à internet, verificou seus *e-mails* e, depois do almoço, explorou as redondezas.

Os jardins tinham arbustos decorativos perfeitos, em comunhão com o funcionamento da vida dos pássaros. E para seu deleite, havia um gatinho preto e branco sentado sob o sol fraco.

— Você é uma coisinha adorável. — Ela se aproximou cuidadosamente, tentando não afugentá-lo. — Fico imaginando a quem pertence.

O gatinho permaneceu sentado, observando Lily se aproximar, e balançou a cabeça quando ela se ajoelhou.

Curioso, o gatinho avançou para frente e parou bem pertinho, para farejar.

Lily, lentamente, esticou a mão e inclinou-se para frente, quase caindo de cara nas patas do bicho.

Foi fácil colocar aquela bolinha peluda em suas mãos e, para surpresa de

Lily, o gatinho debruçou a cabeça e começou a ronronar.

Amor à primeira vista. Lily o levantou e o acariciou com a bochecha e recebeu uma lambida em retribuição.

De dentro do escritório da casa, Alessandro observava tudo da janela. Então a gata da governanta havia tido uma nova ninhada e ficou ciente de que deveria encontrar, em breve, um lar para os filhotes.

Viu Frederica, a gata mãe, que procurava pela sua ninhada, e ele observou o momento em que o bicho sentiu a presença humana e momentaneamente ficou na dúvida sobre prosseguir ou recuar, mas o instinto materno falou mais alto.

Lily cederia o gatinho?

Suavemente, ela esticou a palma da mão e o entregou para Frederica.

O gesto doce entre duas fêmeas, uma humana e outra felina, o tocou de uma forma que raramente o afetava, e ele observou Lily permitindo que ela segurasse o gatinho pelo pescoço com a boca, e, então, trocasse de volta para o ninho, onde estavam os outros filhotes.

Conhecendo o coração mole de sua governanta, sem dúvida havia um cobertor macio em uma cestinha em local seguro.

Ele ficou ali, por alguns minutos, enquanto Lily se levantou e seguiu Frederica até que a gata desapareceu de vista.

O jantar foi solitário, já que Alessandro teve sua presença requisitada no escritório, obviamente devido a algum fato importante. Lily comeu sozinha, colocando a lasanha para esquentar no micro-ondas, acompanhada de salada e pão. Depois, seguiu para a sala de mídia.

Já passava das dez, quando o filme que escolheu para assistir terminou. Sua cama a chamava; assim, ela entrou na suíte, colocou a roupa de dormir e entrou debaixo dos lençóis.

Dormiu com facilidade, mesmo com as imagens perturbadoras que assolaram sua mente no começo. No meio da noite, acordou e, momentaneamente, não reconheceu onde estava, até que a memória voltou e a lembrança vivida do ataque de James começou a surgir.

Nada bom. Não importava o quanto tentasse, não conseguia mais pegar no sono.

Depois do que pareceu uma eternidade, saiu de baixo dos lençóis e desceu as escadas. Leite quente ajudaria e foi até a cozinha providenciar. Logo depois, saiu para observar o jardim.

Alessandro a encontrou e disse o nome dela baixinho, enquanto ia em sua direção.

Lily olhou para ele; estava sem camisa, a calça jeans com o fecho aberto, e se perguntava o que teria perturbado o sono dele.

— Estou tão acostumado a trabalhar em ritmo acelerado que uma vida mais tranquila afeta meu sono — ela disse com leveza.

— Não teve sonhos ruins, teve?

Quando ela não respondeu, ele foi até ela e lhe segurou o queixo.

— Liliana?

Por que ele fazia aquilo? Ela não precisava daquele toque suave ou da voz rouca. Isso a afetava de uma forma que não conseguia suportar, elevava seus sentidos a um nível alarmante.

— Apenas um — ela admitiu. *E eu acordei sozinha e não sabia onde estava.* Levantou a caneca. — Leite quente. Sempre funciona.

— Você quer falar sobre isso?

Um pequeno tremor percorreu-lhe o corpo.

— Particularmente, não.

— Então, vamos colocar você de volta na cama. — Alessandro pegou a caneca da mão de Lily, colocou em cima da mesa e a pegou pela mão.

Ela quase pôde acreditar no impossível, só que isso seria semelhante a perseguir feijões na lua. E não acreditava mais em conto de fadas.

Mas uma noite, somente uma noite nos braços desse homem, seria uma maravilha para sua alma ferida. Sentir-se desejada, mesmo que fosse por um pequeno espaço de tempo. Adormecer nos braços quentes, sabendo que quando acordasse ele ainda estaria lá.

No entanto, haveria o inevitável, *o depois de tudo*, que, mesmo que o sexo fosse fantástico, seria uma única coisa, e aonde isso a levaria?

Ele a escoltou até a suíte, *então saia*.

Só que ele não saiu e ela não pediu para que não ficasse. Lily por um minuto olhou para ele; em seguida, ouviu uma voz rouca emergir da garganta de Alessandro, enquanto se movia para a cama, puxando-a para o lado dele.

— Durma Lily. E, pelo amor de Deus, não se mexa demais... há muito que um homem possa desejar.

Sentiu-se bem. Mais do que isso, como o gatinho que ela confortou mais cedo. Ela colocou a cabeça na curva do ombro de Alessandro e dormiu. Enquanto ele se manteve acordado, completamente excitado.

As luzes invadiam as janelas quando ela acordou e, por um momento, achou que estava em seu apartamento. Só que o quarto era o errado, a cama não era a dela, e estava enrascada como uma concha, num corpo masculino.

Pior, a mão de Alessandro segurava-lhe o seio. Um homem muito viril.

— Está acordado.

— Não, estou dormindo e você é parte de um sonho muito ruim.

Ela sentiu a respiração quente de Alessandro e fez um esforço para se soltar, só que sem muito sucesso. E muito tempo depois se perguntava por que não tinha colocado mais esforço na tentativa.

Por que queria o que não deveria ter?

Uma necessidade de prolongar o conforto que ele oferecia?

Ou porque sentia que fosse certo ficar exatamente onde estava?

Era tudo isso junto.

No entanto, ela ainda protestava.

— Não acho que seja uma boa idéia.

Alessandro afastou o cabelo de Lily e aconchegou-se na curva do pescoço dela.

— Você não joga limpo — ela falou trêmula, e murmurou quando ele traçou a curva com a ponta da língua.

Sucumbir a ele tornou-se uma tentação inegável e Lily emitiu um som, enquanto ele traçava o caminho até os seus seios. Então, suavemente, Alessandro os despiu e sentiu os bicos com sua boca, saboreando-os como se fossem a melhor iguaria.

Com o maior cuidado, levantou a camiseta de Lily, retirando-a pela cabeça.

Lily encontrou os olhos escuros dele e foi incapaz de desviar o olhar, enquanto ele segurava cada um de seus seios, alisando um polegar sobre cada bico até que ficassem eretos. Então, desceu as mãos até a cintura de Lily,

procurando pelo botão do elástico do cós da calça macia que usava, até que a calça caísse a seus pés.

Instintivamente, colocou a mão de forma protetora sobre seu cerne feminino.

— Assim tão tímida Liliana?

Um suspiro saiu da boca de Lily quando ele baixou sua cabeça e tomou-lhe a boca com um beijo exploratório que tirou sua mente do ar. Só tinha consciência do toque de Alessandro, do aroma de sabonete que usou no banho, misturado com o cheiro de almíscar.

O braço dele deslizou pelas costas de Lily e segurou sensualmente suas nádegas, trazendo o corpo dela para junto do seu, o que fez com que ela sentisse a espessura da ereção de Alessandro.

Um calor invadiu-lhe o corpo, quando ele procurou os pelos macios do ápice das coxas de Lily e deslizou um dedo entre as dobras úmidas, então encontrou o clitóris, sentiu o estremecimento dela diante de seu toque, só para ouvir sua respiração afiada, quando ele, habilmente, a levou ao orgasmo e a segurou quando estava completamente entregue.

Por longos minutos, ela simplesmente repousou, envolvida demais com a reação do próprio corpo a ponto de não conseguir se mover e murmurou em protesto quase inaudível quando ele lhe pediu para olhar para ele.

— Deixe-me lhe dar prazer.

— Foi o que acabou de fazer — Lily conseguiu dizer com a voz rouca de emoção e ouviu o leve riso de Alessandro.

— Não o suficiente — disse baixinho e começou a trilhar a boca em um movimento lento e provocante no meio de suas coxas, abrindo-as cuidadosamente, banhando a umidade doce, sondando as linhas suaves com a língua, buscando seu clitóris, tão sensível ao toque.

Lily cravou os dedos nos cabelos dele e os segurou, à medida que enlouquecia, fazendo com que emitisse do fundo da garganta o mais primitivo dos sons, e seu corpo todo se debatesse em êxtase.

Ela ouviu um grito baixo e agudo e percebeu que era sua própria voz em protesto, quando ele fez uma pausa momentânea para pegar proteção.

Havia apenas um fator consumindo cada célula do corpo de Lily: a necessidade de ser possuída.

— Alessandro, agora. — O pedido lhe escapou e acabou em um gemido, quando ele começou a trilhar o caminho entre pés, barriga e seios, dando mordidas suaves na carne macia, antes de lhe possuir a boca em um profundo beijo erótico.

Quando ela sentiu que já não conseguia mais suportar, ele levantou a cabeça e observou os olhos de Lily repletos de paixão; era como se a terra tivesse parado por eternos segundos, então Alessandro se posicionou e a possuiu.

Viu os olhos de Lily dilatarem, à medida que absorveu toda a sua ereção. Tudo que ele precisava era mergulhar profundamente, os lábios dela se abriram em um suspiro silencioso, assim que ele, lentamente, começou a se mover. Então, aumentou o ritmo, levando-a junto. Queria que Lily chegasse ao ápice e estava tão perto que ela se agarrou a ele. Alessandro a segurou e Lily se desfez.

Ela não tinha palavras, não conseguia descrever como se sentia ou o que tinha experimentado nos braços de Alessandro.

Era o céu, simplesmente o céu.

Depois, tomaram banho juntos e foi aí que ela viu as cicatrizes no corpo de Alessandro. Lily, suavemente, acariciou a cicatriz e se perguntava o que havia acontecido. Três eram provenientes de facadas e um recuo enrugado desafiava sua compreensão.

— Você as considera repugnantes?

Ela o olhou fixo e sacudiu a cabeça.

— Não. — Sentiu um nó na garganta e engoliu com dificuldade. — São parte de quem você é. — Sem parar para pensar, Lily trilhou cada imperfeição com os lábios. — Talvez um dia você me fale sobre elas.

Lily sentiu a necessidade de se agachar um pouco e traçar o emblema tatuado no quadril de Alessandro. Prendeu a respiração quando se levantou e estendeu a mão para ele.

Em um momento espontâneo, ela prendeu as coxas ao redor da cintura dele e puxou-lhe a cabeça em direção à sua, e beijou-o de forma provocativa, o que só poderia terminar de uma única maneira.

Saíram para se enxugar e Alessandro colocou um braço debaixo da coxa de Lily e a levou para cama.

Alguns dias depois, durante o jantar, Alessandro deu a notícia de que James tinha saído da Itália.

— Como pode ter tanta certeza? — Lily perguntou, duvidando.

— Certifiquei-me de que ele soubesse que as conseqüências do ataque físico a você envolveriam encarceramento em uma prisão italiana. Sem mencionar sua intenção de processá-lo por lesões e privação de liberdade.

— Você o confrontou? — indagou incrédula.

— Imaginou que eu não o faria?

— Sim... não — Lily disse confusa e por um momento não soube o que dizer. — É isso?

Não exatamente, Alessandro refletiu, embora não houvesse necessidade de detalhar tudo.

— Ainda tem mais? — Lily perguntou baixinho, tentando ler as expressões de Alessandro.

— Se ele valoriza a própria pele, vai abandonar a intenção de pedir qualquer recompensa legal para você.

— Você o ameaçou?

— Depende de como interpreta ameaça. Foi só um lembrete para que nunca mais tentasse entrar em contato com você, sob nenhuma circunstância.

Houve um momento de silêncio.

— Entendo — Lily disse finalmente.

— O que você entende?

Demais, mas não o suficiente.

— Quero lhe agradecer. Sua ajuda e seu apoio não têm preço.

— Apoio, Lily?

Era inútil fingir quando tinha uma memória tão viva sobre o que haviam compartilhado na cama e fora dela.

Ele não se moveu; no entanto, apresentou uma mudança sutil, que deixou seus nervos em alerta. Havia uma paralisia aparente, um vigilante elemento que exigia controle. Uma raiva silenciosa por parte de Alessandro que beirava o primitivo.

— Você tem sido muito generoso — ela acrescentou cuidadosamente. — Devo muito a você.

A presença constante dele, desde que ela chegara a Milão, sua participação como parceiro social. O emprego no restaurante, o apartamento.

Alessandro a presenteou com algo que não sabia que existia: a beleza de um amor sem egoísmo. Pensar sobre o que tinham compartilhado ativava o sangue nas veias de Lily, esquentava-lhe o corpo, e fazia com que vibrasse... somente por ele.

Semanas... tinha se conectado com Alessandro apenas poucas semanas atrás. Uma amizade fomentada por Sophia, garantida pela lealdade e afeição ao casal que o tornou o homem que era hoje.

No entanto, evoluiu para algo além de uma mera amizade.

Será que era real? Ou simplesmente um flerte conveniente e passageiro para preencher um buraco na vida dele?

Como poderia ela saber?

Tinha pouca idéia do que a movia, exceto um instinto de descobrir que Alessandro não era um outro James... um homem que escondeu as verdadeiras cores tão bem, a ponto de ela não conseguir detectar nada durante o relacionamento que tiveram.

Confiança tinha de ser conquistada, mas como poderia estar totalmente certa disso?

— Eu acho que cada um de nós precisa de um pouco de espaço.

Os olhos de Alessandro escureceram.

— E qual seria a razão?

Havia uma necessidade de prosseguir.

— Não entro em relacionamentos casuais.

— É isso que acha que existe entre nós?

— E não é?

— Não.

— Não é apenas desejo sexual?

— Você considera desejo sexual um ponto negativo?

A voz de Alessandro era macia... quase perigosa. Como poderia negar que seu corpo ganhava vida toda vez que pensava nele? E acontecia a todo minuto do dia... e da noite.

Era loucura, uma loucura que não poderia agüentar se quisesse manter o bom senso.

— Seu corpo treme toda vez que olho para você. — Alessandro afirmou.

— A pulsação de sua garganta acelera. Tem arrepios quando a toco e quando fazemos amor você se entrega completamente. Seu coração... sua alma.

Era a verdade nua e crua, no entanto, não conseguia admitir.

— Fizemos sexo.

— Fizemos amor — ele a corrigiu.

— Tem diferença?

Se imaginou que o deixaria com raiva, não obteve sucesso.

— Isso não merece nem resposta.

— Isso aconteceu rápido demais.

— E considera uma coisa ruim?

— Eu conhecia James há mais de um ano quando ficamos noivos. Por meses ele compartilhou minha casa, minha cama — ela falou com uma honestidade inata. — Acreditei que ele me amasse. Como provou, não o

conhecia em nada.

— Compararia James a mim? — Alessandro perguntou com leveza.

Eram dois homens tão diferentes quanto giz e queijo.

— Não.

— Você o amava?

— Achei que sim.

— Somente achou, Liliana?

Uma sensação vertiginosa subia-lhe pelo corpo toda vez que ele pronunciava seu nome completo.

Tentou determinar alguma coisa ao analisar a expressão de Alessandro, mas nada conseguiu. Ele tinha anos de experiência em criar uma máscara impenetrável, enquanto ela era um livro aberto.

— James queria pegar uma trilha para o que chamava de vida atraente. Eu era uma mulher jovem, com uma herança considerável, um negócio de sucesso, tinha uma casa bonita em uma área rica da cidade. Ele fez bem o jogo.

Alessandro resistiu à vontade de puxá-la para junto de si e beijar-lhe a boca.

— É isso que acha que estou fazendo?

Deus... não. O toque da boca de Alessandro na sua, as mãos em seu corpo, as emoções que ambos compartilhavam e a forma como reagiam um ao outro. Não poderia ser um mero ato prático, poderia?

Ele segurou-lhe as faces.

— Eu só preciso de você. Tudo o que você é. Seu sorriso, o jeito com que seus olhos brilham quando olha para mim. O amor que me dá com tanta generosidade... — Ele a tocou os lábios. — Você me faz perder a respiração.

— O que está sugerindo, Alessandro?

— Compartilhar minha vida com você, um anel em seu dedo... que seja a mãe dos meus filhos.

Lily ficou boquiaberta, mas não emitiu nenhum som. Nesse momento não encontrava palavras sensatas. *Casamento?* Lily engoliu o nó que lhe veio à garganta.

— Não pode estar falando sério — conseguiu finalmente dizer.

— Liliana. — Alessandro observou as bochechas dela ficarem vermelhas e as memórias dela em seus braços vieram-lhe à mente. A sensação de estar fazendo a coisa certa, que experimentava nos momentos que compartilhavam, mostrava que nunca poderia se sentir dessa forma com mais ninguém; era muito especial, infinito.

— Como pode querer esse tipo de compromisso após somente poucas semanas? — ela perguntou com uma sensação de choque e incredulidade.

— Facilmente — Alessandro afirmou e observou os olhos de Lily queimarem de incerteza.

Ela precisava de tempo para absorver aquilo tudo. Não havia nada de errado com a espontaneidade em alguns aspectos da vida, mas... casamento?

No entanto, havia uma parte dela que queria pular nos braços de Alessandro e dizer "sim". Aceitar tudo que ele oferecia sem pensar ou questionar.

Ela quase o fez, mas sabia que ele reconhecia a complexidade de suas emoções. Sabia que, em um nível subliminar, se chegasse até ela agora, Lily seria dele. Porém, também tinha consciência de que o próximo passo deveria

ser de Lily.

Uma estratégia consumada e arriscada, mas que estava disposto a assumir.

— Você tem uma semana — Alessandro disse com suavidade.

— E então?

Ele levou um tempo, antes de responder:

— Eu irei buscá-la.

— E se eu decidir procurar você?

— Sabe onde me encontrar.

Sim, ela sabia.

CAPÍTULO TREZE

Dormir foi uma tarefa difícil e Lily se levantou, na manhã seguinte, decidida a manter-se ocupada. O trabalho se tornou uma panacéia, à medida que ela implorou ao gerente para que ficasse em todos os turnos disponíveis.

Por quatro dias e noites, trabalhou incansavelmente, tirando apenas os intervalos costumeiros em que dirigia até seu apartamento, tomava um banho, caía na cama e começava tudo novamente.

Não ajudou. Nada ajudava. Ainda se revirava na cama todas as noites.

Todas as manhãs, observava as olheiras, devido à insônia.

Foi Hannah quem tomou a iniciativa de puxar Lily para um canto, no final de um turno da noite.

— Um café e então me conta que diabos está acontecendo com você.

— Eu estou bem.

— Uh-hum, certamente. Tem uma cafeteria descendo a rua. Vamos!

Sentaram-se e pediram dois cafés.

— James voltou para a Austrália. — Era uma forma de começar.

— Um bom rumo para um homem totalmente inesquecível. E Alessandro?

Quando Lily não respondeu, Hannah afastou o café.

— O jeito como ele olha para você me dá arrepios na espinha, em um bom sentido — ela acrescentou. — Qual o problema?

Eu, Lily admitiu em silêncio. Estou com medo de alcançar algo que desejo. Estou apreensiva por poder estar cometendo um erro, assim como fiz com James.

No entanto, a cada hora que passava, sentia mais a falta de Alessandro. De suas mãos em seu corpo, da sua boca... Oh, Deus. Estava ficando mais emocional a cada dia.

Até para Sophia, quando telefonou, manteve o silêncio, preferindo não tocar no nome de Alessandro. Lily nunca tinha se sentido tão confusa na vida.

— Nada com que não possa lidar — Lily declarou. — Obrigada.

— Ei! Eu perdi alguma coisa aqui?

— Nada — Lily, disse pegando a bolsa para pagar pelos cafés. — É por minha conta, eu insisto.

— Você tomou uma decisão — Hannah disse com satisfação.

— Sim, tomei.

— Muito bom. — Hannah pegou suas coisas. — Vamos?

Juntas andaram até onde seus carros estavam estacionados, despediram-se e Lily ligou o motor, pegando o caminho de casa.

Tomou um banho maravilhoso e, pela primeira vez em muitas noites, dormiu como um bebê, acordou revitalizada e pediu uma troca para trabalhar no turno do almoço, a fim de que terminasse cedo.

Seu plano era simples; escolheu as roupas cuidadosamente, trabalhou e então se dirigiu ao escritório de Alessandro.

Estacionar não foi o problema. Saiu do carro e se dirigiu aos elevadores.

E se ele estivesse em uma reunião com algum cliente importante? Pior, e se não estivesse no escritório?

O elevador parou e ela saiu em um elegante vestíbulo, com o nome "Indústrias Del Marco" estampado na porta de vidro em frente a ela. Respirou fundo e se dirigiu à recepção, onde foi recebida com interesse e gentileza.

— *Signor* Alessandro Del Marco — Lily disse com educação recíproca.

— O *signor* Del Marco está em uma conferência.

— Pode informar à assistente que Liliana Parisi está aqui e deseja falar com ele quando estiver livre?

— Claro. — A recepcionista se virou para o console, apertou um botão, falou em tom baixo e encerrou a chamada. — Christina vai levar a senhora até a sala particular do *signor* Del Marco.

Dentro de minutos, uma mulher jovem bem vestida apareceu, apresentou-se e acompanhou Lily até uma sala confortavelmente mobiliada.

— Por favor, sente-se. O *signor* Del Marco estará com a senhora em breve. Posso lhe oferecer algo para beber? Café, chá, água?

— Estou bem, obrigada.

— Tem uma seleção de revistas, caso queira ler. — Christina lhe ofereceu um aparelho telefônico. — Se precisar de alguma coisa, não hesite em me contatar.

Então, Lily ficou sozinha. O que considerava breve? Isso importava? Ela folheou as páginas de uma revista, tentando ignorar seu estado de nervos e manter o equilíbrio.

O tempo parecia passar devagar e virava página por página da revista sem prestar atenção a nenhuma palavra ou fotografia.

Estava prestes a pegar a terceira, quando a porta se abriu e Alessandro entrou.

Os olhos dele se fixaram nos dela. Lily se levantou e andou em direção a ele; abriu um sorriso trêmulo.

Alessandro não disse uma palavra; tudo que sentia por ela estava claramente evidente. Amor, em todas as suas facetas.

Apenas ela... somente por ela.

Ele baixou a cabeça e a beijou, sentiu que Lily estremeceu, então levantou a mão e segurou seu rosto.

Ele saboreou-lhe a boca por um tempo que pareceu uma eternidade. Ela, então, levantou os braços e os entrelaçou no pescoço de Alessandro e segurou, enquanto ele intensificava o beijo de uma forma tão apaixonada que a

fez perder a noção de tempo e lugar.

Ali, só existia um homem, com seu poderoso corpo junto ao dela. Sentiu o comprimento rígido de sua excitação, quando ele deslizou a mão por suas costas e a apertou contra seus quadris.

Pareceu uma eternidade até que ele aliviasse a pressão. Beijou a ponta de seu nariz, a testa, o queixo e brincou com seus lábios, antes de levantar a cabeça e olhar profundamente dentro dos olhos de Lily.

— Por que demorou tanto?

— Por tolice. Consegui convencer a mim mesma de que os motivos eram válidos.

— E não é verdade?

Era o momento para honestidade:

— Acreditava que o amor precisasse de um tempo para florescer, a partir da atração inicial, e não atingir como um raio e girar o mundo ao redor de seu eixo.

Alessandro abriu um sorriso, o que fez com que ela pressionasse os lábios.

— Depois de um relacionamento desastroso com James, não queria mais nada com homens. Mas, então, você apareceu e se tornou constante em minha vida. Primeiro, imaginei que estivesse fazendo um favor para Sophia e valorizava isso. Mas as coisas tomaram rumos inesperados e foi fácil confundir as emoções com bom sexo.

Lily fez uma pausa para analisar as expressões de Alessandro, implorando para que entendesse.

— Acha que não entendi suas incertezas? — ele perguntou gentilmente.

Sim, ele, de fato, entendera. Era um ótimo estrategista, que a conhecia melhor do que ela mesma.

— Eu te amo. — Palavras simples que foram tão difíceis de serem reconhecidas e aceitas. — No entanto, o coração percebeu a verdade.

— *Grazie di Dio*. — As emoções eram evidentes na voz de Alessandro, enquanto dominou a boca de Lily, a deixando sem ar.

Quando ele levantou a cabeça, tudo que ela conseguia fazer era olhar para ele com lágrimas nos olhos. Alessandro alisou delicadamente suas faces.

— Liliana — pronunciou vendo as lágrimas derramadas por Lily. — Você é a minha vida; tem meu amor e meu coração.

Lily quis chorar e rir ao mesmo tempo. Em vez disso, levantou os dedos trêmulos em direção às bochechas, ele os segurou e beijou-lhe as lágrimas.

— Vamos sair daqui, humm?

— Já terminou com as tarefas do dia?

— No escritório... sim, mas com você... não. — Ele colocou o braço sobre o ombro dela e indicou a porta.

Juntos, atravessaram o corredor e chegaram até a recepção, onde Alessandro abriu um sorriso para a recepcionista e levou Lily para o hall dos elevadores. Quando as portas se abriram, entraram e apertaram o botão do térreo. Ele a olhou e deu-lhe um beijo nos lábios. Tudo que compartilhava com aquele homem não tinha preço, era tudo com que algum dia sonhou.

Era verdade que o destino lhe dera um presente, algo muito especial. Um presente que quase recusou. Porque não conseguia mais ter fé e acreditar em seu coração.

O carro de Alessandro estava parado em uma área reservada. O trânsito

estava caótico, conseqüentemente, demoraram a chegar ao apartamento dele. Alessandro estacionou o carro, saiu e foi até Lily com os olhos tomados de paixão.

— Obrigada. — As palavras eram sentidas no coração.

— Pelo que, especialmente?

— Por tudo — Lily simplesmente disse. — Pelo carinho, amor...

Nada na vida tinha mais significado do que aquela mulher, que havia dispensado suas defesas impenetráveis e entrado em seu coração como nenhuma outra poderia ter feito.

Alessandro colocou os braços ao redor do corpo esguio de Lily e apossou-se de sua boca em um longo beijo primitivo, urgente. Aumentando o desejo por mais e mais.

Pele com pele, a liberdade de saborear, o presente do prazer sensual.

De alguma forma, ela conseguiu recuar um pouco, um soluço fraco de riso subiu-lhe pela garganta e ela segurou o queixo de Alessandro com as mãos trêmulas.

— Estamos no meio da rua, à vista de todos.

— Não é uma boa idéia?

Ele a estava provocando.

— Não consigo imaginar nada melhor. — Ela puxou a cabeça de Alessandro e sussurrou algumas palavras.

Ele riu, colocou a mão embaixo das coxas de Lily e a levantou nos braços, até a entrada do prédio.

— Sou perfeitamente capaz de andar sozinha — ela o repreendeu enquanto esperavam o elevador.

Em questões de segundos, a porta se abriu e eles entraram.

— Estou interessado em conservar sua força.

Ela queria rir e chorar ao mesmo tempo.

— Mesmo?

— Uh-hum.

O elevador parou e se dirigiram ao apartamento.

— Pode me colocar no chão.

Ele pressionou sua boca na dela e continuou em direção ao quarto.

Foi só aí que a pôs no chão e levou as mãos até sua blusa, abriu os botões e deixou-lhe o corpo à mostra.

Depois tirou o sutiã e segurou-lhe os seios, então alisou os bicos com os dedos, acariciando até que ela se moveu inquieta sob seu toque, ávida para lhe tirar a roupa. Então lhe arrancou o paletó, a gravata e desabotoou a camisa, depois abriu o cinto, o zíper da calça e o que quer que tenha dito ficou perdido assim que a boca de Alessandro encontrou a sua.

Lily nem se lembrava de como o restante de suas roupas desapareceram, teve apenas a sensação de que não estava mais de pé, mas deitada nos lençóis macios, enquanto Alessandro se deliciava com a boca de forma tão intensa que mal conseguia suportar.

Sentiu uma necessidade desesperada de retribuir, então o colocou de costas na cama, lançou um olhar, cheio de promessas misteriosas, percebendo a pulsação na base da garganta de Alessandro.

Sem se contentar, ela saboreou, provocando, sugando os bicos do peito dele, beijando-o e rendendo-lhe um tratamento semelhante.

Ele emitiu um som, quando ela lentamente deslizou até seu umbigo,

explorando o recuo com um cuidado primoroso, antecipando a intenção do próximo passo.

A pele era suave como seda esticada, a cabeça estava inchada; ela simplesmente, circulou com a ponta da língua e o ouviu gemer.

Com beijos macios, ela atravessou o comprimento duro, provocou um pouco, e então concedeu-lhe o prazer máximo.

— *Santo Cielo* — as palavras saíam roucas da garganta de Alessandro e seu corpo poderoso estremeceu tentando manter o controle.

Lily experimentou da sua força feminina muito rapidamente, pois ele a pegou pela cintura, a rolou na cama em um movimento fluido.

Então, foi a vez de ela suspirar, à medida que ele a possuiu e manteve-se estável, lutando para se conter, antes de começar o movimento, atormentando-a, até que Lily implorasse, em uma voz que ela mesma não reconheceu.

Era mais, muito mais do que podia acreditar ser possível. Mente e corpo em perfeita harmonia com o de Alessandro, enquanto escalavam os picos juntos. Pararam na beira, em seguida dispararam uma sensação aguda em espiral através de seus corpos.

De repente a respiração rápida de Lily foi voltando ao normal e ela pressionou os lábios na face dele, enquanto ele saboreava a doce magia que era só dela.

Lily não queria se mexer, não achava que podia. Por um tempo, eles simplesmente ficaram abraçados num rescaldo delicioso depois de fazer amor.

Amor. Lily refletiu sobre o caminho que sua vida tinha tomado e sobre o homem... que se não fosse pelo destino, nunca teria descoberto...

Levantaram-se da cama muito mais tarde, tomaram um banho e vestiram roupas casuais.

— Vou preparar o jantar — Lily ofereceu.

— Vamos fazer isso juntos.

A despensa e a geladeira apresentavam muitas possibilidades, então decidiram fazer vitela à *parmigiana* com salada para acompanhar um Sauvignon Blanc e terminando com um delicioso sorvete de fruta.

— Vai protestar se eu sugerir que nos casemos logo?

— O que quer dizer com "logo"?

— O tempo necessário para organizar as coisas.

Sophia ficou tão entusiasmada com a notícia que a satisfação genuína que demonstrou quase a deixou em lágrimas. Começou, então, a experimentar vestidos, organizar a papelada que precisava vir da Austrália, uma doação para igreja para que o padre local os casasse privativamente na casa de Sophia. Não seriam muitos convidados, apenas uma cerimônia íntima.

— Por favor — Lily falou quando Sophia protestou. — Cancelei o vestido caro de noiva, a grande recepção, o bolo ornamentado, já que tudo tinha virado um fiasco.

— Eu entendo — Sophia respondeu. — Nesse caso vou organizar uma festa quando voltarem da lua de mel, vai ser meu presente para você.

— Zia...

— Você é minha filha perante Deus, minha querida sobrinha.

Alessandro colocou a mão na nuca de Lily.

— *Grazie*, Sophia, vamos aceitar com prazer.

Duas semanas depois, dava os toques finais na maquiagem, no cabelo e entrava no sapato alto cor de marfim.

O vestido de seda marfim era simples, mas tinha estilo. O decote era redondo, as mangas, três-quartos, e a saia caía até o tornozelo. O véu descia de uma delicada coroa.

Usava o mínimo de jóias, um pingente de diamantes, combinando com os brincos e o lindo anel, também, de diamantes que Alessandro havia lhe dado.

Com um sorriso, expresso até em seus olhos, virou em direção à tia.

— Minha querida Lily, você está linda. Estou muito feliz por você.

— Obrigada por tudo — falou com a voz emocionada, dando um abraço carinhoso na tia. — Não ouse chorar, senão choro com você e as duas vão ter de refazer a maquiagem, o que vai atrasar toda a cerimônia. Alessandro pensará que mudei de idéia.

Sophia sorriu com humor.

— Eu duvido que ele permita isso.

— Não, nunca. — E o pensamento quase derreteu seus ossos.

— Alessandro ama muito você.

— Da mesma forma que o amo. Nunca achei que fosse possível amar com todo o meu coração. Saber sem sombra de dúvida que ele é tudo que sempre quis na vida.

— Essa era minha esperança, o foco de minhas preces.

Lily beijou o rosto de Sophia.

— Vamos?

Foi Sophia quem desceu as escadas ao lado de Lily e a acompanhou até a sala de estar, onde Alessandro esperava com o padre e Cario, o padrinho.

A cerimônia foi íntima e reservada, seguida por um jantar de comemoração. Depois foram passar a noite na casa de Alessandro no lago Como, antes de pegarem o vôo de Milão para Veneza.

Venezia, com suas pontes, canais, gôndolas. Era mágico.

Quando entrou na sala de estar ao lado de Sophia, Lily viu Alessandro se virar em sua direção e, por todos os dias, durante o resto de sua vida, enquanto ela andava até ele, soube que nunca esqueceria o olhar no rosto do marido.

Amor... em todas as suas muitas facetas, com a promessa de paixão imortal. Para ela, somente para ela.

A intensidade da emoção quase a desmanchou e ela piscou no esforço de segurar as lágrimas.

Os convidados sumiram de sua linha de visão, tinha olhos apenas para Alessandro, o sorriso dela era macio e trêmulo ao chegar ao lado dele.

Sem dizer uma palavra, ela levantou a mão para segurar-lhe o rosto e beijá-lo, um leve toque da sua boca na dele e baixinho ele pôde ouvir o que Lily disse:

— Amo você de todo coração. *Per sempre, amante.*

Para sempre.

Pela primeira vez na vida, Alessandro perdeu a capacidade de falar e segurou as mãos da noiva e as levou até os seus lábios. Seu coração e sua alma estavam vividamente refletidos em seus olhos, enquanto sua boca se curvava formando um lindo sorriso.

Mais tarde, encontrou as palavras... e mostrou com seu corpo o quanto ela significava para ele.

Liliana. Sua vida, o ar que respirava.

Seu único amor verdadeiro.

Per sempre.